





**Ana Mascarenhas**

**Em  
Carne  
Viva**



Reservados todos os direitos  
de acordo com a lei em vigor.

**©Editorial 100, Lda.**  
**Torre de Gente**  
**Outubro 2010**

**Capa, composição gráfica, fotografia:**  
Diego Martínez Lora

**Editorial 100:** Av. da República, 1277 Sala 3  
4430-204 Vila Nova de Gaia - Portugal  
**tel.** 00351 22 7722609 - 00351 93 6628540  
**site:** <http://www.editorial100.pt>

**Título:** Em Carne Viva  
**Autor:** Ana Mascarenhas

**ISBN:** 978-989-8387-  
**Impressão:**  
**Depósito legal:**



## *Palavras prévias*

Na sequência do meu primeiro livro intitulado “*Louca Sensatez*” em que revela a sensualidade e o erotismo feminino em prosa e poesia narrativa, invocando estados vários de paixão, sejam eles líricos, platônicos, românticos ou até realistas, escrevi o livro agora aberto que, traduz igualmente o elemento feminino mas, num estado diferente.

São várias as facetas da Mulher numa sociedade que evolui e retrocede. Lapidar essas esquinas torna-se desmedido, no entanto, tentei vaguear nos seus vários povoados que, sei ser o melhor local onde se manifestam, pernoitando e habitando, sem muitas vezes permitirem a invasão, concentrando-se apenas e só no seu mundo.

Foi desta forma devaneada, muitas vezes também presenciada que, melhor consegui descrevê-las vivenciando-me na pele de várias, por serem igualmente várias as vestes que trajaram.

Mulher escrava e sedutora.

Mulher moderna e sensual.

Mulher aparentemente só... Mulher sozinha mas acompanhada, Mulher escondida mas vivida, Mulher e sempre Mulher...

Quer seja amante, mãe ou filha, quer seja desonrada, honrada ou violada.

A Mulher traduz em si vários significados, várias facetas, vários estados em que se esconde e pronúncia, se veste despida e se revolta humilhada.

Por isso, ser Mulher empreendedora, trabalhadora e igualmente, Mulher sofrida mas também Mulher com garra, com chama, com presença e profissionalismo traduzem neste 5



livro intitulado ***Em Carne Viva***, um desafio para todas as Mulheres neste povoado imenso de características humanas mas igualmente desumanas.

Está nas mãos da Mulher, estão nas Nossas mãos mudarmos e não apenas presenciarmos.

Não mais evocaremos desculpas sem culpas, espalhando comodismos sem feitos e criando tempestades sem chuvas.

Não mais crucificaremos-Nos por feitos que não foram Nossos, por lugares que não são igualmente Nossos e por tempos que já foram tempos.

Saibamos fazer o que de melhor habita em Nós...

Viver, Amar intensamente e deixar pernoitar em Nós, o ser que escondemos e nem sequer nos permitimos a deixar-se soltar...

M de Mulher, M de Mundo, M de Mãe... somos Nós... vamos viver e não apenas sofrer...

**Ana Mascarenhas**

**Em  
Carne  
Viva**







## SIMPLESMENTE EU

Exponho-me sem preconceitos, dispo-me da minha nudez e nua  
fico sem palavras por contar.

Sou humana igual a tantas outras, com defeitos e virtudes,  
qualidades e diferenças.

Sou igual e única, sou...

Sou dura quando tenho que ser, inflexível quando exigente  
Sou vulgar quando quero omitir, folião quando desejo esquecer  
Sou rebelde quando quero provocar, provocadora quando quero  
afagos

Sou mistério para muitos, nitidez para outros

Sou fonte seca, mar cheio, complexa e prática

Sou vitória e derrota, lutadora e delicada, frágil e forte

Sou interesseira e harmonia, assertiva e desacertada

Sou inocência oculta, pobreza divagada e egoísta assumida

Sou a mulher que se alimenta de carícias virtuais

Sou a mulher que transforma essas carícias em mimos presenciais

Sou a mulher que presenteia esses mimos a uma única pessoa

Sou a mulher de um homem só

Sou a mulher do meu marido, a amante e a esposa

Sou a mãe dos meus filhos e a filha dos meus pais

Sou a família que quis, o pilar da minha essência

Sou o equilíbrio conjugal e a maturidade vivida

Sou a indiferença do meu inimigo, e a inveja de quem me quer mal

Uso e abuso de tudo o que me presenteiam

Brindo e excedo-me de quem gosto

Gosto de gostar, de mimar e lisonjear

Gosto de solidão, de amar sem limites

Gosto de ser surpreendida, de ler e escrever

Gosto de dançar e estimular, de provocar e agitar

Gosto de rir com vontade, de gargalhar sem receios, de sorrir com  
admiração

Gosto de ser bajulada, que me alimentem o ego, de ser acariciada



Gosto de protecção, de ter tudo e de não ter nada, de ser inocente e culpada

Gosto de aprender e ensinar, de viver e recordar

Sou eu...Gosto, Adorno e Altivez

Sou eu...Paixão, Vida e Experiência

Sou eu...LEÃO...Mulher, Amante e Mãe

Sou... com defeitos e virtudes assumidamente uma mulher do diabo que ninguém me derruba, que ninguém me machuca, sei proteger-me, sei usar, sei sofrer, sei chorar, sei sorrir, sei amar, sei ser indiferente, sei aprender, sei ensinar, sei o que tanta falta me faz, ser EU...

O centro das atenções que me faz sentir viva, que faz de mim o saber da minha existência, que me diz és tu, que me informa és linda, que me adverte ser cruel, que me censura ser falsa, por ser a verdade que ninguém diz, eu sou aquele monstro que aprendeu a viver

O monstro que usa pessoas para quebrar monotonias

O monstro que sabe queimar a lágrima quando não tem que as soltar

O monstro que ficou com calos nas mãos por pedras carregar

O monstro que desvendou o corpo de forma forçada

O monstro que apanhou sem saber o porquê, que presenciou o que não devia

O monstro que sou...foi a vida que me fez...sou a alma do Diabo e a pureza de Cristo

Sou simplesmente e assumidamente EU.



## A OUTRA MARGEM

Sou apenas uma margem de um rio, aquela que Vos dou a conhecer, aquela que quero dar-Vos a compreender, aquela que eu entendo ser a verdadeira, a correcta, a directa e assertiva.

Mas como tudo, existe a outra margem.

A outra margem é aquela que oculto propositadamente, é aquela que me tira do sério, é aquela que não fecho os olhos, é aquela que não me resigno só porque vivo numa sociedade cúmplice da hipocrisia, da falsidade, da ingenuidade intencional, da mentira e da paz podre.

É isso mesmo, sou cruel quando tenho que ser, mas não ao ponto de me igualar.

É isso mesmo, sou verdadeira até doer, sou guerreira até me ouvir.

É isso mesmo, nunca tive medos nem receios, não sou inocente, mas também não sou culpada.

É isso mesmo, sou aquela que nunca deveriam querer conhecer, quando fazem de mim o que não sou.

Acreditem e muito a sério falo, sou ajuda, sou choro, sou força, sou solidão, sou energia, sou revolta, sou desequilibrada, sou tudo, mas tudo o que possam imaginar e apelidar, mas nunca se esqueçam que também sou...

Fera, leão, guerreira, lutadora, e nada nem ninguém, mas ninguém me derruba mesmo que o meu choro se oiça nos quatro cantos do mundo e sabem porquê? Porque sou verdadeira até doer, sou eu no sério e no instinto, sou bicho e sou humana, sou o desconhecido para muitos e o oculto para outros.

Não me desafiem, não me temam, apenas respeitem.

O respeito, a dignidade, a humildade são cúmplices de mim, são os meus aliados, são a minha alma, o meu auxílio, o meu refúgio e nada, mas mesmo nada nem ninguém os derruba. Pois,



construí alicerces sólidos que me amparam a queda, que me seguram quando fico estupidamente revoltada com a passividade e a cumplicidade com que assisto a feitos falsos, a pessoas que se intitulam o que gostariam de ser e não o são.

Lutem, lutem por aquilo que querem na Vossa vida, foi o que sempre fiz em toda a minha vida, não foi por ter a fome do passado, nem a virgindade roubada que de mim fui ter pena. Santa paciência, lutem por aquilo que é a dignidade de um ser humano, lutem pela justiça e não assistam passivamente a abusos de toda a espécie que nada dizem ter a ver e, depois de casa roubada todos querem para a rua vir e, fazer justiça pelas próprias mãos, todos querem ver na fogueira arder e se preciso for, mais lenha colocar, manifestações de mau carácter e mal dizer. Praça pública, essa, faz-se quando a dignidade for escassa.

Pois fiquem sabendo que para mim, a escassez da dignidade nunca terá vida na minha pessoa, não a teve no passado e não é agora que terá.

Por isso, aqui me acuso leal a mim e a mais ninguém, fiel a mim e a mais ninguém, cúmplice de mim e de mais ninguém.

Podem usurpar tudo, podem passar-me atestados de estupidez, mas a verdade e a dignidade, essas, em mim permanecerão para sempre na minha vida, partilhada por mim e por quem me merece, pois sou demasiado valiosa, gosto egoisticamente de mim para partilhar e dispensar valores, para os quais não seriam nunca compreendidos por pessoas que apenas entendem uma única maneira de viver, a da falsidade, a da hipocrisia e a da mentira.

Não contem comigo para viver assim.

Não compactuo e nunca serei cúmplice de abusos descarados e mal mascarados, intitulados por outros quando a pertença é apenas de quem os pariu.

Assim como me denuncio, delatarei quem for preciso, mas nunca, nunca o farei em praça pública, isso seria a baixeza vista na sua plenitude.



Eu sou assim, assim serei e assim aprendi a crescer, com dor, que me permitiu discernir o que acho certo do errado. Quem de mim gostar, gostará por aquilo que sou e como sou, sem falsas emoções e incertas escolhas.

Não sou nem mais, nem menos, não tenho nem mais, nem menos, não sou e não quero... apenas sou única, porque me assumo e sem pudor apenas a diferença de ser EU.

Se pensarem bem, interiorizem e saberão que cada um de nós será sempre único, quando a autenticidade em nós morar.  
Tenho dito.

**Nota:**

A vida é feita de certezas e incertezas.

A vida é feita de feitos paridos e expelidos.

Mas também feita de cariz e autenticidade, de orgulho e esperança. São duras palavras... obscenas, que no ouvido nos provocam mal-estar, e propositadamente o faço, para provocar emoções e acordar quem finge dormir.

Hoje decidi ser o despertador de alguém...



## DESABAFO

Não escrevo para ter resposta, não espero isso, nem tão pouco escrevo para julgar ou defender, para culpar ou inocentar, escrevo apenas porque sinto ser o meio com que melhor me identifico.

Na escrita alguém me ouve, mas também se ausenta.  
Na escrita somos cúmplices do nada e distantes de tudo.  
Na escrita ajudamos e acusam-nos.  
Na escrita acusam-nos se não ajudamos.

A escrita atraiçoa-nos, como nos alia.  
A escrita beneficia quem nada escreve e distancia quem muito lê.  
A escrita... a escrita é um canto em que me refugio de pecados mortais, pecados humanos e desumanos, por saber que em nada habita na humanidade, a não ser a crueldade, a impureza, a incerteza e, a cobardia de se assumirem o que são na realidade.

É ela... é ela a escrita que me respeita e me acusa. Denuncio-a de forma sensual e em cumplicidade com a escrita sei ser eu, sei ser o que sou com os meus princípios e pecados, com os meus costumes e diferenças, mas assumo-me com crueldade se preciso for, com frieza se necessário entender, o que de melhor acho ser em todo o universo humano.

O que me aterroriza, é a maneira fácil e eficaz com que se debatem assuntos e se afastam de teores credíveis e susceptíveis de serem criados para crescermos. A falta de sensatez, a total ausência de humildade, o orgulho que fera e não se vê, predomina nas mentes mais depravadas e insensíveis que é a do ser humano.

Somos humanos desleais e leais, cúmplices do nada e distantes de tudo. Foi assim que iniciei, será assim que terminarei.

São apenas desabafos para acalmar a fúria que em mim habita, por saber existir à face da terra tamanha crueldade em estado humano. Não existe maior estupidez que não aquela em que acreditamos...



## O PIOR E O MELHOR

As mulheres são a coragem de um homem...

São a alma e a vida  
São a honra e a desonra  
São o tudo e o nada  
São o ódio e a paixão  
São o desequilíbrio e o equilíbrio  
São a motivação e a loucura

De louca já tenho o nome, falta apenas o motivo... por isso, sou melhor do que as pessoas pensam e pior do que elas imaginam...





## MUTANTES DA VIDA

A revolta impera em mim e a injustiça bate-me à porta.  
A angústia e a desmotivação começam a ganhar terreno.

Enfim, são momentos na nossa vida que se transformam em períodos, são uma espécie de eternidade que nos sufoca por tudo nos passar ao lado, tudo nos ser tremendamente difícil e igualmente desmedido.

A subjectividade de determinados assuntos são tratados com uma falta de transparência e equilíbrios de bom senso que, acabam por ser o chamado entrave à evolução humana.

São pessoas que apenas olham para si, por si e cabalmente em si. São pessoas que não o são e se assumem, são mutantes da vida e fraudes do sistema, são cruéis quando a necessidade impera e, falsos desmedidos quando querem atingir o que não dá luta.

Lutam sem dignidade e sem compaixão, sem humanidade e sem rigor.

Lutam por aquilo em que acreditam, o que respeito, mas perdem a razão quando aplicam apenas medidas que são justas para uns e cruéis para outros.

As igualdades não fazem parte do vocabulário, a certeza e a dignidade são igualmente ausentes, a desonra e a desordem são manifestos sempre presentes.

De facto, crescer dói, crescer com dignidade dói ainda mais, e, crescer com a sabedoria de calar sem consentir, requer uma dor ainda maior que a própria dor.

Como saberei eu distinguir as dores se todas elas são dores de crescimento com alma, de quem ainda acredita que existem pessoas... simplesmente pessoas, e, nunca mutantes manifestamente interiorizados pela espécie que está ainda por definir?!





## CAMINHOS AUSENTES

Muito se fala, muito se diz, muito se critica e alvos são eles, alvos somos nós, alvos somos todos.

Alvos de sermos humanos e igualmente imperfeitos.

Criticamos o que gostaríamos de ser e atacamos o que gostaríamos de fazer.

Olhamos olhares de esguelha e vestimos hipocrisia camuflada.

Decididamente ensinamos aos nossos filhos o que defendemos não ser ético, contudo, não sabemos seguir o que desejamos ensinar.

Constantemente vejo debates na TV que me chocam, apenas e só pelo simples facto de atacarem sem darem soluções. É tão fácil apontar o dedo, não é?

Vou ver um jogo de futebol do meu filho adolescente e, vejo escandalosas situações de pais a chamarem nomes às crianças por terem jogado assim ou assado, efectivamente o que estamos nós a ensinar? Pais que brigam e se atropelam em palavras e em sinais de violência gratuita, por crianças quererem apenas jogar e os pais não saberem estar.

Assisto frequentemente a tertúlias que começam por ser isso mesmo, tertúlias, só que rapidamente desbravam terreno, ocupando espaços ousados, ferindo quem quer, como quer e da forma que quer. Porque nos embriagamos em fortes tertúlias senão sabemos ouvir, senão sabemos calar, senão sabemos consentir, senão sabemos apenas aceitar que existem opiniões diferentes, que existem maneiras de estar na vida igualmente desiguais e posturas convergentes?

Deveremos nós que nos dizemos donos da verdade aprender que a verdade não tem dono. A verdade não existe por ela mesmo ser insolvente, ser intemporal e não ser absoluta. Varia consoante o estado, o tempo, as pessoas, o local, a situação e, basta apenas, apenas e só um simples sopro de uma brisa qualquer, para que a



verdade que outrora foi verdade, deixe de o ser naquele preciso momento em que a brisa se fez sentir.

Parece ser tão simples não é?

Mas na prática, dissertamos, divagamos, falamos e ousamos até a desafiarmo-nos e, nada conseguimos ser o que realmente desejamos e porquê?

Não sei.

Cabalmente não sei responder a esta pergunta.

Será por sermos de facto humanos, por sermos racionais irracionais em momentos da vida ou, até mesmo por sermos limitados por não sabermos diferenciar a razão da protecção, do bom senso, da razoabilidade, da postura e da conduta, do caminho e da frontalidade?

Sermos frontais não implica sermos agressivos contudo, a maneira como enfrentamos as situações pode levar-nos a sê-lo.

Desculpamo-nos com a diferença entre ambos, sem desculpa por haver, pois devemos evitar as mesmas para que mais tarde possamos apenas assumir o que o tempo nos ensinou a errar.

São hipotéticas respostas para a qual não tenho certezas.



## NÃO MAIS LUTAREI

O facilitismo que hoje existe é inimigo da perfeição, do querer por ousar ou, do ousar por querer.

Tudo, mas rigorosamente tudo na minha vida foi uma luta, uma constante luta, sem nunca me desfazer ou, se me desfiz, refiz-me com energias redobradas.

Ao mínimo desequilíbrio a luta deixa de fazer sentido.  
O que se passa com as pessoas?

Hoje já ninguém luta.  
Hoje já ninguém se esforça.  
Hoje já ninguém valoriza sentimentos, princípios ou valores.  
Hoje tudo está ao alcance de um clique.  
Hoje vale tudo.

Chega, não mais lutarei por nada.  
Chega, não mais me esforçarei para um nada.  
Chega, não mais me darei, nem tão pouco sofrerei, me apaixonarei, nem amarei, a não ser o que em mim já foi consumado por palavras, actos ou gestos, mas agora chega.

Sempre lutei, lutem por mim, como eu luto com forças contra mim.  
Sempre lutei, lutem comigo, como eu própria me disputo em mim e por mim.

Mas sozinha, nunca.  
Não mais me violentarei para me presentear com um sorriso, por saber que fiz sorrir.

Chega, sozinha quero estar, habitar e pernoitar.  
Chega, porque dói muito, dói mesmo muito lutar sozinha.  
Chega, também eu tenho direito, a mais que não seja, tenho o direito de sonhar que serei eu a protegida e não a protectora.

Luto e caminho numa vida, mas quando olho para um lado e depois para o outro, não vejo nada a não ser os meus ombros a



serem os ombros de alguém.

Por isso digo...

Chega, não mais chorarei, apenas viverei...um dia e depois outro e mais outro e mais outro ainda...São erros humanos e desejos de perfeccionismo. Um perfeccionismo que acaba por me consumir por saber igualmente ser um erro vivê-lo pois, estaria apenas a deixar de ser humana para ser mutante e, ser exactamente o que acabei de escrever por toda uma vida.

Questiona-me vida humilde e, faz-me sentir humana sem dor mas com escrúpulos, sem ofensas mas com respeito, sem limites mas com responsabilidade, pois dentro desta última, sei encontrar o bom senso, o dever e a obrigação que deve dominar num conceito de caminho ausente por que tanto caminhamos.



## PROSTITUIÇÃO INTELECTUAL

Oiço, leio e percorro opiniões compostas de um nada para outro nada.

Espanto-me que pessoas ditas formadas tenham atitudes tão básicas.

Surpreendo-me com pessoas que apenas apontam e não dão opções.

Admiro-me com posturas fáceis de vida e depois ainda vingam nela.

Que empresários temos nós para depressa esquecerem o que outrora aprenderam?

Que políticos temos nós que apenas fomentam a desgraça e isentam o bem-estar?

Que jornalistas temos nós que fazem da notícia o alimento do seu próprio ego?

Aprendi que os olhos falam, os sorrisos comunicam e as expressões faciais pronunciam-se.

Aprendi que as posturas corporais, as mãos e a nossa roupa são um cartão-de-visita.

Aprendi que a isenção de opinião ao transmitir uma notícia é sinónimo de profissionalismo.

Contudo, aprendi e desiludi.

Sinto a presença de snobismo, de presunção e de dissimulação em pessoas ditas de bem.

Sinto a ausência de franqueza, de humildade e de naturalidade em pessoas ditas formadas.

Sinto a falta de transparência, clareza e pureza em pessoas que talvez já o tenham sido.

E mesmo assim, ainda continuo a abismar-me com o que oiço, leio e vejo.

Assisto frequentemente a pessoas que humildemente reconhecem publicamente um equívoco e mesmo assim, continuam a ser “apedrejadas” em praça pública.



Um engano comum dos humanos por sermos exactamente isso, humanos, que erramos, vencemos, perdemos, ganhamos, vingamos, derrubamos, aprendemos, lutamos, enfim, humanizamos-nos pela capacidade que temos para tudo fazermos condignamente, no entanto, não sabemos aproveitar essa mesma inteligência, esse mesmo entendimento que nos diferencia da irracionalidade.

Somos igualmente emotivos, agimos frequentemente por instinto ou por intuição.

Gostamos do poder e de ser poderosos, honramos podridão e enaltecemos egos pobres.  
Dignificamos corrupção, sublimamos perversão e purificamos fraudes, mentiras e falsidades.

Até aqui nada de novo, nada que já ninguém não saiba, nada que desconhecido algum desconheça.

Até aqui nada de novo, nada que um povo, nada que o mundo, nada que um planeta não soubesse.

Até aqui...

A novidade então qual será?

Qual a originalidade ou a inovação que ainda não tenha sido descoberta por mentes perversas que, usam e abusam do poder para que dele surjam escândalos recheados de dinheiro, para que dele façam notícias abusivas e isentas de dignidade e, para que dele façam o próprio sustento através de desgraça alheia.

Qual será o Vosso próximo passo para conquistarem plateias enriquecidas de miséria?

Qual será o Vosso próximo patamar para serem elites do nada por serem o próprio nada?

Qual será o Vosso próximo degrau para enaltecerem desgraças e criarem futilidades?

Gostava de ver, ouvir e ler, notícias de pessoas condignas por serem apenas humanas.

Gostava de ouvir histórias com alma de gente simples que é igualmente herói.



Gostava de ver biografias incógnitas por serem naturalmente figuras com a força de viver.  
Gostava de ler livros escritos por desconhecidos que nada tem a não ser a própria alma.

Apenas gostava...

Gostava que o sensacionalismo deixasse viver a simplicidade.  
Gostava de ver estrelas com brilho próprio de puro suor.  
Gostava de sentir sorrisos despídos sem serem efeitos trabalhados em lama.

Apenas gostava...

Fico chocada ao ler e ouvir constantemente pobres palavras proferidas por jornalistas, deputados e supostas pessoas dita de bem por em berço de ouro terem nascido, contudo, o dever de serem exemplo de bons profissionais fica aquém do que realmente é esperado, pois apenas lenha para a fogueira gostam de deitar, para melhor venderem o ego, subirem audiências e prostituírem-se intelectualmente.

E porque quero acreditar que ainda existem bons profissionais, não estou aqui para generalizar, mas apenas para alertar que profissionalismo também é humildade, reconhecimento do próprio erro e capacidade de enunciar notícias, progredirem na carreira com decência que, aparentemente nada vendem mas tudo alcançam, a mais que não seja, a dignidade humana.

**Nota:**

Texto baseado em relatos, programas e escritos vários que, tenho ouvido na rádio, visto na TV e lido nos jornais.



## IGREJA SOLITÁRIA

Estou só, caminho sob um estrado de madeira antigo e oiço o eco do meu andar, respiro almas e cheiro incenso vindo de um altar, vejo bancos corridos e encerados, sinto calor e respeito, sinto abrigo e aconchego, sinto tudo, mas também sinto o nada.

Sinto saudades de um tempo que nunca tive, saudades de uma época que não vivi, saudades de algo que não sei bem o quê, mas sinto, sinto a saudade de ter sede, sinto a solidão de ter saudades, sinto o aconchego de não ter ninguém, sinto a alma sem ter aura, sinto dor por não ter, sinto apenas... e como queria eu estar em ti velha igreja, desamparada por tempos agrestes que em tempos te foi leal e, agora te desfaz como a chuva desfaz o cale.

À tua porta bato vezes sem conta, ela agora está sempre fechada, sei bem que os tempos mudaram. Mas em mim, no meu íntimo, estarás sempre aberta, imaginarei sempre o teu ego respirando figuras sacras, aspirando gente autêntica, por saber fazê-las com arte.

Caminho sozinha e oiço o meu respirar, oiço o eco no altar, não imagino o que de mim seria se tu um dia me abandonasses, como outros te abandonam, mesmo vivendo na tua casa, mesmo comendo no teu prato e bebendo no teu cálice.

Sei-te sozinha e triste, recheada ao Domingo mas solitária noutros dias.

São nesses dias que a solidão te aconchega que saberei te agasalhar para melhor te amparar.

Igreja rústica de pedras gastas pelo tempo, igreja velha de usos feitos em seu tempo.

Serás eterna sem padeceres, serás perpétua sem sofreres, porque serás isenta de tais pareceres.

Fazem de ti a casa casamenteira mas depois em ti nunca habitam. Fazem de ti o eterno baptismo mas depois em ti colocam um abismo.





Fazem de ti procissões com alma mas depois geram aflições sem aura.

Igreja que de ti cuida, como de mim cuida, como cuidas também em mim e por mim.

Não te atormentarei como aqueles que em ti vivem, te torturam e crucificam com relíquias de um passado, com viveres de um tempo que nunca chegou a ser teu.

Viraste instituição, viraste a palavra dos mortais, querem-te humanizar mas esqueceram-se que és imortal.

Apelidaram-te e rotularam-te como eu aliás o faço, pois esqueço-me frequentemente que não é a ti que o devo fazer.

São aos homens pobres de espírito e comuns dos mortais, esses que em ti habitam, é que devem ser fatais.

Assim, apenas te chamarei sem te ver como instituição, apenas olhar-te-ei como pedras em aflição, madeiras gastas e sofridas por um tempo de artes perdidas.

Mas é a tua casa, a tua responsabilidade de preservar, não os bens, mas sim o bem.

Assim serás eternamente...

Caminho em ti, oiço o eco do meu andar, o respirar no altar, serei sempre o teu par...

**Nota:**

São reflexões que podem ser encaradas apenas como um acto isolado de uma reflexão por si só, ou, se quisermos, pode igualmente ser um acto contínuo e nunca isolado de uma meditação que nos faz pensar alto, que nos faz divagar e olhar para lá da instituição, para lá da mente humana, para lá da consciência... digamos que se trata de um processo de interiorização como catadupa do imaginário, como templo perfeito pela sua construção outrora vivida por gente sofrida, por isso imperfeito...

Não se trata de uma religião, crença ou descrença, não se trata de sermos católicos ou judaicos, muçulmanos ou hindus... trata-se



apenas de uma reflexão que tem vários caminhos e que todos nós percorremos, quer seja numa direcção ou noutra, mas com um único objectivo... chegar à serenidade, harmonia, paz de espírito e porque não, caminhar sozinha no meio do altar, no meio das almas que nos dão paz, porque os vivos atormentam-nos, porque muitos são os que ainda nem iniciaram o seu percurso desta dita interiorização...

Por isso, gosto de caminhar sozinha, de igrejas solitárias, de almas preenchidas com campas cobertas e cemitérios abertos...

Não precisam de ser instituições, só serão, se as virmos como tal...



## ETERNAMENTE TUA SEREI

A dificuldade em conseguir um lugar para estacionar foi o suficiente para me colocar algo aborrecida, contudo, rapidamente passou de aborrecimento a uma leve tensão.

Estacionei mais rápido do que julgara, saí do carro e caminhei em direcção ao prédio que tantas vezes me acolheu. Subi os primeiros degraus, conheço-os de olhos vendados e dirigi-me ao elevador. Quando cheguei a porta já se encontrava aberta e, alguém de quem muito gosto já me esperava com o seu habitual sorriso e de braços abertos para um abraço me dar.

Entrei e logo me senti confortavelmente quieta, uma paz aconchegou-me como se aquele sítio fosse mágico.

A cor forte de um laranja torrado, o cheiro característico que lhe pertence, a decoração com pequenos detalhes orientais que fazem a diferença de uma casa vulgar, fazem desta casa um lar sem comparação possível, pois não posso comparar o que para mim nunca será comparável, será apenas única.

Sinto-me inegavelmente mimada, aconchegada, protegida até, como se naquele local mágico, não pudesse haver nada, nem ninguém para me abalar ou atormentar.

A paz de espírito e a harmonia fazem destas quatro paredes um ninho de amor recheado de uma sensualidade que jamais esquecerei.

Os mimos que me presenteias com as delícias de uma comida inesquecível, a música suave e romântica que me dás a ouvir é sempre uma constante, os carinhos ou até um simples toque ao de leve, estremecem-me sem conseguirem abalar esta casa de cor forte e laranja torrado.

Prendes-me contra ti e em ti me levas a dançar, melodias dançadas com músicas de letras sentidas, são posturas nossas, são portes que adoptamos sem pedirmos, apenas nos sabe bem estarmos juntos, abraçados sem apercebermo-nos do tempo passar, é de uma



sensualidade e um sabor sem igual, pois para nós o tempo parou.

Deito-me nos habituais sofás que me fazem deliciar, olho-te e admiro-te, desvio intenções e crio emoções. Sei que até fechar os olhos e repousar é um luxo que me dás com um gosto que jamais alguém soube dar-me.

Preocupas-te em saber se estou bem, em saber se me sinto bem, em saber que estamos bem, a nossa cumplicidade nunca foi questionada, nem tão pouco abalada por terceiros, soubemos sempre o nosso lugar, o nosso canto, a nossa paixão que, sabemos igualmente ser eterna, pois nem a morte separar-nos consegue.

A nossa vontade de estarmos juntos, de amarmo-nos como só nós sabemos é de uma loucura insaciável, de uma sede que queima, de uma dor que sufoca, mas de uma sensação que nos faz querer bem um ao outro e de uma pureza inquestionável.

Por muitos que sejam os anos que por nós passem, seremos sempre cúmplices de um amor e de uma paixão que nunca nos abandonou, nem nunca nos falhou, talvez por nos compreendermos tão bem, talvez por nunca nos cobrarmos, talvez por tudo sabermos um do outro, talvez por não termos segredos, talvez por nos pouparmos também, consigamos viver e conviver com esta pureza que jamais existiu em ser algum, a não ser em nós.

Só nós nos conseguimos ouvir, sentir, compreender, olharmos-nos com olhos de ver com a sensualidade que nos faz a beleza de sermos únicos e, incondicionalmente diferentes de todos os casais que à face deste planeta possam existir.

Assim foi, reviver momentos, saborear odores, sentir emoções nunca esquecidas que nos fazem igualmente saber que estamos vivos um para o outro, independentemente do que aconteceu, do que acontece ou do que acontecerá, apenas um lugar mágico e especial como esta casa de cor forte e laranja torrado, me consegue fazer sentir ser especial para ti, ser única e amada como jamais alguém o foi, como jamais amei igualmente alguém, a não seres tu, por seres tu e só tu.



## CHOQUES DE HONRA

Gostaria de reinventar um mundo moderno com requintes de antiguidade, para que o mesmo fosse a base desta humanidade.

A violência gratuita ganha terreno em cada passo que se avança na chamada liberdade que nos deu o dever de nos honrarmos, mas não nos deu a intenção com que a mesma deve ser feita, não nos ensinou o que já deveria connosco nascer, ou seja, a honra.

A falsa transparência em que valorizamos a palavra e não valorizamos o acto, separa-nos da certeza do que somos, afinal humanamente deveríamos compreender e assimilar o que de mais fácil está em ensinar, ensinar a sermos humanos.

Os deveres, as obrigações, as atitudes, os princípios, as próprias liberdades de cada indivíduo, as posturas, comportamentos, entre outros, são igualmente actos gratuitos e, serão sempre bem-vindos se aplicados de forma correcta, coerente, bem falada, interiorizada até, de modo a não nos enganarmos a nós próprios.

A violência quer seja verbal ou não, está banalizada com a morte e com a vontade de matar, a honra perdeu terreno e a valorização humana deixou de ter a importância que deveria ter.

Perde-se uma vida com a facilidade com que se aponta uma arma. Ganha-se poder com a facilidade com que se corrompe o próximo. Perde-se a honra com a mesma facilidade que com ela se promete com a própria palavra.

Afinal o que é a honra, para que serve a mesma?

Porque dela precisamos se a banalizamos como tudo nesta vida se banaliza, com a mesma facilidade com que se mente, omite, despreza-se, atropela-se, entre outras atitudes menos próprias de seres humanos que somos, por racionalizarmos, mas afastarmos consecutivamente o sentimento dessa racionalização.

Não deveríamos saber facilmente conjugar as duas situações?  
Não deveríamos ser emotivamente mais proactivos e menos



reactivos?

Por acaso até somos, contudo somos de forma inconsciente, incoerente, diria até, persistente e arrogante, impulsiva e agressiva.

Nada disto teria mal, ou faria mal se o reconhecimento de tal erro fosse feito de forma sentida, assertiva e não repetida. Mas estes erros são uma constante, são uma aprendizagem para melhor sermos, mas de facto não aprendemos.

Como poderemos nós passar valores ditos de bem, ou valores morais para os nossos descendentes, se os mesmos estão em constante mutação, constante atropelo de definição e nos interrompe no trajecto que traçamos para seguir viagem?

Como definimos a nossa linhagem primogénita?

Não a definimos, apenas nos chocamos com o já habitual choque de gerações apelidado há muito por concepções passadas.

Contudo, o grave não está neste choque, o grave é sabermos que este choque que supostamente deveria ser em diferentes gerações é actualmente dado nas mesmas criações.

Daqui nasce a violência, a falta de bom senso, a crueldade, o desrespeito, a indisciplina, enfim, a humilhação e tudo o que nos consegue tirar do sério.

O choque de gerações em diferentes gerações e o choque de gerações na mesma geração, são dois em um.

São dois choques que se unem e fortalecem, alimentam sinergias e combatem sem porquê.

São dois choques que se humilham e recriam, partilham desgraças próprias e até alheias.

São choques, choques que se esquecem que o inimigo que na linha da frente está, é apenas o nosso próprio amigo por estar ele também na mesma linha que a nossa.

São choques de gerações antigas e actuais, criadas e procriadas, vindouras e assustadoras, disso tenho eu a certeza, por me assustar só de pensar...



## MULHER MÍSTICA

Uma imagem de franca força e determinação, admirável nobreza por ser a coragem e a firmeza.

É a mulher que ensina, mas também observa, escuta calada e lê de empreitada, enfrenta-nos se preciso for, mas também se alia quando só se sente.

Dirigindo-se a nós, espelhei-me nela, a força derrubou-a e a determinação dissipou-se.

De corpo esguio e trajas devotos, a sua cor de neve rosada, era cúmplice de um cabelo terra dourado, este não a separava nem a largava, era a sua imagem delicada que fazia dela a força de Sansão.

Senti-a frágil, amável e sensível, tímida também, mas de uma aparência Avalon.

Ilha de mulheres cobiçadas mas igualmente puras, ilha mística de dotes sensíveis, rituais e danças sem julgamentos, apenas mulheres de natureza sem dono, com alma de aura e flores por brotar.

Estava escondida por trás de uma imagem que apenas ditava força e determinação.

Ao longo do dia nessa mesma ilha, a mulher de Avalon revelou-se ser mulher exótica também.

A leitura mística de tese feita, a história em volta de mistério desfeito, fez-se a ela com a exuberância e a frontalidade que apenas visita, quem delas sabe desafiar.

Pedi-lhe um abraço, e ao abraçá-la senti uma fortaleza com aura, fragilidade dissipada e cumplicidade descoberta. Senti-me segura e perturbada também, senti-me envolta de terras do além, mistério desvendado com danças por descobrir.

De gostos similares e gostos ocultos, a fraqueza em mim habitava quando a força me camuflava.



Em si, a força é destemida, o abraço comprovou que a fragilidade aparente é apenas ausente.

Observa e fala calada, escuta e ouve atenta, mas acima de tudo é mulher mística, de dança sadia, acompanhada de orientes trajes e gostos do além, por isso ser mulher de alguém, com Dom de ser mulher da ilha de Avalon.





## A VELHA E OS LOUCOS

Estava uma velha deitada debaixo de uma paragem.  
A vida passava por ela e as pessoas fingiam nada ver.  
O calor que o sol brindava, não chegava para aconchegar o frio que a velha sentia, pois de cobertores rotos estava.

Alheia a tudo, dormia debaixo do barulho das luzes como se nada a perturbasse, pois de nada lhe valeria e ela sabia-o.

Choquei-me com tamanha indiferença humana.  
Fiquei estúpida, não.  
Fiquei parva, também não.  
O que fiquei foi mesmo estupidificada.

Parei o carro no meio da estrada e deixei que buzinassem para andar, mas não me apeteceu, por isso, ali mesmo saí do carro e com a velha fui ter.

Acordei-a sem pedir licença a quem ao lado dela estava.  
As pessoas afastaram-se, julgando-me louca, mas o meu olhar furioso logo lhes fez ver que, loucos estávamos todos, por vermos ao nosso lado tamanha pobreza, sendo que de pobreza, apenas nós nos recheamos dela.

Pobreza de espírito e civismo,  
Pobreza de vergonha e cumplicidade,  
Pobreza de amor e carinho,  
Pobreza de aconchego e amparo,  
Pobreza de fome e sede.

Rapidamente fiquei cercada por pessoas que me queriam ajudar, quando de ajuda não era eu a necessitada.

Fui comprar comida e bebida e quando cheguei, o barulho do silêncio atordoou-me os ouvidos, fiquei boquiaberta por já não ouvir buzinar, a polícia comigo veio ter e eu apenas disse...

- Mas...

Não tive tempo de mais nada dizer, levaram-me dali para fora e de



lágrimas nos olhos, de comida e bebida nas mãos, colocaram-me dentro do carro e disseram-me apenas.

- Parta e não transtorne o trânsito.

Fiquei, apenas fiquei a chorar sem saber se a louca era eu ou se os loucos eram eles.

Decidi estacionar como deve ser e saí novamente.

A pé fui de novo ter com a velha deitada debaixo da paragem e, voltei a ver outras pessoas que fingiam nada ver.

Dei-lhe comida e bebida e a seguir fui, apenas fui...continuar o meu trabalho, uma reunião me esperava e eu já estava atrasada, afinal também eu fingi que não vi, pois voltei a virar as costas e rapidamente este episódio ao lado passou.

Hoje estou aqui a escrever uma memória de ontem mas, e a velha que dormia debaixo de uma paragem de autocarro, será que está?

**Nota:**

Pois, ontem estava sem sono e não sabia muito bem porquê, mas hoje consegui discernir o porquê de tamanha insónia.

Ontem fui para uma reunião em Caldas da Rainha e quando cheguei perto do local da reunião, deparei-me com um cenário que a cidade de Lisboa me presenteia vezes sem conta, mas, nem eu sei muito bem o porquê de nunca ter dado atenção a tais cenários.

Ontem despertei para uma realidade que também eu faço questão de esquecer, acobardando-me como tantas vezes o fazemos, consciente ou inconscientemente, mas o facto é que o fazemos.

Talvez pelo local, talvez pela zona turística, despertei para outra existência, e dessa verdade fiz o que achei que devia ter feito.

Fui louca por momentos? Não sei... talvez...



## MARIONETAS DE PALAVRAS

Não sou mais do que uma marioneta nas tuas mãos.

As tuas mãos falam palavras que querem ferir de tanto tocar.  
As tuas dúvidas são traiçoeiras por seres a própria dúvida.  
As tuas dores são as dores por ti provocadas, por não saberes saboreá-las.

Saborear com Dom de quem sabe o que é dor, e de quem sabe o que é sofrer.  
Sofrer calado sem culpar, sem fazer das mãos marionetas e das palavras mãos.

Marionetas são palavras feitas por ti, e delas usas e abusas sem pudor ou amor.

E eu sendo feita de palavra, não sou senão a marioneta que em ti se encaixou.

Uma palavra que veste a honra, que não usa nem abusa, por ser palavra de alma.  
Uma alma de marioneta imperfeita, por ser igualmente marioneta nas tuas mãos.

Mãos que soletram e provocam, atraçoam e sufocam, mas também criam e recriam.  
Refazem palavras soltas que apenas fazem sentido, quando marionetas nelas se criam.



## UMA VIDA PASSADA

Uma vida a lutar por aquilo que queremos  
Uma vida a acreditar porque queremos amar  
Uma vida a enganarmo-nos por temermos cegar  
Uma vida sofrida por não sabermos estar

E assim a vida por nós passa  
Com uma paz podre camuflada  
Por caminhos e encruzilhadas  
Recheados de poeiras e palhas

Quando acordamos de tanta dor  
Questionamo-nos se já nos habituámos  
A uma dor que flagela e anestesia  
Quem apenas quer viver sem fantasia

Viver uma vida viva  
Viver uma vida com alegria  
Viver uma vida sem sofrer  
Que se pode viver por crer



## VIDA QUE HÁ EM MIM

Afinal posso estar viva e bem viva, não estou tão morta assim  
Nem tão pouco acabada, ainda desperto sentimentos quentes

Que me fazem amar e estimar sem ser preciso despedaçar  
Afinal descobri que sei amar e poderei também ser amada

Apenas um gesto, um aceno, um olhar, um abraço e um admirar  
Ficarei logo nas nuvens e a sentir o que é bom de sentir

Sentir-me viva com chama por acender  
Sentir-me recheada de amor por dar e,

Saber que quem recebe consegue valorizar  
Serei então feliz apenas por saber ainda amar  
Sem tão pouco querer saber o que é a dor de chorar



## ERICEIRA SEM FIM

Sozinha me encontro, o que já é habitual em mim  
Olho o mar da Ericeira e não lhe vejo o fim  
Não parece ter fim, igual sofrimento em mim

Cada vez mais a solidão me acompanha  
Cada vez mais a escrita me desenha  
Cada vez mais o desabafo me engana  
Cada vez mais a leitura me chama

A música que oiço é onda sem mar  
A melodia que sinto é onda sem som  
A voz que toco é uma onda por amar  
O abraço que vejo é uma onda sem Dom

Queria eu estar sozinha e acompanhada me sentir  
Queria eu estar acompanhada sem solidão provir  
Queria eu estar só ou acompanhada sem dor advir



## ESTRANHA SOLIDÃO

Sinto uma estranha solidão dentro de mim.

Viajo pelos meus pensamentos e divago sem rumo e sem destino, com uma estranha sensação de solidão que ainda não consegui descobrir se é boa ou má, apenas sei-a ser estranhamente sensível.

Tudo em mim se apodera com a força e a vontade de me derrubar e sem receio de me sufocar.

Lágrimas se soltam e pensamentos se afundam, aprofundando uma busca incessante de algo sem saber muito bem o quê.

Olhos tristes e distantes me enternecem a face, apenas por me compreenderem e embelezarem o espírito.

Músicas de sons distantes são a minha fraqueza já visitada e, mesmo assim continuo a sentir esta estranha forma de solidão que, partilha sem partilhar e aconchega sem aconchegar.

Que será de mim sem ti, estranha solidão que me visitas?  
Que será de ti sem mim, que estranhamento te sinto?

Serás apenas uma visita inesperada ou, vieste em busca de algo e acabaste por te instalar, só porque bem comigo te sentiste e eu de ti necessito?

Estarei apta a saber viver contigo mesmo estando habituada a ti?

Diferencio-te apenas pela estranheza que me fazes sentir, pela paz de espírito que me fazes ter e, até pela calma estupidamente assustadora que há muito não sentia, mas que em tempos vivi e, agora temo não voltar a saber viver-te.

Sinto uma estranha solidão dentro de mim, que vive em mim e parece querer em mim ficar, permanecendo até conseguir aprender o que é viver sem a estranheza de sentir-te, solidão sentida em mim.



## HOMENS ESCONDIDOS

Homem com porte de inteligência reflectida nas palavras, na postura comportamental, na roupa de gravata e botões de punho cerrados.

Homem com altivez suficiente para fazer da voz um corte acutilante, ao fazer parar a respiração e deixar sem sentido o que faz todo o sentido.

Homem que apenas veste profissionalmente o fato em que a voz se faz sentir crítica e o som se faz ouvir arrogante.

Homem que nada espera ou nada transparece a não ser a certeza e a subtileza, ao saber que a razão não o deixa ficar mal.

Homem razoavelmente desprovido de bem-estar profissional, espelhando-se numa sociedade que se diz pura, mas de certo muito impura.

Homem místico de cariz pessoal, por não deixar transparecer comportamentos afectivos e posturas denunciantes, em prol da aventura profissional.

Homem de gravata e botões de punho, colarinho e fato escuro que traduz falso profissionalismo e esconde o puritanismo da humildade.

Homem que se esconde e denuncia-se quando os botões de punho cerram fileiras de cavalheirismo, de modo a mostrar o seu porte de altruísmo.

Homem que se mostra superior e apenas é igual a tantos outros humanos, como nós mulheres de homens escondidos.





## HOJE CHORO

Hoje choro a morte e a vida

Choro o perdão e o agrado  
Choro o amor e o ódio  
Choro a paz e o tormento  
Choro o eu e o tu  
Choro o espaço e o tempo  
Choro a ausência e a presença  
Choro o ganho e a perda  
Choro a fome e a sede  
Choro o Verão e o Inverno

Choro, apenas choro...  
Choro um devaneio de Adeus



## UM DIA ESPECIAL

Levantei-me cedo como é habitual em mim.

Depois das obrigações matinais, o trabalho já me aguardava como se de mim dependesse.

Sabia que hoje era um dia diferente e, por isso, ansiava a chegada da noite, sabia que algo de bom me era reservado.

A noite chegou e quando coloquei a chave na porta, um chão recheado de pétalas de papoilas me aguardavam, subi as escadas seguindo o perfume que as mesmas despertavam em mim e, deparei-me com um fato de corte sensual na cumplicidade das pétalas vermelhas em cima da cama.

De repente ouvi música, segui o seu som e vi a banheira recheada de essências perfumadas, como se me chamasse para que o meu corpo se manifestasse de iguais odores.

Ao som de uma melodia relaxante, assim fui para dentro da água tépida que me ajudou a despir-me de um dia de ansiedade constante.

Deixei-me ficar um pouco a saborear o descanso e a paz de espírito que necessitava para amar e igualmente me sentir amada.

Quando saí, percorri o meu corpo com um creme hidratante de modo a que o mesmo ficasse com uma maciez de leveza sem igual.

Vesti o vestido de corte sensual que me cobria a frente e despertava as costas, senti-me especialmente bonita e adornada pela beleza natural de uma mulher sem pinturas e sem penteados ofuscantes.

Um sobressalto de vez em vez me visitava neste dia que era diferente mas, eu teimava em não prestar atenção aos pequenos desassossegos.

Saí e entrei no carro sem saber o meu destino, continuei a minha aventura de noite diferente, com alguém que muito queria estar,



partilhando sentimentos, saudades, virtudes, encantos, devaneios e até almas por descobrir.

Quando entrei no restaurante lá estava ele à minha espera, ofereceu-me a mão e encantou-me com o seu ar de cavalheiro, sensual de aprendiz que muito sabe e pouco diz.

Jantámos ao som das velas e presenteamo-nos com olhares de desejo comum, por estarmos a festejar este dia que deveria por si só ser um dia diferente.

Um dia de alegria, de festejo, de cumplicidade, de paixão, de desejo, de anseio, um dia no passado.

De repente novo desassossego me atormenta, oiço um estalar de dedos e vejo-me apenas sentada na última fila de um qualquer cinema de Lisboa, a ver um qualquer filme de estreia, de modo a esquecer-me de um dia que foi diferente, mas que hoje é também ele diferente.

A sua disparidade reside apenas no momento em que o mesmo se deu e no momento em que o mesmo se dá, outrora em dois anos passados, seria o dia do acasalamento desejado, hoje apenas é um dia diferente, por ter sido desejado, mas quem sabe talvez nunca amado.

E assim se passam os dias, a lembrar-me de datas, festejar passados e viver esperanças.

E assim se sonham as noites, a devanear-me na escrita e a perder-me na alma.

E assim se vive um dia, um dia que foi futuro, passado também e agora é presente.

E assim se vive sem existir...



## HOUE UM DIA

Acordo a meio da noite e não te sinto.  
O vazio ao meu lado consegue até o meu corpo abranger.

Atinge-me a uma velocidade imprevista que, apenas nunca esperei que fosse acompanhada por alguém como tu. Alguém em quem depositei toda a confiança para me fazer feliz, para de mim fazer a sua mulher, a mãe dos teus filhos, a tua amante e amiga, a tua confidente e fiel depositária das tuas tristezas e angústias, alegrias e devaneios, loucuras e inquietações.

Mas, um dia houve em que de mim gostaste.  
Amaste-me porque te senti assim, lutador e enciumado até de mim.

Houve um dia que em mim viste a menina por moldar, a menina inocente que querias para ti e me amaste apenas assim, com toda a minha energia, com toda a minha inocência, com toda a minha pureza de me ser assim, feliz e amada por ti.

Houve um dia que em mim deixaste de me querer devaneada, o receio de me perder foi-se apoderando de ti e tu simplesmente me moldaste aos teus sabores, às tuas inquietações, às tuas alegrias que já eram poucas e até às tuas dúvidas, apenas porque duvidoso por natureza sempre foste e, de alguma maneira aprendeste a crescer com as dúvidas não só em ti mas também nos outros.

Houve um dia que de tanto me querereres e de tanto receares me perder, aniquilaste-me como menina e mulher que por ti se apaixonou e tu por mim te apaixonaste. Fizeste de mim a mulher que te protegia e assegurava futuro certo, fizeste de mim mulher com M grande que te agradava sem hesitar, fizeste de mim mulher dependente apenas por te amar.

Houve um dia que acordei e não te senti.  
O vazio ao meu lado conseguiu até no meu corpo tocar.

Atingiu-me como flechas que me esventravam a alma,



questionavam-me o meu “eu” e apenas sem resposta ficava, por eu própria não saber quem algum dia fui e hoje apenas saber que o meu nome perdura, por me ter tornado somente tua.

Houve um dia que acordei e não te senti, tentei abraçar-te com a alma dorida e com um grito de alerta, mas não te encontrei. De mim fugiste depois de me teres moldado à tua semelhança, depois de me teres feito chorar sendo a mãe dos teus filhos e, apenas me fugiste como a água das mãos escorrem, apenas fugiste de mim, mulher, amiga e amante, deixando apenas habitar-me como mãe, por a natureza nisso não permitir aniquilar.

Houve um dia que fui feliz, talvez por ter sido inocente, talvez por ter sido menina, mas quando acordei não soube viver assim, só e desamparada, humilhada e até maltratada, não soube ser a independência de mulher moderna que sei ser, não soube ser a nudez que perante ti sempre fui, apenas porque um dia me amaste, me moldaste e agora me abandonaste.

O que farei de mim sem ti?

Viverei até ao fim com ou sem lágrimas, com ou sem angústias, com ou sem receios, com ou sem solidão, mas a certeza que em mim deixaste, foi a que nunca mais voltarei a ser a menina inocente que de mim gostaste e apenas me moldaste por receio de me perderes.

Afinal, gostaste de mim porquê?

Afinal, moldaste-me a ti porquê?

Afinal, fugiste de mim porquê?

Por me ser leal cumpridora de mulher recheada de vida com vida?

Por me ser leal na família, na profissão e nos valores, no crescimento e na dor?

Houve um dia que acordei e não te vi, busquei-te e não te encontrei e a dor penetrou-me por me saber só, por me conhecer não saber viver sem ti, em ti e por ti, apenas porque tu a mim um dia me fizeste querer, que de ti seria eternamente sem nunca me perder.



## DIVORCIAR SENTIMENTOS

Divorciar o que sentimos é deveras fascinante quando nunca houve união corporal, quando nunca se habitou no mesmo tecto, quando nunca se viveu em comunhão, ou se casou simplesmente.

Os sentimentos divorciam-se acompanhados de corpos e almas.

Mas o nosso divórcio é a pureza de um sentimento que exige permanecer nas nossas almas e, que ambos lutamos para que ele se evapore e deixe de nos atormentar com os seus suspiros e saudades de querer o que nunca teve.

É sentimento puro por nunca ter sido tocado, por nunca nos termos deitado, por desejarmos e não podermos e até não querermos, com receio de estragar o que de mais belo existe em dois seres que se amam de paixão e se atormentam por se amarem de forma tão platónica que, só a dor compreende o que ambos sentem.

Nem nós conseguimos perceber a realidade desta pureza que mais parece surrealista do que a vida do nosso dia-a-dia.

Seria até impensável Salvador Dali colocar em tinta o que surrealistamente sentimos.

Seria até incontrolável saciar esta sede de nós que temos em nós. Seria até desmedido esta loucura que permanece mas que devemos divorciar.

Divorciar-me de ti, dos teus sentimentos que me atormentam por receio de algum dia vir a saber o que é viver a felicidade, sem hesitar desconfiar dela mesma, divorciarmo-nos sentimentalmente para não mais sofrer, o que a dor testemunha ser um amor desmedido.

O receio de sofrer e viver uma felicidade consegue ser maior do que a dor de vivermos sem nós, apenas porque não conseguimos, nem nunca iremos conseguir acreditar na felicidade, pois se assim fosse, este receio não nos divorciava e simplesmente nos juntava,



por saber que somos a pureza de um sentimento que sentimos sem querer e vivemos sem morrer.

A nossa existência deixa de ser apenas existência, porque sem nos tocarmos, sentimo-nos, sem nos ouvirmos, tocamos-nos e sem nos vermos, sorrimos, por saber que estamos bem, mas também choramos e magoamo-nos quando sabemos que a dor em nós habita e nisto..., nisto somos ímpares, infalíveis e únicos, porque a distância traída em quilómetros, consegue ser menor que a distância que nos une, uma união feita por sentimentos divorciados.

E por tantas dores já passadas e, por tantos sentimentos já sentidos e, por tantas irracionalidades confrontadas é que nos divorciamos sentimentalmente, apenas e só com receio que a felicidade em nós habite, por ela mesma ser incoerente, desmedida e até desconfiada, que nos une, mas também desune.

Por isso vamos divorciar sentimentos que nos atormentam a alma, por não sabermos viver felizes e por desconfiarmos da própria felicidade que nos une, mas também nos divorcia.



## VIDA DESENCANTADA DE ENCANTO

Acordo e vejo-me novamente numa imensa solidão sem nome, sem destino ou sem rumo.

Procuro-te com as mãos e não te encontro, procuro-te na alma e vens recheado de emoções negativas e apelativas de conciliação, mas que ditam tudo ficar na mesma, sem busca ou procura, reencontro ou postura de me queres com vontade de me teres para ti e orgulhosamente de mim ficares, por ser como sou, por ser apenas eu, assim, despida de preconceitos, despida na alma, no corpo e na mente.

Os teus excessos de desencanto pela vida esvaziaram-me por dentro, cansaram-me a alma e perderam o espaço que eu fazia questão de os acalantar, de os mimar por te ver sofrer, por te ver desamparado e até meio perdido num mundo que para ti não tinha rumo ou até mesmo destino.

Mas nunca me aceitaste assim, nunca me procuraste para me mimar, para me acalantar, para me buscar para ti e só para ti, a tua postura foi sempre a indiferença e, quando assim não foi, reinava a raiva e a incompreensão, a paz podre e o pouco, mas mesmo muito pouco de alguns escassos mimos que sentia me dares por me queres de corpo sem alma.

E os dias que me encheram de encanto, desencantaram-se por a vida me ter ensinado a refugiar-me aparentemente sem dor de ficar só, numa imensa solidão de livros e escritos, de almoços sem fome e companhia sem nome, de paragens a meio de percursos sem destino que, apenas ditavam uma espera de pensamento constante, um desespero de choro desesperante, por me sentir assim, apenas só, sem mimos, sem amor, sem luta por mim.

Agora que busco um reencontro de mim mesma, sinto-me novamente perdida por não saber estar só, por esta solidão ser diferente mas que dói igualmente, uma dor sem dó nem piedade, apenas difere pela paz que me acompanha, mas ao mesmo tempo pela indiferença que eu em ti te causo, que eu em ti sou e pelo que sei sempre fui.





Serei eu capaz de algum dia saber viver feliz sem sentir esta imensa solidão, este vazio que me preenche a alma de livros e se transforma em musa inspiradora de escritos meus, mas ao mesmo tempo se queixam de serem dotados de nada, por nada mais conseguir escrever, sentir ou pensar?

Serei eu capaz de acordar e o teu cheiro sentir, por saber que me desejas, como do ar que respiras?

Não, nesta fase da minha vida já nada me preenche ou acolhe. Teria que ser reconquistada, mimada com garra e amada com vontade de me fazeres sentir mulher sensível, que gosta de mimar, mas também gosta de receber.

E os dias que me encheram de encanto são agora o desencanto de toda uma vida.





## UM QUARTO VIRADO PARA O CÉU

Um quarto recheado de sabedoria e sapiência.

Um quarto coberto de estantes e livros sem espaço para mais nada, mas eles permaneciam e empilhavam-se com gosto de serem lidos e relidos, livros e escritos, contos e histórias avolumavam-se neste pequeno espaço que nos dá prazer por sabermos nele permanecer.

E nele igualmente nos amávamos, delirávamos sem cessar, por cima da sabedoria e da sapiência que nos dava o gozo de sentir o prazer por também nós sabermos presenteá-los com os nossos Eus.

Nós nos acalentámos, refugiámo-nos nesse espaço que apenas partilhámos com os nossos livros de louca insensatez, como nome de baptismo do nosso filho que nasceu sem querer, e fez viver quem nunca soube assim viver.

Vivemos e estudamos, criamos e recriamos, acusamo-nos perante enormes plateias estudantis que nos fazem ser a alma adolescente que tudo faz e nada importa.

E de seguida após cansativas e exaustivas provocações de querermos e não podermos, refugiamo-nos no nosso quarto, no nosso espaço recheado de livros e sabedoria e é lá que nos sabemos amar como ninguém, é lá que me possuiis como jamais alguém me possuiu, como jamais alguém me acolheu, nesse teu mundo recheado de criatividade por descobrir, em que nem tu próprio te revês e apenas te sentes.

E eu me devaneio por querer seguir-te, saber estar ao teu nível de tamanha lucidez de ternura que em mim permaneces e em mim depositas, como se fôssemos de facto a metade que nos faltava, que nos completava, que nos entendia e nos fazia estremecer em cada canto do mundo, em cada página solta, em cada letra suspirada por loucas sensatezes de ter uma única certeza, que é a incerteza que em nós habita.

Apenas neste quarto, neste pequeno espaço recheado de sabedoria



e ternura, de erudição e carinho, nos despimos na alma, por cima de livros e mais livros, como se deles precisássemos para nos alimentarmos e saciarmos esta fome que temos um do outro, como se fosse esta avidez de conhecimento, esta sede de sentir que nos acalentasse e ao mesmo tempo acalmasse o corpo e o espírito.

Seremos assim, vivos na alma, despídos no corpo e sapientes no espírito.

Seremos assim, amados por cima de livros e saberes, por cima de histórias e estudos, por cima de ti e tu de mim.



## CÓDIGOS DA ALMA

É

É isso...

Pois...

Estou assim, cansada sem medo e receio, sem alegria e devaneio.  
Estou assim, prostrada sem alma de aura e amada sem corpo de ouro.

Estou assim, simplesmente estou mas não estou, apenas estou...

É

É isso...

Pois...

São palavras que nos roubam o sentido de ser e sentir.  
São palavras que soltam suspiros e ocupam o lugar das ideias por exprimir.  
São palavras que nos enchem de vontade própria e desejos infinitamente desejados.

É

É isso...

Pois...

São palavras com um sentido para a vida, um sentido de viver com vontade de sentir.  
São palavras sem número ou sexo, mas também sem nexos para quem delas não cuidam.  
São palavras que tudo confessam e nada acusam, apenas porque é...é isso, pois...

Aparentemente palavras vãs que nada revelam e tudo ocultam.  
Aparentemente palavras soltas, por isso me sentem assim... é... é isso, pois...

Aparentemente palavras cansadas de almas em desgaste por estarem e não vingarem.

Mas são nuas palavras aparentemente recheadas de alegria e receio, por me saberem ser assim com este, é... é isso, pois...



## É QUASE UM SONHO

Quase de sonho realizado mas ainda com réstia de esperança de que nada falhe.

Na expectativa que a vida me permita vivê-lo com a paz e a serenidade que sinto ser merecedora de sentir.

Aguardo infinitamente a sua realização, a sua concretização e a sua invasão em mim.

Obedeço às normas que os padrões de vida ditam, mas não consigo esconder a euforia que em mim habita, o fogo que em mim pernoita, em mim e em tudo o que em mim está, em mim e em tudo o que em mim não está, também.

Mas observo e oiço calada com receio de falhar, com receio de acordar até, por isso escuto e calo-me com vontade de gritar.

Afinal é o meu sonho, um sonho que nasceu do nada e do nada cresceu, criou-se e valeu-se por ser meu, sonho simples sem grandeza de honra desonrada, apenas honra de mulher solta sem nome ou sem lugar ocupado por alguém que o quer, e eu sei não saber ocupá-lo, apenas porque sei honrar e aprendi a respeitá-lo.

Quase de sonho realizado continuo nesta expectativa de vida sem vida própria, e no entanto o sonho está cá, está prestes a tornar-se numa realidade que me fará novamente sonhar e não mais acordar, mas mesmo assim e quase de sonho realizado, continuo a querer estar simplesmente a sonhar, sem jamais acordar por querer eternamente saber amar.



## NUMA ESCOLA DE LISBOA...

Estou aqui sentada à espera do nada.  
Recordo tempos de escola que gostaria de voltar a sentir.  
Sentir com uma vontade diferente dos tempos já passados.

Estou aqui sentada a escrever.  
Não sei o que escrever, pois também não sei o que pensar.

Apenas quero assim ficar, esquecida numa mesa de bar.  
Á espera do nada, porque sei que o nada me acompanha, mesmo  
nos momentos que sinto do tudo precisar.

Observo e falo calada com tinta que se solta de uma qualquer  
caneta.  
Caminhos de sonho, vidas de encanto e prazeres de pranto.

Olho de esguelha uma juventude recheada de hormonas que  
explodem ao mínimo clique e, eu aqui sentada numa cadeira de  
esplanada me deixo ficar.

Não por hormonas em mim não habitarem, mas sim por não ter  
ninguém com quem partilhar.

E assim me solto nesta escrita sem escrita, de caneta e papel, numa  
escola de Lisboa, que me deu para estudar?!

Estou apenas a vislumbrar...



## REPOUSAR O CAOS

Ontem disseram-me que deveria ter escritos meus feitos à mão.

Percebi de imediato o quanto tenho perdido por não conseguir viver no caos, viver na desordem e com papéis fora de ordem.

Tudo em mim tem que estar certinho, arrumadinho, tudo muito bem arranjadinho, tudo, mas tudo no seu cantinho deve permanecer, como se o caos não soubesse lá viver.

Tudo em mim poderia brilhar se enquanto conduzisse pudesse igualmente escrever, mas não, nada consigo escrever e quando escrevo em papel fora de ordem, rapidamente se transforma numa ordem com a pressa de evaporar a desordem.

Sou assim, sem caos na minha companhia.

Sou assim, com almas várias, mas nenhuma a saber viver com escritos de mãos acompanhadas de canetas e papéis, como se a balbúrdia as pudesse absorver, para de mim saberem beber o que eu quero apenas escrever.

Sou assim, tenho-me assim.

Tenho várias almas e delas gostaria eu de saber cuidar, mas apenas observo e deixo-as em mim habitar, por noites pernoitar e sem coito ficar.

E assim na ordem da desordem de almas várias, finjo saber viver no caos que insiste em mim repousar, mas eu dele não sei cuidar.



## BOÉMIA

Uma vez disseram-me.

- Tens estilo de Boémia, estilo de menina de Bairro Alto.

Ao qual de imediato indaguei.

- Porquê?

- Porque és assim, a tua maneira de vestir, a tua roupa, os teus sapatos, a tua postura denuncia-te, assim...

Responderam-me.

E assim permaneci a pensar no que despertei.

Posturas denunciadas de pensamentos inocentes, por nem sequer saber que tais elementos em mim existiam.

E assim fiquei, pensativa no meu canto, questionando-me que postura terei eu, para muitas pessoas que penso enganada despercebida passar.

Assim fiquei, assim pensei, serei de facto assim?

Não sei, mas gostei do nome Boémia sem ser sinónimo de descuidada e sim de menina bem arrumada.





## EDUCAR A ALMA

Amar-te é educar-me.

É saber da tua existência esquecendo-me da minha.  
É chamar por ti sem primeiro ouvir-me.  
É olhar-te sem mirar-me.

Amar-te é educar-me.

Educar-me amargamente por saber que te amo com alma sofrida.  
Educar a alma a amar com dor, educar a aura a honrar sem pudor.  
Educar o grito com furor e num berro bem alto dizer...

Eu te amo meu Amor.

Amar-te é educar-me com alma de dor e gritar por ti meu Amor.



## NECESSITO DE MIM

Sinto que tenho tanto para dar e recebo tão pouco.

Pareço uma pessoa que de nada necessita, pareço ser a fortaleza que não abana nem abdica, mas no fundo... bem lá no fundo, sou alma frágil, sou corpo quebrado como qualquer humano veterano em tais momentos de engano.

Necessito tanto, como todos aliás, necessito de igual modo colher, receber carinho e amor que sinto dar, mas não me sinto de todo penetrar.

Necessito de uma lembrança em dias esquecidos, não em dias especiais, pois esses, as datas fazem questão de os tornarem reais.

Necessito de ser amada e me sentir desejada.

Queria tanto ser o fogo da paixão de alguém, ser atropelada com músicas de Verão, dançar descalça em praias sem chão e viver num clima de imortal sedução.

Oiço música que recordo com satisfação, momentos nostálgicos por os mesmos terem passado e eu na altura não ter sabido vivê-los. Saber viver com requintes de ternura essa eterna sensação.

Uma sedução que sempre foi mendigada e sempre foi apenas sonhada.

Talvez por isso não ter sabido com ela viver e agora recordo tempos são, tempos que em mim quem sabe permaneceram, mas eu não soube saborear e, agora serei apenas imagem afigurada.

Pareço uma pessoa cheia de firmeza e afinal sou apenas a incerteza.



## ESPANTARAM-ME O SONO

Cheguei a casa arrasada, cansada até mais não, os exames tinham terminado e a ausência iria instalar-se.

Deitei-me para enganar o turbilhão de sentimentos que de mim se apoderavam e, eu por eles nem sequer os esperava.

Adormeci a custo, mas logo acordei.

Lembro-me de ter dormido sobre um manto de Letras e Claves de Sol, flutuei em cima desse manto e sem destino vagueei, acompanhada de escritos recheados com tinta-da-china.

Gritos agudos e distantes, gargalhadas adolescentes com vontade de rir, foram visitar-me em conjunto com o silêncio perturbador da preocupação.

Espantaram-me o sono e foi assim que acordei.

Insisti com voltas e meias-voltas na cama permanecer, mas a insónia deu-me luta e acabou por me vencer.

Definitivamente levantei-me e decidi eternizar este momento.

Queria afugentar a insónia por me terem espantado o sono, mas não consegui.

Não consegui e por isso comecei a escrever.

Agora escrevo de noite para enganar o dia, mas escrevo igualmente de dia, esquecendo-me da noite.

E assim me eternizo, expulsando a insónia por me terem espantado o sono.

Escrevo insónias de palavras e durmo um profundo sonho em forma de sono.

Eternizo-me espantada pelo sono, afugentando assim a insónia.



## A VISITA DA SAUDADE

A saudade visitou-me, encostou-se ao meu ombro e quis que eu dela cuidasse.

Encostei-me também a ela e assim permanecemos as duas, eu com saudades do tempo e ela com saudades de mim.

Ambas recheámo-nos de saudades de tempos que nos fizeram amar sem preocupações, pese embora a consciência desse tempo o tivesse dito que não.

Saudades da preocupação despreocupada.  
Saudades dos tempos de dança livre.  
Saudades das músicas marcantes.  
Saudades de namoros esquecidos.

Sinto dor nas tuas palavras, revolta e até desilusão.  
E eu nas minhas apenas escrevo, mesmo sabendo a razão.

Estou a começar a ficar sem forças no corpo e na alma, tudo me dói, tudo me consome, tudo se explode e tudo se divide.

Não sei por quanto mais tempo vou conseguir aguentar, sinto que o descanso já não faz parte de mim, não sei explicar, mas sei que sinto aos poucos não saber pernoitar.

Emoções se aproximam e sorrisos se despertam com lágrimas de saudades.

Oferecer flores e presentear quando menos esperamos.  
Mimar sem pedir e aconchegar sem licença.  
Jantar à luz de velas com música e lembrar.  
Ir ao cinema e comer pipocas partilhadas.  
Ler um livro a dois e soltar gargalhadas.

Uma lareira e um cálice.  
Uma nudez e um olhar.  
Um sorriso e um tocar.  
Um silêncio e um gemido.



A cumplicidade num casal é das originalidades mais inocentes que pode existir.

Mas é igualmente petrificante, quando nos acomodamos e apenas existimos sem saber sequer viver.

Por isso minhas queridas saudades que de Vós me lembrei.  
Visitai-me e fazei-me renascer o que de bom há para viver.



## HOJE VI UMA BORBOLETA.

Hoje vi uma borboleta!

Há muito, muito tempo atrás reparava nas borboletas, nas joaninhas, nos pirilampos e até nos bichinhos de conta, nos pequenos insectos que a natureza nos oferece gratuitamente com uma beleza inigualável.

O tempo passa e à medida que passa, deixamos de dar atenção aos pequenos grandes pormenores que fazem a diferença.

No tempo de criança ensinaram-me que a chegada das borboletas é sinónimo da chegada da Primavera, o que é certo, é que cresci e deixei de ver borboletas na Primavera, deixei de ver joaninhas e até, deixei de ouvir o barulho das luzes que os pirilampos costumam fazer.

Deixou de haver estações Primaverais ou eu deixei de saber observar?

Será que deixei de saber dar atenção ao que de facto merece ser digno de atenção ou, será que a natureza se está a cansar de ser ignorada e, aos poucos e sem nos apercebermos nos retira a sua inconfundível lindeza?

Hoje vi uma borboleta!

E hoje tomei consciência que se não a tivesse visto, não sentiria a sua falta por me ter esquecido da sua existência.

Porque me esqueci eu de tão belo insecto que em tempos me fez os olhos brilharem?

Porque será que quando crescemos, esquecemo-nos de ser um pouco crianças também?

Porque será que quando crescemos, invadimo-nos com regras de adultos que apenas nos limita na nossa forma de sentir?

Hoje vi uma borboleta!



E hoje decidi querer continuar a ver, a sentir e a ouvir, frutos florais, animais essenciais e pormenores cruciais, de uma vida cheia de perfumes naturais.

Hoje vi uma borboleta e de repente senti que deveria sentir saudades dela também.



## CONCERTO DE VERÃO

Sáímos do carro e fomos de mãos dadas pela estrada de terra batida até ao local do encontro.

Entrámos pelos portões verdes e, sentimos a lindeza da natureza espalhada por tão belos jardins iluminados por sons juvenis. Já não estávamos em terra batida mas sim sobre relva fresca com perfume de Verão.

Antes de nos sentarmos, passeámos um pouco de mãos dadas pelo jardim. O espectáculo estava quase a começar e eu estava perdida no meio dos meus pensamentos, mas sempre de mão dada para nada estragar, pois estava igualmente a gozar um momento de felicidade e cumplicidade neste dar de mãos e olhares radiantes, como se do quotidiano tivesse saído.

Sentámo-nos e o espectáculo iniciou-se.

A voz dela era surrealista, surpreendente, com um estilo único e inconfundível.

A postura corporal era cúmplice da sua voz, denunciava-se esbelta e adelgada, com uma sensualidade que o clamor deixava transparecer.

Pese embora a sua nacionalidade seja Belga, a sua atitude em palco evocava musas francesas que viviam em anos boémios e saudosistas por nada temerem ou julgarem.

Os gestos, os sons, o barulho do vento que as folhas das árvores faziam eram igualmente cúmplices deste cenário magnífico de concertos de Verão.

A música cantada em francês tornava a melodia ainda mais saudosista.

Ela cantou e encantou, bailou e fez bailar, falou em francês, inglês, espanhol e também português.

O Tango entrelaçava pernas enquanto que o Jazz apaziguava o fogo.

Eram os ritmos que se compunham em várias facetas de músicas





diferentes, desde Blues, Jazz, Tango e/ou Flamengo, mas compunham um cenário único e deveras cúmplice da plateia que aplaudia e mais pedia.

Quando a música se torna um marco na vida, torna-se igualmente uma história vivida ou até, uma vida por viver com histórias de músicas ouvidas.

E assim foi, estava feliz e radiante, de mãos dadas com a minha filha a assistir a um concerto de Verão.

Senti dificuldade em soltar uma lágrima, mas a angústia e a solidão visitaram-me.

Queria ter tido ao meu lado um ombro para me encostar, uma boca para beijar, uma mão para me tocar, um corpo para dançar, um olhar para trocar, queria apenas...

Tenho saudades de ser cúmplice do romance em concertos de Verão, com músicas que provocam sensação e bem-estar, ilusão e até fogo da paixão.



## SEM TÍTULO

O tempo está a dar-me descanso.

Tento saber gerir o que agora abunda, mas ainda estou a reaprender a viver com ele sem que o mesmo me pese no corpo e na alma.

Oiço música e as palavras cantadas tocam-me, como nunca em momento algum da minha vida pensei que me tocassem.

Relaxo com pensamentos Pessoaos invejando-o por não ser igual. Tento escrever tudo o que me visita a mente, mas quando chego ao papel e/ou teclado, os pensamentos dissipam-se, tendo que me socorrer da memória para me lembrar o que tanto queria escrever.

E assim vou passando o tempo, a pensar se devo andar sempre acompanhada de papel e caneta ou, se me deixe acomodar apenas aos pensamentos e mais nada proferir.

E assim vou vivendo os minutos e as horas, interiorizando e exclamando o que outrora fiz e agora escrevo.

E assim vagueio com inúmeras questões que coloco e não tenho resposta. Apenas sei que os estudos terminaram, dando-me folga por umas semanas e, apenas sei também que as férias de trabalho estão à porta, mas de férias nada sentirei.

Primeiro porque mesmo que estivesse em plenas férias, talvez não as soubesse gozar, como em tempos já soube.

Segundo porque esta vida literária que quero e faço questão de ter, se instalou em mim e me sugou por completo sem que eu me desse conta, agora não sei viver sem a escrita, mesmo que nada tenha para escrever, terei sempre que divagar, aliás como o faço agora.

Viciei-me numa escrita que afinal não são mais do que diários e/ou memórias soltas de dias passados. Estudo para aprender mais e melhor, mas no final sinto que de nada me valeu, pois as médias são baixas, os recursos existem e a apreensão dos conteúdos fica muito aquém do que outrora esperava. No fim tento lembrar-me



da matéria e apenas me lembro dos convívios.

Afinal o que ando eu a fazer, deambulando por um mundo que insisto ter, mas que sei à partida não ser o meu, para o ser, teria que ter nascido com esse Dom, com essa vontade e com essa natural leveza sem esforço adicional, contudo, não é o caso.

Por isso, dedico-me ao tempo que agora abunda e educo-me a gostar de viver sem stresses e/ou atropelos, porque tenho que saber a medida certa de viver em harmonia, com a mesma dose eufórica que vivo igualmente os momentos disfóricos.

Assim serei tua, com tempo para desfrutar letras sem nexos e corpos ausentes.

Assim serei, mas sempre com alma presente.

... E... agora ao colocar a data, lembrei-me que hoje é o teu aniversário mortal, foi hoje o teu enterro, mas o ano foi diferente... será por isso que não sei dormir...?



## **EU QUERIA 40 E AINDA SÓ TENHO 39...**

Eu queria ter 40 não para projectar num futuro próximo problemas que apenas existem quando os criamos, mas só e unicamente porque sinto que a minha actual idade me está a fazer passar por um processo de mutação que, até a mim me está a surpreender.

Quero chegar aos 40 e continuar a poder dizer o que digo hoje, com a sabedoria que só a idade permite alcançar, com a sapiência da experiência e, com a consciência que posso sempre ir mais além, um acólá que aos 20 anos nunca poderia alguma vez imaginar.

Aos 20 anos faltava-me a sabedoria dessa mesma consciência e, o que a mesma poderia ser e igualmente ter em termos de alcance. Não a sabedoria por um todo, essa de facto é inatingível, pois as gerações vindouras saberão outras coisas que eu não sei, contudo, a consciência e a experiência que se adquire nos 20 anos seguintes é a que chamo de saber sentir uma sabedoria sem limites.

Eu própria me espanto com a demasiada despreocupação aparentemente visível em mim, mas a questão não está na despreocupação, a questão está na necessidade de me afirmar num mundo com regras.

A questão está na consciência que devo tomar ao entrar em desafios adolescentes e, que aparentemente qualquer adolescente saberia dele sair, contudo, o discernimento que habita em mim pela idade já percorrida, não me deixa sair dessa tomada de consciência, bem como sair do desafio de igual modo como entrei.

Afinal a maturidade que digo ter, não a tenho, pois não saio de desafios adolescentes com a mesma facilidade que um adolescente entra e sai, apenas porque a consciência daquilo que faço, torna-me novamente na imaturidade daquilo que não faço.

Por isso, quero envelhecer por fora e amadurecer por dentro.  
Por isso, quero ser naturalmente imatura para poder aos 40 ser também madura.

Por isso, quero ter 40 e não 39...

Por isso,



## ESTRELA SEM CÉU

Esta minha mania das grandezas, das belas vistas, do espectáculo sobre mim visto por terceiros, qualquer dia vai levar-me ao inferno do mesmo modo que o céu me concede a sua dádiva.

Adorno e altivez são adjectivos literalmente associados à minha pessoa.

Gosto de ser o centro das atenções e vibro cada segundo em que esse espectáculo se dá.

Tudo faço para que nada falte, para que tudo saia no mais perfeito estado de loucura sensata, de modo a poder brilhar com a alegria e o sorriso estampado de lágrimas emotivas.

Sou eu, a mulher que luta incessantemente para manifestar afectos sem atropelos, para ser bajulada com atenções redobradas e ser igualmente a paixão e o desejo de alguém.

Sou eu, a mulher leão que não esconde a vontade de ser única, que não omite o prazer de ser estrela e ser igualmente a luz com áurea de gosto em gostar, ao saber que de mim nasce naturalmente o gozo da sensualidade feminina.

Sou eu, a mulher que gosta de brilhar e estrelar.  
Sou eu, a mulher que se apaixona de forma peculiar,  
Sou eu,

Assim sou, estrela sem céu...



## **SEM MEIAS MEDIDAS, APENAS SENTIDAS**

Cada vez mais me convenço que a idade é importante na medida em que nos ensina a ver para lá do nosso entendimento, pois a vida que nos percorre diariamente ensina-nos igualmente a perceber que ela pode ser muito mais do que aquilo que vivemos.

Contudo, não é o dia em si, não é o dia do aniversário que é importante, são os dias que vivemos que são importantes e que devemos dar especial atenção como se fosse o nosso dia, como se fosse o último dia, sem esquecermos que vamos ter mais dias e também, sem esquecermos os dias que passaram.

É exactamente como os sentimentos, pois, cada vez mais se tenta explicar o inexplicável. Porque será que se tenta arranjar uma explicação para lá do entendimento e, enquanto estamos em busca dessa explicação, desse perfeito estado imperfeito que nos consegue de algum modo apaziguar sentimentos controversos, não sentimos o que de verdadeiramente deveríamos sentir?

São estados que nos colocam numa condição de vida pura, pelo simples facto de não nos atraçoarmos a nós próprios, pelo simples facto de sabermos viver e conviver com o que de mais puro existe nos sentimentos das pessoas, ou seja, a dádiva de sentir, o bem que é saber sentir com sabor de requinte e sem avidez de explicações dos porquês.

Não busco explicações que apenas me podem levar a contradições sentimentais sem me deixarem saborear o Dom de saber sentir.

Não busco porquês inexplicáveis sob pena de me aniquilar por deixar de saber sentir com a pureza da verdade, uma verdade que pertence ao momento, uma verdade que é daquele momento, que é pertença da ocasião, pois o sentimento por ser volátil, torna a verdade do momento apenas numa verdade ocasional, igualmente volátil e/ou mutável.

Assim quero estar, assim quero permanecer.

Assim quero saborear, assim quero viver.

Assim quero sentir...

Assim quero, desejo e anseio...



## A INSPIRAÇÃO NASCE DA PAIXÃO

A inspiração nasce da paixão.

Uma paixão que requer um estado de espírito em mutações e revelações constantes.  
Uma paixão que aumenta consoante a adrenalina que nos visita.  
Uma paixão que nos alimenta e sacia.  
Uma paixão que nos diz não e também sim.

A inspiração advém de um estado eufórico que rapidamente se torna disfórico.

A inspiração para escrever a alma na terra e o desejo no corpo, acaba por ser o elo de ligação entre o que dizemos sentir e o que queremos sentir, mesmo sem querermos.

Sem este estado desequilibrado.  
Sem este estado de constante paixão que nos torna na incoerência de um ser sem sermos.

Não saberia, nem saberei nunca saber escrever com a alma da garra que sente e, da vontade do desejo premente.

Por isso me inspiro em paixões e me alimento do fogo e da chama.  
Sem este insinuante estado não saberia viver quanto mais escrever.

Não saberei amar sem primeiro experimentar o sabor da doce paixão, da amarga sedução e da derradeira sensação.  
Não saberei escrever se não souber sentir, simplesmente sentir, sem mais nada proferir e apenas sentir.

Deixa-me novamente sentir a loucura do que é estar apaixonada.  
Deixa-me enamorar e encantar-me, desejando apenas experimentar.  
Deixa-me saborear novos sentidos e acolher novos espíritos.  
Deixa-me voltar a sentir, para de novo escrever com inspiração em mim e rebento de ti.

Mas deixa-me por favor saber o que é novamente sentir...



## SILÊNCIO

Como entendo bem esse silêncio, se não o entendesse não sofreria também por silêncio igual.

Leio-te e releio-te, volto a ler-te e a reler-te e, agora só consigo apenas escrever, nada mais, nada mais consigo senão sentir... escrevendo.

Como escreves tão belas palavras sentidas na alma, por isso me apaixonei, por isso me encantei, por isso e por muito mais me acalentei, por doces palavras proferidas com alma de gente e sentidas com lágrimas de dor.

Não posso deixar de te compreender, sentir-te da forma como me sentes é o mesmo que compreendermo-nos.

Por isso te silencias e eu te chamo.  
Por isso me silencio e tu me chamas.

Para da dor sabermos viver.  
E da vida sabermos sentir, sentir apenas com uma dor boa de sentir.  
Mas sentir...

Perdoa-me, perdoa-me mais uma vez.  
Como te compreendo meu Deus, como te compreendo.

Respeitarei essa vontade mesmo sabendo não ser a tua, porque sei que respeitarás a minha mesmo sabendo não ser a minha.

Como posso ser feliz depois de te conhecer? Tantas vezes o disse, tantas vezes o partilhámos e tantas são as vezes que o sentimos.

Acho que foi dos textos mais profundos que li até hoje e continuo a ler-te e a reler-te, volto a ler e a reler, continuo a querer sentir tudo quando te leio assim... silenciada pela alma e calada no tempo...

Por isso apenas escrevo, não falo, porque não tenho palavras e sem palavras continuo, por tão belas palavras ler, ouvir e sentir...





## DESCULPA

E tantas são as vezes que me dizes,  
- Desculpa...

E tantas são as vezes que manifesto de igual modo,  
- Desculpa...

E tantas são as vezes que nos perdoamos, mesmo sem haver  
perdão, por não ter igualmente havido algo para perdoar.

E tantas são as vezes que te peço desculpa e outras tantas te sinto  
dizeres, desculpa também.

E afinal o que há para desculpar?  
E afinal o que fizemos para assim desta forma amar?  
E afinal não há nada para desculpar e/ou perdoar...

Pois amar é isto mesmo,

É medo de magoar  
É receio de machucar  
É temer estrangular  
É vigiar o mar  
É perder por amar,

Mas é sobretudo sentir sem tocar...

Por saber que não tocando podemos continuar a amar, mesmo que  
nos machuquemos por dentro, apenas porque receamos sempre  
maior dor se partilhada com união de amor.

Assim, ama-me desta forma e eu partilho-a de igual forma, mas  
sentida com alma de quem toca sem tocar.

E mais uma vez aqui te deixo o meu mais sincero pedido de...  
- Desculpa...



## FALSAS CUMPLICIDADES

Estou sentada a tomar o pequeno-almoço num hotel de lugar quente.

Observo cuidadosamente cada pessoa, cada passo, cada atitude e cada cumplicidade.

Vejo famílias preocupadas com as crianças, casais afastados por birras infantis e, numa ínfima parte, poucos, mas muito poucos, os casais que demonstram ser coniventes do desejo, cúmplices da atenção mútua e cúmplices do mimo e da partilha.

Podem ser pares que ainda não constituíram família ou, até casais recentemente casados ou, quem sabe, simplesmente amantes de um fruto de como é saber viver bem.

Mas são esta ínfima parte, são estes os casais que desfrutam de um saber viver com garra a sabor de desejo que melhor desempenham o papel na vida que procuram, apenas porque a desejam e simplesmente conseguem.

Trabalha-se um ano inteiro para juntar uns tostões de modo a gozar umas merecidas férias com gosto a descanso, com sabor a Verão e com amor de paixão. Contudo, elas chegam, mas não vêm sós, chegam acompanhadas da consciência.

Uma consciência que nos diz, “afinal as férias não são mais que meras ilusões, alimentadas por fantasias romancistas e habitadas apenas nos tais casais cúmplices do mimo e da partilha.”

Gasta-se dinheiro para enganar terceiros, contudo, os enganados não são mais do que aqueles que por mera ilusão se deixam levar, apenas porque a esperança os move para onde quer que ela exista, ou seja, a ilusão da palavra esperança.

O isolamento é visível, a ausência de uma carícia ou até de um simples beijo dado com vigor e desejo são o mais comum e patente, em cada pessoa, em cada passo e em cada atitude.



E quando se solta um beijo no meio de tão monótona e falsa  
cumplicidade?!

Arregalo a vista e invejo quem beijada foi, invejo tão merecido  
beijo por ser igualmente notório o desejo e a partilha de ambas as  
partes.

E assim se enganam as férias.  
E assim se engana o descanso.  
E assim se engana a cumplicidade...



## PEQUENOS DETALHES

Numa piscina junto à praia escrevo memórias que observo.

O ser humano aparentemente cívico e humanitário demonstra em pequenos detalhes o quanto pode ser egoísta e, até mesmo vergonhoso no seu estado mais profundo.

Com receio de não conseguirem arranjar em tempo útil espreguiçadeiras são capazes de marcar posição como se de um território se tratasse.

Colocam sobre as mesmas a toalha de praia de modo a que outras pessoas a vejam. Assim, e pese embora a dita espreguiçadeira vá estar o dia inteiro, ou parte dele, inabitável, ou seja, sem ninguém, estará igualmente reservada para alguém que quando lhe apetecer sair da praia e ir até à piscina tenha o seu lugar cativo.

O egoísmo, a falta de bom senso, a falsa modéstia, entre outros adjectivos impróprios para pequenos grandes detalhes, são o modelo recentemente adoptado por famílias inteiras, passando de geração em geração, sem se preocuparem minimamente que todo o tempo que a espreguiçadeira esteve solitária, poderia também ela desfrutar da companhia de alguém.

E assim se constrói um mundo solitário.  
E assim se demonstra o egoísmo sem pele.  
E assim se desfruta sem pudor e sem regras.

É também assim que vejo com imensa tristeza, que sinto com imensa mágoa, que também eu contribuo para uma atitude imprópria, mesmo que seja apenas um detalhe, mas a passividade é de facto cúmplice da falta de intervenção humana.

Posto isto, o que crítico eu?!  
Não serei eu mais um detalhe passivo a acrescentar aos tantos já existentes?!



## A SÚPLICA DE SER AMADA

São quatro camas dispostas em fila num quarto de hotel algures no mundo.

Depois de um dia mais positivo mas sempre relutante chegou mais outro, que me fez ver o que já sabia mas, que teimo em não ver.

Nas quatro camas dispostas em fila, eu encontro-me na primeira, na última encontra-se ele. No meio ninguém habita, mas apenas durante o dia pois à noite são pertença das crianças já adolescentes, as duas camas que ao meio se encontram.

Estou numa ponta da cama e ele na outra.

Reparo agora o quanto desequilibrada está a nossa relação de cerca de 20 anos. Um desequilíbrio que chega a sufocar-me ao ponto de isolar-me por completo no meu mundo da escrita e da leitura, do pensamento e da divagação.

O afastamento, o silêncio, o olhar distante, enfim... o facto de estar ali, deitada numa cama de hotel fora do nosso “habitat” e nada acontecer é como se eu fosse o que de facto não quero ser, ou seja, sou tudo menos a paixão da vida dele.

Ninguém lhe ensinou a amar, a vida apenas lhe demonstrou e desde muito novo que o amor nem nos pais habitou, quanto mais nos casais, contudo, ninguém nasce ensinado, mas com o tempo, aprendemos rapidamente a amar como se aprende a andar e, a crescer com a dignidade que deve impor-se a qualquer ser humano.

Escrevo e divago, recorro a memórias de tempos difíceis para desculpar atitudes básicas e distantes de uma vida vivida sem amor familiar. Enquanto escrevo, leio e soletro na minha memória, que se encontra igualmente perdida em pensamentos distantes, sinto um peso sobre o meu corpo.

De repente, é como se todos os pecaminosos pensamentos que me afastavam dele e, todo o desequilíbrio emocional que me afastava igualmente dele se evaporassem para dar lugar a tão inesperada carícia sem sexo.



Uma carícia que durou pouco, mas que me colocou uma vez mais reticente na minha busca por um mimo gratuito, uma procura por uma festa sem troca, um afago com vontade de mimar e até simplesmente olhar com olhos de paixão e desejo, emoção e sensação, apenas com olhos de orgulho em mim e por mim.

E assim... calo-me por um carinho raro, mas sentido quando executado.

Queria eu ser assim, mimada para todo o sempre.

Queria eu estar assim, acariciada com vontade própria.

Queria eu ser o teu orgulho, a tua paixão.

Queria eu ser a tua vida...



## **DÓI-ME... E SEM ENERGIAS ME APAGA**

Dói-me o corpo, a fraqueza atinge-me, não tenho forças e descubro que o esforço que faço para abrir os olhos é demasiado penoso para os manter abertos, luto incessantemente por um tudo que gostaria de ter e, contudo, esse tudo já o tenho, mas a forma de o ter é diferente da que realmente gostaria de ter.

A tormenta, a insónia, os pesadelos, os sonhos acordados e, tudo o que me revela e me perturba resolveram visitar-me em simultâneo. Não me deixaram espaço para saborear a dor de cada um e, apenas todos juntos resolveram embebedar-me e embriagar-me num deleite de sensações frustradas e únicas para uma vida só.

O que faço? O que adormeço então?  
A dor ou a ausência?  
O calor ou a tristeza?  
O silêncio ou a distância?

Apenas me deixo ficar sem nexos, apática do mundo e da vida. Escondo-me coberta em lençóis brancos e, deliro com dores por saber que sinto esta dor boa de sentir, mas que tanta agonia e sufoco me causam.

Durmo intensamente para esquecer o tempo, acordar noutra tempo e viver sem tormento. Mas de nada me serve, pois quando acordo, tudo me visita de uma só vez e, novamente a fragilidade me derruba, por o peso ser demasiado e eu sem forças estar.

Dói-me o corpo, a cabeça, o ventre, a sabedoria e a tristeza.  
Dói-me a solidão e o desgaste emocional.  
Dói-me a alma e o sorriso.

E tanto me dói, mas tanto e tanto, que apenas quero dormir para igualmente adormecer a dor que, me dilacera pelo corpo acima, pelo ventre adentro e, me sacia sem toque e me derruba sem êxito.

Dói-me apenas, mas dói tanto e tanto que sem forças me deixa e sem energias me apaga.

Dói-me...



## NÃO SOU PESSOA

Não sou Pessoa,  
Nem sou Eça.  
Não sou Camilo,  
Nem sou Camões.

Não possuo heterónimos,  
E homónimos, não sei.  
Não possuo heranças,  
E descrenças, não sei.

Não sou conhecida,  
Nem idolatrada.  
Não sou reconhecida,  
Mas sou tocável.

Não sou poeta, nem fingidora.  
Não escrevo em verso e estrofes também.  
Não possuo dotes, nem tenho blogues.  
Não sou escritora, muito menos cânone.

Não sou pessoa,  
Com nome de Virgílio, Saramago ou Drumond.  
Não sou pessoa,  
Com nome de Cesário, Andrade ou Fernando.

Mas sou Pessoa.  
Sou Pessoa com nome sem Fernando,  
Sou Pessoa com nome de Ana, mulher com vida  
Que ama, porque sei o quanto custa ser humana.





## NADA!

Afinal o que fiz eu até então?

Estudo, escrevo, leio, sou mãe, mulher e amante.  
Sou filha, ainda que não o saiba ser, talvez por não saber igualmente ser mãe.

Trabalho dentro e fora de casa.  
Trabalho e entretenho-me sem me entreter.

Divago e vagueio, umas vezes de carro outras vezes a pé.  
Mas também viajo à velocidade da luz.  
Através de pensamentos que me visitam e pernoitam, pode ser de dia ou de noite, mas quando me atormentam afugento-os e, quando me aconchegam, prendo-os.

Mas afinal, para além de escrever, ler e divagar, sonhar e trabalhar sem vontade, o que foi que eu fiz?

Nada!  
Nada a não ser criar e procriar.  
Existir e de vez em vez viver.

Nada!  
Nada a não ser escrever e ler.  
Publicar sem nome e sonhar sem querer.

Mas nada!  
Nada fiz nestes anos de existência que também sei ter vivido.  
Nada fiz para ser reconhecida, aplaudida e até invejada.

Mas nada!  
Nada fiz a não ser pensar para apenas existir!



## PASSION IN TANGO

Que deslumbre ouvir música que nos faz vibrar ao som de acordes profundos, como rasgos de voz que nos penetram na alma.

Seduz e anseia desejo de dança de corpos esbeltos, que não caem à toa e apenas arrastam-se no som.

Arrancam e devoram corpos deleitados no chão, que rastejam e imploram por mais, saciando a sede de um abraço, com vigor a garra e harmonia.

Elas de pernas elevadas e esbeltas, saltos altos e cabelos presos que forçosamente se soltam, depois de rasgarem espaço e abrirem rachas que os vestidos vestem propositadamente a nu.

Eles, elegantes e altos também, normalmente boémios e igualmente de cigarrilha na boca, transpiram força e equilíbrio, guerreiam mãos sem soltar e pernas sem tropeçar.

Tango, dança que seduz, que apaixonava e que solitariamente se dança com par sem par, por par não haver e quando o há, não é o par certo, nem tão pouco o par que queremos ter.

Tango, que alento aos meus olhos que me deslumbra sonhos irreais por dançar de olhos vendados e sentir de corpo quieto, um som que atormenta e um toque que alimenta.

Dança comigo e eleva-me ao céu, em braços teus equilibrados por mim e saciados por ti.

Rodopia-me e solta-me sem magoar, para depois me agarrares só para dançar.

Dança comigo e entrelaça-te comigo, mexe-te comigo e embala-te comigo.

Tango de acordes fortes e sons provocantes, batidas marcantes e passos dançantes, nunca errantes e sempre amantes.

Tango, ohh tango... como te desejo e como te pretendo..., anseio-te



dançar com a pujança da volúpia, da sensualidade e da luxúria.

Fecho os olhos, imóvel fico, desenhando no céu corpos quentes e dançantes, ao som de “Passion” que me move sem mexer e me excita sem tocar, me explora sem fingir e me solta sem pegar.

Largo pingos de orgasmo deleitados em ti, por seres “Passion” in Tango.

Tango, és tu... Passion...





## ÚNICOS

Estava vestida para arrasar.

De saltos finos e bem altos, pernas esguias e vestido rasgado na frente, cabelo preso com jeitos de soltura, decidi ir em busca da emoção para viva me sentir.

A noite era ainda uma criança, entro num táxi para me dirigir em disfarce boémio a uma casa de estilo próprio de dança com par.

Quando cheguei, paguei e tirei propositadamente uma perna para fora, para vislumbrar quem ali passasse. Tirei a outra e de seguida levantei-me para do táxi sair.

Entrei por uma ampla porta guardada por dois fingidos cavalheiros, percorri um pequeno corredor estreito e escuro, mas de cor vermelha e iluminada com quadros de cores berrantes e corpos tocantes.

Quando ao salão chego, observo calada e decididamente dirijo-me para o bar, para ali permanecer por breves minutos, até o ambiente me convidar para em outro lugar ficar.

Peço um Martini e acendo uma cigarrilha numa boquilha de ponta dourada.

Ali permaneço e ali observo, ali me encanto e ali estremeço.

Estremeço por ter sentido um leve toque nas costas que me fez de imediato pensar, “és tu”. Olhei para trás e ali estavas, de olhos penetrantes em mim, como se me pedisses para te deixar tocares-me com a vontade que a música pedia.

Os meus olhos em ti permaneceram e suplicaram desejo por ti com a dança em mim.

E assim foi, pegaste-me na mão e levaste-me para o meio da pista. A dança começou e a sedução aumentou.

Uma das tuas mãos agarrou-me com vigor as costas que sabias ser o meu ponto fraco, a outra vestiu um chapéu para dar cor às pernas que insistimos em cruzar.



Arrastaste-me para uma mesa e para lá me jogaste. Com uma cadeira de cabaret colocaste uma perna em cima da mesma e, em cima de mim desejaste-me por completo, como se num salão sem dança não estivéssemos e apenas no mundo a existência éramos nós.

Pegaste-me como se a leveza fosse feita pelos passos, deitaste-me e curvaste o meu corpo para trás, por cima da tua perna de modo a sentir-te sem medo de cair. Com uma velocidade estonteante, trouxeste-me de novo a ti e agora de cara a cara e de lábios quase tocados, o desejo do beijo é interrompido por novo passo que dita o modo como o desejo deve ser comedido.

O som silenciou-se e eu com a cumplicidade da surdez, fiquei no chão agarrada às tuas pernas, encostando a cabeça aos teus joelhos e pedindo sem falar, levanta-me e ama-me.

Ouviste sem voz o meu pedido.  
Levantaste-me e contigo me levaste até ao bar.  
Pagaste um Martini cheio e levaste-me novamente para o meio do salão.

Um salão que agora se encontrava vazio de gente e totalmente cheio de som.

Um som que pediste que fosse só nosso e, assim foi.

Dançámos novamente com a garra de um Tango, mas quebrando as regras do mesmo, por o desejo ser superior e a vingança de nos termos e possuímos ser maior do que a própria dança exigia de nós.

Amaste-me, amei-te, amámo-nos e dançámos com regras e sem regras, um lindo Tango compassado apenas pelas nossas batidas cardíacas, que nos fez ditar que os passos eram nossos e a música obedecia.

Assim te ensinei a dançar um Tango distinto, assim me ensinaste a amar diferente, assim fomos, assim somos, não os melhores, mas os Únicos.



## MATURIDADE

Conduzo ao som da música de Rodrigo Leão.

É uma música triste mas ao mesmo tempo suave. São melodias que nos acalmam a alma e nos fazem sair da própria vida para entrar no sonho de alguém.

Não importa de quem seja o sonho, importa sim, sentirmos o som, sentirmos ser alguém diferente do nosso “eu”.

Experimentamos uma mudança ao entrarmos por uma porta que nunca esteve fechada, não que ela não quisesse ser trespassada, apenas nunca se deixou ouvir, talvez por não ser a altura certa ou o tempo adequado.

E agora ao ouvir tão melodiosamente este encanto, entro pela porta que se deixou encantar, igualmente pelo som que estou a escutar.

Sinto-me relaxada, embriagada até de tão enternecedora melodia que de vez em vez interrompida por uma voz que me trespassa o espírito, me acalenta o corpo segredando ao ouvido.

Fecho os olhos e sinto.

Sinto a permissão da satisfação ter chegado.

Sinto o momento de entrar pela porta que me alimenta e acalma.

Sinto o desfrutar de algo que desconhecia na sua totalidade e, nem imaginava que algum dia pudesse existir.

E assim é a maturidade.

E assim é a sabedoria.

E assim é a vivência...

Saborear cada momento, seja ele bom ou mau, não interessa.

Saborear cada instante, cada passo, cada canto.

E de olhos vendados me encanto dançando leves passos de seda, sem nunca interromper tão bela melodia, para não despertar o silêncio da voz que quero continuar a escutar.



Do outro lado da porta a serenidade habita, trespassa-me por um todo, arrepiando-me a pele sem conseguir travar a paz que me seduz para me dar luz.

Uma luz que alcanço sem ver, apenas porque bastando sentir se adormece de olhos abertos com o Dom de sermos nós, mas também o sonho de alguém.



## MULTIDÃO SOLITÁRIA

Solidão que tanto prezo e proclamo, vives no seio da multidão, mesmo sabendo que em ti habita a solidão.

Não sou mais que essa multidão de gente só, por me ter a mim e de mim fazer apenas o meu “eu”.

Sozinha nunca estarei, nem solidão sentirei, porque do meu “eu” e da multidão solitária que em mim vive, faço companhia a ti e tu a mim.

Solidão que tanto estimo e admiro, não serás nunca multidão só, enquanto em mim permaneceres por eu de ti cuidar, como igualmente tu de mim cuidas.

Tenho-te e tens-me, temo-nos em multidões várias, sós também, mas aconchegamo-nos uma à outra e por tal, apenas solitárias, mas nunca isoladas.

Ambas sozinhas no meio da multidão, mas nunca no seio da solidão, pois fazemos uma à outra uma grande companhia.





## SOMBRA

Eu sou eu e tu és tu.

Ambas somos uma só, um único ser, uma única existência.

Eu de ti faço parte e tu de mim parte fazes.

E quando te separas enquanto durmo eu aconchego-me por não te ter.

E quando acordo e te encontro eu me afasto por me teres.

Por isso, no sono sou só e, acordada igualmente só estou.

Apenas porque de sombra és feita e de pessoa sou eu.

O que me adianta ter-te em mim enquanto acordada estou e, teres-me também enquanto durmo sem ti?

De sombra és feita, por isso não te apanho e tu não me acompanhas.

Somos um único ser, uma única existência, mas por sermos duas em um, não seremos nunca uma só.

Se a vida de sombra nada vale, a vida de pessoa menos vale, porque a sombra é feita de pessoa e a pessoa não é feita da sombra.

Serás eternamente sombra, com ou sem pessoa, com ou sem mim, mas serás sempre sombra de algo e também sombra de alguém.

Acalentas a alma do frio e proteges o corpo do sol.

Refugias-te de noite para de dia sentires a luz.

Por isso, enquanto durmo não estás e quando acordo não te quero.

Por isso, no sono sou só e, acordada igualmente só estou.

Apenas porque de sombra és feita e de pessoa sou eu.



## O ENVELOPE

Abri a caixa do correio, já estava à espera de um aviso dos CTT a qualquer momento. Quando a abri vi algo vermelho, de imediato retirei o papel que se transformou no aviso dos CTT que tanto aguardava.

Li rapidamente o remetente para ver se correspondia às minhas expectativas.

Correspondeu, li também que se tratava de um volume grande, pois estava igualmente escrito no referido aviso.

Fui de imediato aos correios levantar a encomenda, estava receosa, estava hilariante, estava confusa e sem conseguir definir sentimentos ou emoções.

Quando vi o pacote, uma desilusão se abateu de imediato em mim, pois esperava um caixote e apenas um envelope almofadado me entregaram, fiquei hesitante em abrir o que já sabia conter no dito envelope esverdeado.

Mas mesmo assim, a hesitação não travou o sorriso que tive para com a senhora que me atendeu nos correios, nem travou a vontade em partilhar a minha emoção, querendo soltar gritos e abraços, beijos e clamores, por tantas, quantas pessoas houvesse, naquele lugar e naquele momento.

Nada disso o fiz, apenas contive-me, olhando hesitante para o envelope e dirigindo-me para o carro de forma pensativa, para saber se o abria ou não.

Quando me sentei no carro tranquei as portas e, fiquei a olhar para aquele desejado envelope que julguei primeiramente ser um caixote. Decidi abri-lo e, quando o abri retirei de dentro o que tanto esperei e desejei, o meu livro, o meu primeiro livro, um filho que nasceu sem parir, mas nasceu pelas mãos da inspiração, pelas emoções de uma caneta e partilhada em papel.

Fiquei confusa, fiquei sem saber o que sentir, se deveria rir ou chorar.

Estupidamente ainda sentia aquela desilusão do primeiro impacto, por não ser um caixote e ser apenas um envelope. Julguei que iria receber vários livros, mas apenas um me chegou.



Olhei para a capa que tantas vezes me encantou e, mesmo assim, não consegui definir o que senti. Folheei o livro e senti o papel, cheirei-o e olhei-o, mas, mais uma vez, nova sensação por decifrar me visitou. Até o próprio tamanho do livro me fez questionar a qualidade do que para mim e, por ser o primeiro teria que ser perfeito, sem margem para erro ou engano, apenas teria que ser a qualidade em perfeito estado de afinação.

Aos poucos fui interiorizando a ideia, aos poucos fui ficando assustada. Não sabia porquê, mas estava receosa, estava à beira de um chlique, apetecia-me enlouquecer, gritar para todo o mundo ouvir que eu estava ali, para me lerem, para me descobrirem, para me amarem e bajularem, como sou e como gosto.

Mas nada, nada fiz e apenas prostrei-me em mim e no meu livro. Em simultâneo queria partilhar com as pessoas que mais amo, este meu estado indecifrável, mas por incrível que pareça, não consegui contactar ninguém ou não atendiam o telefone, ou estava ocupado, ou apenas desligado.

Assim, sozinha partilhei esta emoção sem emoção, mas partilhei comigo e sem mim, por não saber se deveria partilhar o que apenas no próprio dia deve ser partilhado. Ou seja, no dia do evento, no dia do lançamento, no dia em que me revelarei para o mundo e até para mim.

Mais tarde e depois de já ter conseguido falar com algumas pessoas, fui a uma livraria conhecida no mercado, conceituada na praça e, comparei tudo. Comparei o meu livro a outros, desde a capa ao tipo de papel, desde a cor do papel ao tipo de capa e até, o próprio tamanho comparei.

Se dúvidas houve de imediato se dissiparam e, o sorriso começou a soltar-se e a alegria iniciou o seu processo, a vontade de chorar e rir abateram-se em mim e o grito chamou-me e eu ouvi.

Assim foi, o dia que recebi o envelope que pensei ser caixote.

Assim foi, o dia que pari sem gritar e escrevi sem hesitar.

Assim foi, o dia que foi dia e agora é noite.

Assim foi, e será outro dia, aquele a que o lançamento vai ditar se deva rir ou apenas chorar, por te voltar a tocar não em um, mas em vários.

Vários livros paridos com dor, vários filhos nascidos sem parir, mas escritos com amor.



## **O DIA APROXIMA-SE E O PARTO TAMBÉM...**

O dia aproxima-se, tudo revejo, tudo reparo e tudo programo de forma pormenorizada, de modo a que nada falte, de modo a que a perfeição e a boa disposição reinem neste dia.

Um dia importantíssimo para mim, um fruto de muito trabalho, uma conquista com muita dor e sofrimento, um silêncio escrito mas não calado.

Quero brindar quem em mim acreditou, não quero apenas a Vossa presença, não quero apenas o Vosso sorriso, quero a Vossa atenção, quero os Vossos mimos, quero o Vosso abraço, quero o Vosso gosto em gostarem de mim, quero sentir cada palavra, cada olhar, cada postura, cada silêncio e até cada ausência.

Quero saber que em tudo e em todos habita a alegria por me verem feliz, habita o verdadeiro sorriso, habita o verdadeiro orgulho por saberem que eu existo, por saberem que sou eu e que serei sempre eu, assim, como sou, a gostar de todos Vós e a gostar de ser presenteada e mimada, por igualmente Vos brindar e mimosar.

O dia aproxima-se, a insónia instala-se, o sono é turbulento e a dúvida é uma constante. Uma dúvida que aumenta em dias como este, em dias que sei serem meus, em dias que sei serem feitos por mim e de mim, precisamente por ter lutado sempre muito para atingir estes dias de glória com fim.

O dia aproxima-se e eu quero acreditar que sentirás orgulho em mim, que por mim darás tudo, que por mim tudo trocarás, apenas para me veres feliz, apenas para me sentires sorrir, apenas por me amares.

Mas a dúvida persiste, ela é constante e até no sono e na insónia me visita, precisamente por nunca ter saboreado o teu gosto em saber que de mim te orgulhas, que por mim lutarás e que por mim viverás.



Mas é apenas um devaneio, eu sei, não é nenhuma dúvida, também sei, é apenas a ilusão de querer acreditar, é apenas deixar-me sonhar nem que seja por breves momentos, mas é ter a esperança que me sentirei a mulher mais feliz se soubesse que comigo estarias, não apenas em corpo, não apenas em disfarce, mas estarias comigo com um sorriso e com a vontade de matar saudades de abraços e beijos cúmplices, estarias comigo por um tudo e por um todo, mas principalmente, estarias comigo por nós e pelo amor que supostamente dizes por mim sentir, estarias comigo como em tempos estiveste e me protegeste, como em tempos me bajulaste e me amparaste, como em tempos me amaste, mas que se perderam por também acreditar que para ti, não sou mais que a mãe dos teus filhos.

Por isso me amparo em terceiros, me deixo envolver por estas plateias desmedidas no tempo mas que quero acreditar que de mim gostam, por isso me deixo vibrar pelas emoções que até podem ser falsas, mas pelo menos sabem fazer-me sentir mulher, mulher viva, mulher amada e desejada.

O dia aproxima-se e o receio também, o teu silêncio denuncia-te e a tua postura também.

A tua indiferença perante mim é patente e o meu choro também.

Serei eu algum dia feliz junto a ti?

Serás tu algum dia feliz junto a mim?

Teremos nós essa paz de espírito que tanto buscamos mas não encontramos?

Não sei, mas gostava de saber, gostava apenas de saber que contigo seria feliz, com ou sem este dia, mas queria que gostasses deste dia, porque também eu gosto, porque sofri e doeu para chegar a ele, por isso, e porque sei que não partilhas da mesma felicidade que eu, gostava ao menos que partilhasses da mesma dor, a dor de parir.

O dia aproxima-se e o parto também...

Terás tu as mesmas dores que eu?



## E DA ALMA NASCE UM LIVRO

Estou cheia de dores, parece que já sinto as contracções e ainda faltam mais de 24 horas para parir.

Não durmo, a insónia visita-me, a inquietação e a ansiedade são uma constante e o dia ainda nem nasceu.

Estou quase a parir um filho, um filho nascido com alma.

E da alma nasce um filho.

E da alma nasce um livro.

Um livro fecundado por almas várias, por sentimentos lógicos e ilógicos, sentimentos maduros e imaturos, sentimentos nobres e vadios, mas sempre sentimentos.

Um filho que não sei a que pai pertence, pois a almas várias me dei e de várias almas cuidei.

Maioritariamente até sei que dois ou três pais são passíveis de serem iguais, apenas porque deles nasceram escritos vários, com semelhantes sentimentos.

Serei vadia por me dar assim, prostituindo-me na escrita sem nada em troca receber, a não ser a dor de parir um filho com nome de livro, que baptizei de “Louca Sensatez”.

Mas assim sou e hoje, as dores de parto e as contracções que sinto e pressinto, sei que irão aumentar à medida que o tempo for avançar.

Mas no final, depois de almas várias cuidar, igualmente por delas amar, serei capaz de parir sem sofrer ou chorar.

Estou cheinha de dores, o dia aproxima-se e as almas que cuidei, aqui não estão, porque assim Vos quis e assim Vos abandonei.

Será melhor parir sem pai.

Será melhor matar-te à nascença, alma de livro que nasces de várias.

Será melhor seres órfão também e igualmente ficares apenas com mãe.

Mas será sempre melhor nasceres e depois morreres, porque assim poderás sempre dizer: - Um dia nasci, vivi e senti...



## **HUMMRRRR, QUE RAIVA!**

Um turbilhão de sentimentos me atropela.

A raiva impera e o desencanto recupera o seu lugar que há muito se encontrava vazio.

A fúria invade-me e do meu corpo se apodera.

A incapacidade de raciocinar correcto é-me imposta pela agitação que sinto e vivo.

Sem rodeios tento mostrar o que sou e do que sou feita, o que sinto e do que necessito.

Igualmente sem rodeios é-me vedada essa vontade que gostaria de abraçar e, apenas sinto que nem ela me vem procurar.

Se um saco de boxe aqui tivesse depositaria nele toda esta raiva, toda esta vontade de esmurrar, toda esta ganância em gritar, toda esta incapacidade de lutar, toda esta impotência, ira e fúria que de um momento para o outro me atingem e, sem saber como nem porquê, castigam-me de forma marcada, de um modo estupidamente irracional, afundando-me em perguntas sem resposta e sentimentos sem sentido.

Fiel e único depositário de tamanha incongruência de sentimentos esbarrados em desastres e catástrofes, são estes escritos de lágrimas sem choro, são estas palavras escritas sem nexos e, são estas frases feitas de letras e soletradas sem som.

Incompreensão é a palavra certa que apenas foi construída propositadamente para mim.

Desconforto e intolerância são mais duas que apontam numa única direcção, a minha.

E a raiva que sinto em sentir-me assim, apenas me leva a pensar que de nada sou feita, porque também do nada nasceu esta raiva, que sem lógica e com vontade ilógica me implora que a deixe em mim permanecer.

E eu que de nada sou feita estou assim, atropelada pela raiva e acorrentada sem corrente.



E afinal não foi preciso súplica alguma, pois ela simplesmente apareceu e instalou-se, sem licença alguma pedir, muito menos implorar.

Por isso não entendo, porque me imploraste e agora te instalaste sem te ter dado aval para que de mim te apoderasses?





## VOZES DE RÁDIO

De novo a história do carro.  
De novo a inspiração na condução.

Se pudesse escrever tudo o que pela minha mente passa enquanto conduzo, não haveria papel nem tinta que chegasse para preencher o vazio que sinto, por nada poder escrever e apenas conduzir. E enquanto conduzo reparo que novo hábito se instala em mim, será da idade ou será mesmo assim?

Agora, as músicas que outrora aprendi a escutar, escuto-as igualmente, mas com pausa de rádio na mente. Sim, mas não é uma pausa qualquer, é um intervalo na música para dar lugar à voz.

Oiço e imagino, sinto também, que são vozes de rádio, vozes sem cara mas com corpo, vozes com palavras e posturas próprias, de modo a deixar correr a imaginação, como será aquela criatura, como será aquela viva alma que dá vida à rádio de corpo sem corpo.

Ao ouvir vozes bonitas, gargalhadas contentes, sorrisos com vontade e alegrias partilhadas, penso para mim: “utópico dizer, mas como se consegue através de uma voz, transmitir a visão dos gestos que esse corpo de voz se faz sentir e ver também?”

Consigo ver a voz e não apenas ouvi-la, consigo senti-la e não apenas escutá-la, fantástico mesmo. Mas eu, eu não tenho uma voz bonita, não tenho a sapiência dos convidados nem tão pouco sou conhecida pelo que apenas sou, porque haveria eu de ser alguém, ou igualmente ter voz que ouve, sente e vê?

Imagino a que cara pertence determinada voz sem rosto, imagino o que poderia aprender com ilustres convidados que vivem da erudição de uma vida intensa em estudo e, igualmente em sabedoria.

A conclusão é aterradora, pois não tenho uma voz marcada, nem uma presença firme, quanto mais a sabedoria de alguém que sabe



ser a cultura e a perícia, de uma vida de esforço e determinação, a mais que não seja, por uma luta, uma causa, um motivo e até uma vontade.

Mas de facto apenas oiço e imagino.

Imagino-me ser a convidada e porque não a jornalista, quem sabe a locutora e também a escritora, mas imagino sempre vozes com garra, vozes com brilho e vozes com vontade de se fazerem ouvir.

E no entanto ao imaginar que rosto terá aquela voz, que face terá aquele corpo, apenas constato que novo hábito se instala, por querer ouvir e imaginar, vozes que dão vida à voz e até gestos que dão existência à alma. Pois, apenas a voz que oiço me faz imaginar que gestos estarão a fazer enquanto falam e trabalham?

Oiço e escuto, divago e penso, oiço e ausculto e novamente vagueio e devaneio.

São lindas vozes de corpo ausente, são fenómenos com voz e com som presente, são vozes com cheiro e tradição, são toques de vozes que nos fazem fantasiar.

E eu aqui a escrever e a esforçar-me para me lembrar, o que tanto queria rabiscar, o que tanto me inspirou numa tarde de rádio com som de vozes e sem som de música.

Afinal, escrevo apenas para recordar, para me acalmar e nada consigo nesta vida fazer, a não ser escrever com som de teclas e devaneios sem voz.

Pois, afinal tudo esqueci e nada escrevi.

Que voz tenho eu para fazer nascer algo que arrepie e denuncie?

Que voz tenho eu para agarrar com vontade e nascer sem crueldade?

Que voz tenho eu na alma e no corpo, na vida e na mente?

Diz-me apenas se me faço ouvir?

Diz-me apenas se me faço sentir?

Mas diz-me...

∞ Diz-me que, mesmo calada e sossegada me ouves.



Assim, serei a voz de alguém, saberei ter voz e também ser voz, que se faz ouvir com palavras escritas e nunca faladas, mas que se faz entender e até perceber, que se faz sentir e até amar, porque afinal, também escrevo e o corpo não me vêem, de igual modo que escuto uma voz com corpo, mas não o vislumbro por ser voz de rádio.

Se assim é, serei sempre a tua voz, não é bonita nem firme, mas é e será sempre uma voz, a voz da luta e da conquista, a voz da dor e da ignorância, mas será sempre uma voz.

Uma voz com corpo e presença sem rádio.



## **PALAVRAS ROUBADAS**

São tantas as dores de parir, mas tantas, tantas, que acabamos por ficar anestesiadas com a própria dor.

Partilho sempre as minhas emoções, sejam elas boas ou más, contudo, nem sempre consigo defini-las, por isso nem sempre sei partilhá-las, pelo menos até ao momento de as compreender, mas como sempre disse, não posso nem devo medir sentimentos, quanto mais entendê-los.

Seria injusta se o fizesse e, mesmo tentando perceber que dor é esta que me anestesia com a própria dor, sei que acabo por me contradizer no que acabei de escrever.

Mas tenho que escrever, tenho que insistir nesta escrita que me atormenta e me consome, sob pena da própria dor, do próprio sentimento me roubar as palavras que quero escrever e não consigo, apenas porque as sinto mas desaprendi a escrevê-las, deixei de saber partilhá-las e envolvê-las nas emoções que sinto.

Esta dor de sentimento com alma,  
Esta dor que anestesia a própria dor,

Roubou-me as palavras  
Roubou-me a escrita  
Roubou-as de mim...

Roubou-me o sentimento partilhado, ignorando-me por completo, deixando-me assim... prostrada em mim e no papel, no vazio e na caneta, na escrita que não é escrita, nas memórias que não são lembranças, deixando-me assim, a escrever sem saber se escrevo ou apenas divago.

Dor que anestesia a própria dor, conseguiste anestesiá-me de tal modo que, até as palavras que em mim viviam conseguiste roubá-las, conseguiste adormecê-las com a dor da tua própria anestesia.

E agora? O que faço e o que sinto?



E agora? O que digo e o que penso?

Não sei, apenas vou continuar a sentir esta dor boa de sentir, que por vezes me mata e outras me acode, por vezes me sufoca e outras me penetra, mas nunca deixando de ser dor, que anestesia a própria dor, nunca deixando de ser palavra parida com dor de alma e, nunca deixando de ser palavra roubada de dor quebrada.



## CRUELDADE

**H**abitas nas pessoas de muitas formas.

Umás vezes oculta, outras vezes presente, umas vezes camuflada outras vezes dissimulada, mas vives, usas e abusas das pessoas da forma que entendes e da maneira que queres, no momento que decides e na postura que denuncias.

E quando te revelas assombras a própria sombra, desmascaras quem tu entendes e magoas quem não pretendes.

És igualmente frontal e por isso, nestas pessoas nada devemos temer, pois dás-te a conhecer como és e o que és.

Depois, existem aquelas pessoas que ostentam boa postura e bom senso, que fazem da imagem o palco e a plateia, que se dizem e contradizem, apenas para se revelarem de forma categoricamente inocente e, quando assim é, presenteias quem bem te quer, com a tua frontalidade e arrogância, mas não te fazes rogada e, por isso, ofereces-te também para as que te rejeitam e quando te ofereces sabes fazê-lo, usando a força mental e a frieza sentimental.

Desnudas quem por ti chama e não reclamas compaixão, pelo contrário, fazes questão de afirmar o que sempre foste, o que realmente és, assim, inocentemente cruel.

Porque apenas na fraqueza do espírito te deixam permanecer, na pureza da alma, não consegues entrar e, é aqui que a tua astúcia reside, usas e abusas da fraqueza dessas pessoas que apenas se deixam denunciar, por serem pobres, muito pobres mesmo, pobres e fracas de espírito, por serem amargas e viverem camufladas.

E é assim que te presenteias, oferecendo-te à fraqueza de uns para atingir a força de outros, para penetrares na pureza da alma daqueles que te enfrentam sem receios e rodeios, apenas porque estes, por serem fortes mas igualmente fracos por serem humanos, se deixam levar não por ti, mas por quem tu tomas conta, e assim, desta forma nua e crua, desnudas-te em todos, todos nós,



apodrecendo a alma e até o próprio corpo.

Não importa se somos fracos ou fortes, se somos mais ou menos humanos, se somos mais ou menos humildes, o que importa é que independentemente do que somos, consegues sempre entrar, umas vezes com licença, outras não, mas entras e quando entras, tornas-te nua quando queres e vestida quando entendes, mas o facto é que já entraste, por isso, seja agora, antes ou depois, apenas o tempo condiciona o teu verdadeiro acto de revelação própria.

E assim te revelas pobremente cruel.

E assim te confessas cruelmente podre.



## SARCASMO

Não te culpo mas também não te inocento.  
Não te amarguro mas também não te felicito.  
Não te odeio mas também não te amo.  
Não te desprezo mas também não te aprecio.

Não te respeito mas também não te ofendo.  
Não te reconheço mas também não te conheço.  
Não te dispo mas também não te visto.

Afinal, como poderia eu culpar-te ou inocentar-te, amargurar-te ou felicitar-te, odiar-te ou até mesmo amar-te e, porque não, respeitar-te ou até ofender-te?

Afinal, como poderia eu reconhecer-te se nem te conheço, desprezar-te se nem te aprecio e, até despir-te ou vestir-te se apenas não existes?!

Não existes, nunca exististe, não és nada e, do nada, nada se diz, nada se escreve, nem se é feliz.

Do nada nasceste e morreste e porque morreste logo à nascença, nunca chegaste a ser algo, quanto mais alguém.

Por isso, não posso sentir, sentir-te assim como exiges e reclamas que sinta, e sabes porquê? Porque és indiferença...

Apenas isso... indiferente...afinal, não existes.

Como posso eu saber que és diferente se apenas não existes, se pura e simplesmente não existes nem na própria indiferença?

Não na tua indiferença, porque tu és o nada, mas na indiferença da própria indiferença, que inclusive nem ela de ti quer saber.

Apenas isso, afinal, não existes, nem na indiferença, logo, porque deverias tu exigir ser a diferença, quando nem na indiferença consegues habitar?





## ANGÚSTIA

É uma tensão de aflição na barriga.  
É uma pressão sobre o peito que esmaga.  
É sangue que não escorre, fazendo-se sentir.  
É tempo inquieto e drasticamente lento.

São lágrimas de alívio brotadas sem som.  
São dores que não se vêem e apenas se sentem.  
São ânsias de agonia que deliram e desvairam.

A influência que tens sobre o meu peito é tanta, mas tanta, que quase me esmaga, deixando-me brotar prantos de descanso nos momentos de solidão.

São tantas, mas tantas as dores que não se vêem, que o sangue boi que não escorre no meu corpo e na minha alma, faz-me sentir a todo o momento, que num muro de pedra maciça vou embater e, nele amortecer a dor para fazer de mim esquecer e não mais acordar.

São pedaços de tempo que teimam e queimam.  
São pequenos gomos de fruta doce que saboreio de forma cruelmente amarga, que na alma me penetram, fazendo de mim o seu porto de abrigo, fazendo também o esquecimento e um total descontrolo emocional, de modo a que nada nem ninguém me possa acudir.

Posso gritar, chorar, berrar e até amar sem ser amada, mas perturbas-me com a tua consciência em queres permanecer em mim e sempre por tempo indeterminado.

Tu, tu angústia amarga que afliges quem de ti nada quer, que furas e penetras quem de ti nada pretende.

És sentimento puro que chegas sempre na sequência de sentimento impuro.  
És sentimento doloroso que matas quem não te espera e afagas quem te convida.

Mas és e serás sempre sentimento, por isso, te devo lealdade e respeito.  
Respeito-te, respeita-me de igual modo, assim o desejo, assim o exijo.



## VEJO SOCIALMENTE...

Vivemos numa sociedade onde a falta de sensatez habita numa forma constante e permanente.

As pessoas atropelam-se umas às outras para se destacarem perante o que mais lhes convém.

A tendência para se sobreporem aos valores é cada vez maior, pois o que realmente importa é o destaque dos feitos que afinal não são feitos, mas sim pequenos nada que não fazem a diferença, e se fazem, destacam-se apenas pela negativa.

Os almoços são interrompidos por sons de telemóveis sem respeito.

O trabalho é sempre a prioridade, sobrepondo-se igualmente à família e aos princípios.

Em casa, a TV é uma prioridade e as revistas cor-de-rosa ganham terreno.

As famílias existem, mas não vivem, não dialogam e muito menos amam.

As consolas, os jogos e a virtualidade começam a ser os substitutos das relações reais e humanas. Os encontros e as relações humanas saltam fases de conhecimento interior, para fases de conhecimento exterior, saciando prazeres sem prazer, por nunca chegarem a conhecer o quão belo e deleite é iniciar a relação pela fase interior.

A escola compete com a família e vice-versa, criando imagens do que gostariam de ver e sentir, mas camuflando verdades que deixam ficar mal quem as desafia, por a nu as exporem.

A corrupção sacia-se nas classes mais altas, fazendo passar fome, a ordem, a clareza e a justiça dos factos.

Os políticos “(de)batem-se” por questões pessoais e nunca por questões sociais, fazendo prevalecer apenas o negativismo, ocultando a preciosidade do bem que se pode aprender nos erros que vimos e cometemos.



Que sociedade é esta que apenas aponta e nada faz para se corrigir?  
O que importa é apontar e difamar, o que realmente interessa é  
destacar, não interessa como nem porquê, importa sim ser notícia  
e não, informar a notícia.

Afinal, crescemos, estudamos e educamos para quê?  
Afinal, qual a finalidade de tudo se nada do que apreendemos  
aplicamos?

Crescemos com valores sem os valorizarmos.  
Estudamos pelo canudo e não pela cultura.  
Educamos para a imagem e não para a interiorização.

Afinal... a falsidade é e será sempre a dona da verdade.



## REFÉM DA CULPA

Já não sei o que pensar.  
Já não sei o que sentir nem tão pouco o que fazer.

Sinto-me refém da culpa.  
É como se fosse um sentimento que comigo nasceu, comigo vive e comigo morrerá.

Não saberia inocentar-me sem também culpar-me.  
Culpo-me por não ter sabido construir uma vida alheia de preconceitos e discussões.  
Mas culpo-me também, porque quero sentir essa paz interior que tanto necessito e não a tenho, quero igualmente sentir-me amada e mulher desejada, mas quero e desejo sentir paz, harmonia e serenidade na vida que tenho, na vida que faço e na vida que sou.

Se romper com os tradicionais laços é como se a culpa sem mim não vivesse e, eu sem ela não morresse.

Aliei-me a ela para uma vida e por uma vida e agora não sei viver inocente.  
Adjectivos que me magoam e ferem a minha sensibilidade emocional são e serão sempre os meus aliados, com eles aprendi a viver, aprendi a ser desprezada e até indiferente para os que mais amo.

E agora que preciso dessa paz interior, não consigo que a culpa me liberte. Ela já faz parte de mim, não tenho pena, mas também não tenho forças para brigar de mim para mim, para portas abrir e uma luta entrar.

Dessa luta jamais sairei vencida, quanto mais vencedora, apenas sairei magoada e também solitária.

Por isso em ti me refugio, nesta culpa que não tem culpa, mas que me consome e me persegue, me esgota e me atesta.

Por isso em ti me refugio, nesta solidão de letras sem som, nestas



lágrimas que escorrem sem água.

Por isso me sinto assim, alheia da felicidade momentânea e,  
alienada de uma vida comum sem ser camuflada.

Por isso sou e serei refém de ti, culpa, que em mim habitas e eu  
sem ti jamais saberei ser.

Por isso me culpo...



## DOR ACOLHIDA

Aprendi a crescer com a dor.  
Aprendi a viver com o sofrimento.

Tentei por diversas maneiras contornar-te, fitando-te até, de modo a poder amortecer esta dor que em mim habita e em mim se apodera.

Mas de tanta vida passada, de tanta luta incessante, agora sou eu que não te quero perder.  
É como se de mim já fizesses parte, é como se fosses a minha muleta e o meu amparo.

Se te fores embora não saberei viver, pois não saberia sentir esta nova dor que também é dor, mas é uma dor nova de sentir e desconhecida por mim, por isso receio-te e temo-te.

Temo-te por isso.  
Temo-te por te sentir.  
Temo-te por te sentir que próxima estás e, não sei se te convide ou te feche a porta e fiques para trás.

E no entanto és apenas a dor que em mim sempre habitou, mas temo-te por seres dor nova e não dor velha.

Serias a novidade sem ser nova.  
Serias o desafio sem desafio.

E colocarias em jogo todo um padrão de vida que em mim depositaste e me ensinaste, transformando-te num padrão em mutação, com dor, é certo, mas uma dor nova, uma dor que teria primeiramente que aprender a sentir, aprender novamente a sofrer, para depois te poder acolher.

Como saberei eu viver sem ti, dor, que afinal de tanto que does, consegues igualmente confortar-me...



## MANIFESTAÇÕES DE VIOLÊNCIA

Porque será que nunca tive uma forma de carinho gratuita e intemporal?

Porque será que sempre que olho para trás, apenas vejo súplica num amor incondicional?

Porque será que a minha pessoa vai sempre buscar o que de pior há nas pessoas?

Não sei, busco uma resposta, procuro uma solução, desafio o meu passado e mesmo assim, continuo a calar-me perante uma violência que cada vez mais vai ganhando o seu terreno.

O que dói mais? A violência física ou a violência emocional?

Ambas, mas a violência emocional torna-se mais perigosa, torna-se mais acutilante, porque não se vê, porque não a acusamos, mesmo que de forma despercebida ela se faça sentir.

É uma dor que não se vê mas sente-se da mesma maneira, criando cicatrizes abertas por anos nunca terminados.

É uma dor que apenas é olhada quando já não a suportamos mais, quando nos sentimos asfíxiar com ar e estrangular sem mãos.

É uma dor que nos envergonha, não a partilhamos e não a acusamos, porque mais tarde ou mais cedo, iremos sentir a sua falta, iremos sentir a ausência dessa dor que nos sufoca e nos fere, mesmo que seja sem razão aparente.

E agora? Depois de saber que a alma não é sã o que faço do meu corpo?

E agora? Que me sinto também entorpecida, por o corpo não saber da alma enternecer?

A alma está doente e o corpo ficou inerte.

As forças dissiparam-se não tendo a alma sã.

O corpo, esse, esse está igualmente doente, porque a alma se foi e não tem com quem brindar. Ambos se procuram, tentam à viva



força um reencontro maduro e natural, mas de tão esgotados que estão, os caminhos que percorrem, levam-nos apenas para encruzilhadas sem destino e trilhos sem direcção.

O que faço do meu corpo sem alma?  
O que faço da minha alma sem corpo?

Separei-os e agora não consigo novamente uni-los.

Alma que partiste e do meu corpo fugiste.  
Corpo que perdeste a tua alma sem registo.

Dizei-me o que fazer para Vos ter de novo comigo, mesmo doentes,  
saberei de Vós cuidar, como sempre cuidei e sempre amei.





## SENTIMENTOS AGRACIADOS

Os sentimentos não se agradecem, eles por si só já são agraciados. As desculpas não se pedem, elas por si só devem ser evitadas.

São palavras, são frases que aprendi a incluir numa vida que é minha.

São amigas, são faces que me sentem ao me ouvirem apenas na escrita.

Não sei porque sim nem porque não, mas a comunicação para mim tornou-se mais fácil desde que aprendi a escrever para me ler.

Quem sabe um dia eu te escreva e, assim, talvez me consiga fazer ouvir.

Não pelas palavras proferidas, mas pelas palavras então escritas.

Talvez ao me leres e não ao me ouvires, consigas saber o que tanto tento dizer, mas que não consigo a não ser desta maneira, assim, com a escrita, com a solidão e, até com os momentos em que divago, nos pequenos detalhes que fazem a diferença nos grandes nadas, mas sei que ao ler o que escrevo, também sei que saberás ler-me falando palavras soltas sem som.

Aprendi a viver assim.

Aprendi a viver comigo.

Aprendi a conviver comigo.

Aprendi que os sentimentos sejam eles bons ou maus, são todos eles devidos de um enorme respeito, são todos eles força de uma natureza humana ainda desconhecida por muitos, por isso, são igualmente merecedores de um apreço e tributo sem igual.

São eles, estes sentimentos que a vida me tem ensinado a interiorizar, que comandam a própria essência do saber viver, que desafiam o choro e o sorriso, que alimentam o ódio e a paixão, que fomentam a guerra e a paz, que confundem o ciúme e a razão.

São eles, estes sentimentos agraciados com responsabilidades



associadas, à ausência de desculpa, mas nunca à culpa, que me permitem viver com um sorriso, criado de forma apaixonada e renascendo esta paz interior que todos nós buscamos, mas nem todos encontramos.

Por isso te escrevo para que me leias, para que me oiças na escrita, para que saibas que existo, escondida, é certo, mas existo e vivo também.

Por isso te escrevo, porque aprendi a comunicar, assim, desta forma falada sem som, no meio da minha solidão, no meu mundo sem chão e no meu espaço sem tempo.

Por honrar-te e respeitar-te é que aprendi também a falar sem voz, a conversar com os dedos e até a sorrir sem lábios.

Por isso, agracia-me sem culpas e desculpas.  
Prometo que saberei honrar-te, sentimento, porque saberei igualmente amar-te.



## UM CONVITE PELA JANELA

Fiquei sem chão e não pedi.

Fiquei destroçada e sofri.

Envergonhei-me, não por mim, mas por ti.

Apaixonei-me, não por mim, mas por ti.

Apavorei-me também, espantei-me e agitei-me se preferires, ao ouvir-te de olhos ferozes e gritos abafados, crueldades gritantes e palavras afanadas.

Assustaste-me, espantaste-me com essas sequências ilógicas de atitudes inesperadas e imprevistas.

Provocaste o caos e abandalhaste as palavras.

Feriste de faca afiada e indiferença sem partilha.

Desdenhaste o amor.

Penitenciaste o carinho.

Desleixaste o encanto.

Abandonaste o afecto e convidaste a raiva, o ódio, a crueldade e a dor com choro de pavor.

Fechei a porta para tais convidados não entrarem, pois deles apenas queria distância.

Abri uma frecha na janela para o ar conseguir respirar, assim, consegui apadrinhar o choro e a angústia, a saudade e a amizade, mas não consegui auxiliar o amor, não consegui que o afecto entrasse pela frecha da janela e, me viesse beijar na tez que não a dela.

Os sentimentos impróprios de humanos desumanos impediram a sua entrada, por eles não terem entrado e ter-lhes sido vedado a janela e a porta.

Mas por afecto, carinho, amor e protecção tudo se encanta e nada desencanta.



Não foi pela porta, não foi pela janela, também pela chaminé não foi, apenas esmiuçaste um buraco de trinco sem chave e, por lá entraste com convite de honras e plateias desesperadas, que por ti chamavam e clamavam, para que pudesses apenas num momento, num pequeno instante, espalhar amor e espantar o ódio.

Conseguiste, mas as forças evaporaram-se e, agora sem elas o que fazes se delas necessitas para em outras casas partilhar, o que na minha não chegaste sequer a conseguir, ou seja, fazeres-te apenas sentir, para que a harmonia reinasse e a paz habitasse.





## CULPA RESPONSÁVEL

Tenho a cabeça esgotada, o corpo cansado e a alma dorida.  
Não consigo dormir nem tão pouco descansar ou esquecer.

Esquecer-me desta vida sem vida e desta dor sem dor.  
Esquecer-me de mim para poder esquecer-me de ti.

Construí cada pedaço desta família que tanto amo, sem referências de bom senso e, mesmo assim, quis construí-la com regras e normas aos quais padronizei de serem as mais correctas para uma vida. Por isso, chorei igualmente cada lágrima com dores de revolta e paixão, com dores de coragem e determinação, mas a família seria sem sombra de dúvida, o pilar que sempre quis e nunca tive.

E agora? Depois de uma luta dura, nua e crua, deparo-me com a incerteza de saber se algum dia terei eu sido amada, se algum dia terei eu sido agraciada, porque a luta que sempre me acompanhou pediu-me que a soltasse e, eu sem saber o que fazer estou como um sem abrigo, sem saber agir, sentir ou pensar.

Será que algum dia terei sido amada por ti?  
Será que algum dia terei sido a mulher que sonhaste?  
Será que algum dia lutarias por mim como luto incessantemente por ti?

Como é possível o amor e o ódio andarem de mãos dadas?  
Como é possível num minuto dizeres amares-me, mas no minuto a seguir sentires o oposto?  
Como é possível cegares ao ponto de deixares a crueldade tomar conta de ti?

Estarás tu cego de amor enciumado e orgulho ferido ou, estarás tu cego de ódio sem rumo e de uma vida sem sentido?

Não importa, o facto é que a cegueira, seja ela de origem harmoniosa ou não, apoderou-se de ti impedindo-te de sentires com a razão e viveres com a paixão.



Por isso, assim são as minhas noites e os meus dias.  
As noites deixaram de ser tranquilas e os dias deixaram de sorrir  
com raios de sol.

E a minha vida que, sempre em ti se focou é agora o espelho da tua  
indiferença perante mim, como se o meu corpo fosse lixo, como  
se a minha alma estivesse doente e os meus pensamentos fossem  
impuros.

Tens que concordar que para uma mulher que sempre fez da vida  
uma luta com honra, que sempre quis apenas amar e ser amada,  
se sente demasiadamente magoada, amarga até na sua postura  
comportamental, por a teres ferido naquilo em que ela sempre  
acreditou, na pureza da alma, no sentimento e na família.

Sei que já nada sentes por mim, que para ti sou o nada e a  
insignificância, pois fazes de mim a indiferença de uma pessoa que  
desprezas sem o mínimo remorso ou razão, mas o que é um facto  
é que o fazes e, fazes sempre repetidamente e cada vez com mais  
força e acutilância, cada vez com mais determinação e abandono,  
cada vez com maiores pormenores de revelação de um homem  
impuro, por se ter deixado corroer pela ganância e pelo poder.

Por isso e mais uma vez, assim me encontro, num corpo cansado  
com cabeça a estostrar e com alma dorida.

As penitências sem culpa são cruelmente mais devoradoras da  
inocência sem receio, ocupando o seu lugar mas deixando sempre  
espaço para acreditar que afinal a culpa, também me acompanha.

Serei eu culpada ou apenas responsável pela quota-parte que me  
pertence sê-lo?

Não sei, por isso me encontro assim, com horas por preencher com  
sono descansado, com momentos para esvaziar a tristeza e enchê-  
los de alegria, por isso me sinto assim, abandonada até na própria  
indiferença que faz toda a diferença.



## PROJECTO - HOJE

Amália, mulher reconhecida quer a nível nacional quer a nível quase mundial, foi feita pela sua voz rouca que fazia sentir quem dela quisesse ouvir.

Contudo, e, pese embora o seu reconhecimento que pode ou não ser inegável, a sua voz tinha uma tendência, não só para atropelar as palavras, não as permitindo soltarem-se da sua boca, mas também para as arrastar, tornando-as sem alma, por as mesmas não conseguirem ser reconhecidas pelo seu próprio significado.

As palavras, a voz que a solta, a nitidez com que devem ser proferidas e até, a melodia que as devem acompanhar, têm e devem ser factores primordiais para que as mesmas se possam fazer sentir, para que as mesmas possam ecoar na alma de quem as solta e na graça de quem as segura.

A expressão corporal fala sem palavras, sem dúvida, mas as palavras associadas a essa mesma expressão, torna-se numa completa partilha de emoções em que tudo se sente e tudo se faz sentir.

Na voz de Sónia Tavares as palavras soam a transparência com alma de diva, rasgam-se e debatem-se para se soltarem com o grito, mas também com o silêncio.

Fado cantado por uma mulher de alma quente, deve ser fado melancólico, mas ao mesmo tempo soberbo, por nos aquecer a mágoa e fazer dela a alegria de saber o que é tristeza.

Sónia, mulher que deu voz à alma, mulher que soltou o fado e calou o silêncio, é incomparavelmente a diferença de cantar com alma de palavra quente.

Fernando e Paulo são igualmente vozes caladas, notas que se fazem sentir pelo som do fado, que os fez gritar, ousar e rebuscar até o próprio vento, para que dele sentíssemos falta, e com ele aprendêssemos a amar com alma fria aquecida pelo pranto.



Nuno, mentor do projecto de nome “Amália”, mas com nome próprio de “Hoje”, pois sem ele, sem “Projecto-Hoje”, talvez Amália fosse apenas amada por uma geração, sem tirar qualquer partido do sofrimento que a vida lhe deu, para que a morte a imortalizasse.

Por isso, “Projecto-Hoje” sem voz de Amália, com música renovada e cantada com almas várias, conseguiram o que a própria Amália nunca em vida conseguiu. Uniram três gerações num único concerto, num único álbum, e fizeram nascer e nunca renascer, fizeram brotar e nunca reviver, os rasgos de vozes com alma sentida que sempre foi amado por uns e desprezado por outros.

Amália, a ti te devemos a vida, pois sem ela, este projecto não existiria, mas a nós devemos igualmente a vida, porque criámos alma cantada no fado português, que se tornou apreciado não por uns, mas sim por todos.

Parabéns para os “Projecto-Hoje” sem voz de fado, mas com alma de gente e inspirado em Amália.





## ACONCHEGASTE-ME O MEDO

Sim, aconchegaste-me o medo, viraste a página e fortaleceste-me a alma.

Defendeste-me de terceiros, pois sabes que apesar de toda esta exteriorização de fortaleza sem forte, apesar de todos estes muros sem muralhas e, por detrás de todo este rigor e furor, existe uma pessoa que se acanha e se agita também.

Existe uma pessoa que não deixa de ser pessoa, por se sentir ferida e magoada.

Não deixo de ser pessoa por me mostrar sem qualquer pudor, por mostrar como os meus próprios sentimentos são feitos também eles de fina folha de papel, que se desfazem quando se molham apenas com uma lágrima, que ficam sem rumo quando escrevem por cima deles, que se rasgam quando me cortam e me ferem.

E quando isso acontece, sinto-me assim, indefesa, sem coragem e calada, quase distante e ausente, mas sinto.

E quando isso acontece, sabe tão bem saber que existe alguém que me olha e me acolhe, que me busca e me acode, que me sente e me protege.

Não importa como, não importa porquê, não importa onde, importa sim o acto, importa sim o gesto, o que está por trás do gesto, o que está para além do acto.

Importa sim saber que não quero mais sentir este medo do receio, não quero sentir-me novamente “atacada”, porque dói tanto, mas tanto, que talvez eu não seja feita de pele e osso e seja apenas feita de fina folha de papel.

Não mais quero que aconchegues o meu medo, se não tiveres que o fazer, é sinal que estarei bem, caso contrário, aconchegar-me-ás e eu beberei novamente desse veneno que me mata, não pelo ódio, mas sim pelo amor.



## SIMPLES E INEXPLICÁVEL SAUDADE

Tenho saudades.

Saudade das nossas gargalhadas, saudade dos nossos devaneios de rua, saudade da nossa descarada cumplicidade.

Tenho tantas saudades.

Saudade do nosso silêncio que só nós saberíamos interpretar, saudade do nosso código de namoro sem tocar, saudade de nós.

Tenho esta estúpida nostalgia que me remete numa constante para o nosso bem-estar, que me remete para um estado de preocupação imutável e para um sentimento inexplicável.

Tenho mágoas e tristezas, alegrias e euforias, mas tenho saudade, saudade que faz de mim um ser sem saber apreciar tudo o resto, por saudade sentir e dela não conseguir fazer esquecer o que de bom aconteceu e o que de mau sucedeu, apenas porque a saudade ficou e o resto partiu.

Tenho saudades.

Tenho tantas saudades que não consigo sentir nada a não ser o sentimento de ter.

Tenho tantas saudades que nada consigo sentir a não ser a presença da saudade.

Escrevo com saudade e leio com saudade.

Vivo da saudade e existo com saudade.

Adormeço com saudade e acordo igualmente com saudade.

Por isso, digo que tenho saudades e que sinto saudade.

Por isso, assim fico, assim estou, saudosa...

Saudosa de ti.

Saudosa da saudade, que por ti chama e por ti proclama.

Saudosa da saudade de gargalhar, abraçar e até chorar.

Tenho saudades.

Tenho tantas saudades que já nada sei sentir, sem ser a saudade que em mim habita e pernoita, vive e define-me.

Mata-me com saudades saudáveis, mas nunca com a dor da saudade.



## PENA

E quando pensamos que a dor que nos atropelou está a sarar, nova ferida se abre, sem deixar curar a investida da primeira.

Sabia que me farias mal.

Sabia que me farias muito mal.

Sabia que iria perder a noção do bom senso.

Sabia que iria cair, sabia que iria doer, mas não sabia o quanto, sabia apenas que iria sofrer.

Fizeste-me tanto mal, mas tanto mal que perdi a noção do que é ser uma pessoa equilibrada, do que é ser uma pessoa sensata.

Tu és, foste e serás sempre o desequilíbrio. Apenas não podias nem devias usar esse teu desequilíbrio para fazeres de ti a super, a inatingível, a famosa, a que tudo diz e acontece, a que tudo faz e depois quando vejo, quando olho, quando sinto interiormente, deparo-me que não fui mais do que uma marioneta do teu ego.

Deslumbras para te sentires viva, encantas apenas para te sentires e, afinal não és mais do que uma pobre coitada, que nada sabe fazer, nada sabe dizer e nem tão pouco sabe escrever.

Metes pena, não tenho pena por ti, tenho pena de ti, aliás nem pena tenho, porque consegues alimentar-te, habitar e vestir-te às custas da pena, da tua pena, da pena que as pessoas por ti têm, da própria pena que tu de ti tens, e até fazes questão de a evidenciar.

Sem ela, sem elas, serias o nada, aliás és o nada, pois de pena nada tens e apenas usas e abusas de jogos sedutores para atingires fins impróprios de humanos desumanos.

Um dia cairás e quando esse dia chegar, estender-te-ei a mão. Mas apenas o farei porque sei ser a diferença, sei ver a diferença entre um desgraçado e um sem abrigo.

Consegues ser pior que um sem abrigo, ele pelo menos suplica para viver, tu suplicas para existires sem saberes o que é viver...



Prometo-Me que de ti jamais pena terei, seria demasiado injusta para aqueles que de facto merecem pelo menos este sentimento.

Mas afinal.... Tu és pena, tu és a pena... que pena eu tenho de ti...





## SUSPIRO CALADO

Sinto-me estupidamente esgotada.

Os gritos já não os oiço.  
As ofensas já não as sinto.  
O sarcasmo já nada me diz.  
O ódio já não exige presença.

Mas sinto-me cansada.

Sinto-me alienada deste mundo perfeitamente imperfeito.  
Sinto-me um bicho-do-mato ou até uma ave rara.  
Sinto-me desapegada das coisas e da vida.  
Sinto-me cruelmente incompreendida.

Estou estranhamente pacífica.

As palavras atiradas como pedras já não me atingem.  
A indiferença começa a contagiar-me sem dela nunca ter gostado.  
A solidão vai ganhando cada vez mais terreno e a distância segue o mesmo rumo.  
O silêncio aproveita-se da culpa e da inocência e instala-se para me amparar.

E assim me sinto, e assim vou vivendo.

Camuflando a dor e enganado o prazer.  
E assim vou existindo, vivendo sem vida.  
Escondendo lágrimas e ocultando acusações.  
Calando denúncias e encobrendo ofensas.

Até quando esta cobardia vai permanecer em mim?  
Até quando esta vida sem vida vai de mim fazer parte?

Parece que não poderei soltar um sorriso sem receio da culpa.  
Parece que nos tempos de hoje é proibido ser feliz.  
Parece que é pecado desanuviar, senão a culpa vem atrás.  
Parece que a vida é feita de dúvidas e discussões cruéis.



Onde pairas paz que me abandonaste e me fizeste ver o quanto é duro viver sem harmonia?

Onde habitas sorriso inocente e me tornaste na tristeza sem rumo?

Onde pernoitas que de mim já não fazes parte e apenas me sobressaltas com os teus medos?

Diz-me onde te encontro?

Diz-me onde te procuro?

Preciso de ti, de te encontrar, de te chamar para mim para me poder acalmar.

Preciso de ti, não me abandones agora, não me deixes, não sei mais viver com esta dor que me mata a cada dia que passa, que me engole a cada minuto que se evidencia.

Se não te encontrar, porque assim o decidiste, dá-me apenas um sinal e prometo que lágrima alguma soltarei, apenas um suspiro ouvirás e para sempre me calarei.



## EM NOME DO PODER

Camufla-se a verdade em nome do poder.  
Esconde-se a corrupção em nome do poder.  
Oculta-se o facilitismo em nome do poder.

Todos vêm.  
Todos Reclamam.  
Todos Manifestam.  
Todos Indignam-se.

Contudo, quando chega o momento de confrontar o facilitismo, a corrupção e até a própria verdade, todos se calam e todos consentem.

Calam-se as hostes em nome do poder.  
Calam-se os manifestantes em nome do poder.  
Calam-se os indignados em nome do poder.  
Calam-se até os faladores em nome do poder.

Depois existem aqueles que fingem ser, mas não são.  
Outros que observam calados e falam de costas.  
Outros ainda, que manifestam palavras camufladas de ironia.  
Deixando deste modo, falar calado o facilitismo e a corrupção.

Silencioso e perspicaz, actua em nome de uma verdade que diz ser a sua, mas nunca a de todos.

Como podemos nós humanos, com todas as nossas diferenças, com todas as nossas verdades, ter o chamado “bom senso”, representar a chamada “sensatez” e até, dignificar a nossa própria espécie?

- Calamos quando devíamos falar.  
- Falamos quando devíamos calar.  
- Perguntamos quando devíamos responder.  
Pergunta quem pode.

- Respondemos quando devíamos perguntar.  
Responde quem sabe.



Quem pode responder, não responde.  
Quem pode perguntar, não pergunta.

Compactuamos com tudo e com todos, em nome de interesses próprios a que chamamos em nome da verdade e, consentimos calados o que deveria ser denunciado.

Vive-se na base no nacional porreirismo, pois vive-se numa sociedade inculta.

Passamos de analfabetos para analfabetismos universitários, pouco preparados para gerir mentalidades quando o interesse é exclusivamente do poder.

As habilitações não dão capacidades de discussão válida, credível e construtiva, mas um bom curso e uma boa licenciatura de vida, dá-nos a credibilidade e a total aptidão do dever para com o dever.

Mas não...

É mais fácil não gerir.

É mais descomprometido não ter métodos.

É mais acessível o facilitismo na base do porreirismo.

E assim se escondem dossiers brancos, recheados de segredos vazios.

E no entanto, a vida é e será sempre a melhor escola, a melhor universidade que alguma vez algum ser humano teve um dia na sua vida...





## PRISÃO SEM GRADES

Vivo na prisão de uma vida sem grades, como se tudo o que faça seja crime, seja impróprio e descabido.

Receio sair por me culpares, logo, prefiro ficar em casa.  
Receio ficar por me fazeres sentir culpada, logo, prefiro sair.

Se falo, é porque já sabia, pelo que, deveria ter-te comunicado antes.

Se calo, é porque escondo algo, logo, não sou de confiança.

Acusas-me de não saberes o porquê de eu perguntar-te – “Se não te importas...” mas sou igualmente acusada se calada ficar. Sou acusada também de fazer o que sempre quis, sendo que, se te comunico é porque escondo, se me calo é porque omito.

A memória tornou-se curta pois esqueces-te facilmente que da tua vida sempre fizeste o que bem entendeste, mas não hesitas em apontar-me que sou eu que faço o que bem entendo.

Sou economicamente independente, mas totalmente dependente do sentimento culpa.

Sou estupidamente mulher que apenas deseja ser mimada, compreendida e amada e no entanto, apenas recebo sermões calados e diálogos camuflados.

Sou prisioneira da tua vida, porque és igualmente prisioneiro dela, logo, todos os que te rodeiam têm que viver como vives, saboreando amargamente uma vida sem vida.

Damos um passo à frente e logo de seguida, damos dois para trás. Dialogamos e a um entendimento chegamos, contudo, no dia seguinte, tudo o que foi dito caiu em saco roto. Como se toda a força e compreensão daquele momento tivessem sido consumidas pela noite de sono que, provou, gostou e devorou.

Afinal o que pretendes tu?

Afinal o que pretendes de mim?



Afinal o que pretendes da vida?

Para além de me fazeres tua refém, fazes-me igualmente refém desta vida, em que o sorrir é descabido, a diversão é imprópria e, até a própria descontração e serenidade são imerecidas, apenas porque tu és incapaz de as sentires, de as gozar numa plenitude de paz para contigo mesmo.

Se ajudo, se tudo faço, sou acusada, ... “de tudo o quê?”  
Se fico quieta e nada faço, sou igualmente acusada, de calona.

De tudo sou incriminada, sou a culpada de tudo o que na tua vida acontece e, afinal nada me dás, como posso então ser culpada e/ou acusada?!

Então, pergunto-me?  
Porque não me soltas desta vida sem vida?  
Porque não te soltas igualmente e vives a vida com vida própria, sem apenas te dedicares à vida como única existência.

Já não sei contigo dialogar, não me ouves, porque apenas a ti te consegues ouvir.  
Ensurdeces-me a alma, calas-me o silêncio e afogas-me as palavras.

Elogias quando me matas.  
Ficas feliz quando te obedeco.  
E ficas manso quando me feres.  
E assim vivo eu.

Nesta vida de prisão sem grades, onde o meu único refúgio são as letras, onde a minha única amiga é a solidão e onde o meu único amparo é o silêncio.

Liberta-me...  
E eu prometo, serás feliz...



## CUMPLICIDADES

Hoje em dia a cumplicidade está em desuso.  
No meu entender cumplicidade é sinónimo de convivência, de participação, de defesa, de partilha, de tudo o que seja de facto cúmplice da própria cumplicidade mútua.

Contudo, apenas constato cumplicidades interesseiras, cumplicidades que têm como único objectivo, interesses próprios e não comuns.

As pessoas fogem e calam-se quando a fogueira arde.  
As pessoas ficam e gritam caladas para verem maior braseira.  
As pessoas aplaudem sem palmas para sentirem ferver as hostes.

É nesta cumplicidade que as pessoas se juntam.  
É desta cumplicidade que as pessoas gostam.

São cúmplices de tudo o que lhes dá prazer em ver arder.  
São cúmplices e não hesitam em falar, apenas pelo gosto de apregoar.

Mas não é desta cumplicidade que defendo e que falo.  
Esta cumplicidade não é cúmplice de nada, a não ser da má-fé, da hipocrisia, da falsidade e da imoralidade enquanto pureza.

A cumplicidade deve ser feita de partilha conjunta, em que o fim é a aprendizagem, é o ganho comum de feitos orgulhosos, mas de feitos verdadeiros, que nos fazem sofrer e chorar, porque nos custaram a alma e sentimos a dor.

A cumplicidade do falar por falar só para fazer rir, é o que demais se vê por aí.

A cumplicidade do calar porque se entende que se deve calar, é o que dá jeito naquele momento, pois de cúmplices tudo têm, mas de verdadeira cumplicidade enquanto pureza nos seus actos, enquanto firmeza das suas palavras, por acreditarem que têm convicções e por elas devem lutar, essa, essa cumplicidade não a têm.



E não a têm porque não importa ter, não vale a pena ter, não interessa muito ter, não dá muito jeito ficar mal na fotografia, enfim, apenas existe a desculpa que de facto não é nada comigo, mas não o é enquanto defesa, porque enquanto ataque será sempre, pois desta cumplicidade não se pode dispensar.

E aqui não importa se é verdade ou não, não importa no que se acredita ou não, não importa os valores que defendemos ou não, importa sim que apenas vale a pena ser cúmplice do silêncio, porque é mais fácil viver-se na base do porreirismo e da palmadinha nas costas, enquanto se sorri na frente com dentes amarelos e boca desbocada.

Desta cumplicidade está o mundo cheio e da outra? Onde paira?  
Não paira e sabem porquê?  
Porque não dá muito jeito procurá-la, dá demasiado trabalho, para além de que, não fica bem na fotografia.



## QUERIA APENAS FICAR

Queria apenas ouvir a tua voz  
Precisava de sentir o aconchego das tuas palavras  
Queria apenas sentir o teu abraço  
Precisava da protecção e dos teus amparos

Queria apenas um ombro para chorar  
Sem nada me perguntares e eu apenas estar  
Queria calada falar e até soluçar sem parar  
Queria apenas ficar, assim, junto a ti,

Sem perguntas e sem respostas,  
Queria apenas sentir que calada me ouves  
Queria apenas ouvir-te que o meu silêncio é a minha dor  
Queria apenas estar, assim, junto a ti,

Sem solidão e sem refúgio,  
Sem silêncio ensurdecedor,  
Sem lágrimas brotar,  
Sem gritos apagados,

Sem dor camuflada,  
Sem som com berros,  
Queria apenas ficar, assim, junto a ti,  
Sem perguntas e sem respostas

Sem porquês e talvez  
Sem denúncias e culpas

Talvez um dia percebas que o meu silêncio é a tua voz,  
Talvez um dia entendas que o meu refúgio é a tua companhia,  
Talvez um dia compreendas que a minha solidão é a tua amiga.

Assim, talvez eu aprenda a viver sem fugir e sem calar...  
Porque apenas queria ficar, assim... junto a ti.



## CALA-ME A VONTADE DE CHORAR

Precisava de sentir o silêncio das tuas palavras  
O eco das tuas emoções e a paz da tua desordem  
O abraço da concórdia e o beijo da saudade  
Precisava tanto de um aconchego sem interesse

Queria dormir num tempo sem tempo  
Queria acordar sem destino e objectivo  
Queria dormir apenas com preguiça  
E levantar-me com leveza de pureza

Sem obrigações e sem cansaços  
Deleitar-me e aprender a nada fazer  
Sem tentações e ilusões de confissões  
Descansar o corpo, a mente e a alma

Por isso digo...

Precisava tanto, mas tanto de te sentir falar calado  
Ouvir-te no silêncio das tuas palavras inaladas no sossego  
Tocar o respirar do teu perfume e acalmar o descanso sem manto  
Embrenhada em lençóis de branco linho

Fulminada de paz e harmonia  
Descansada sem nada fazer e pensar  
Apenas ficar e aprender a desfrutar  
Precisava de sozinha ficar

mas sempre contigo a meu lado pernoitar  
Precisava de acalmar  
este desassossego que me mata e atormenta

Precisava apenas de deixar morrer a angústia  
Precisava apenas de permitir nascer a vida

E escrevo o que queria...  
E escrevo o que muitas vezes sinto  
E escrevo o desejo da solidão acompanhada



E escrevo a ânsia por matar e a saudade de ficar

Apenas no desastre da tua vida,  
mas com amparo de feridas saradas e ventos sem tempestades

Apenas no calor do teu deserto,  
mas com cama quente e amor ardente,

Dá-me essa tormenta de paz que necessito e cala-me a vontade de  
chorar.



## TIMOR

Foi há 18 anos que me pariram.

Nasci à custa de cerca de 200 mil almas, naquele séquito inferno de consternação e mágoa, que por mim lutaram de modo a que a dor não se fizesse sentir, nesse parto que teimou em chacinar, mas vingou ao nascer.

Da terra que não tem dono e do homem que não tem terra, quiseram em mim penetrar, fecundar-me até ao mais âmago da minha alma, matar-me para não nascer e apenas existir com cúmplices nomes de crueldade e vingança.

Dei tudo de mim e de mim tudo tiraram, mas venci, mesmo que do nada tenham surgido almas espalhadas por campas não desejadas, renasci e agora vivo, em honra daqueles que por mim quedaram e, não em prol dos que em mim habitaram, com garras de guerra sem nome, por uma ambição desmedida e igualmente desumana.

Nasci, mas não cresci.

Estou ainda a amadurecer ideias e ideais, estou a parir novos feitos sem feitos, desta feita, com dor daqueles que ficaram, pela saudade dos que partiram.

Surgi, como disse, com novos cúmplices, mas agora quererei apenas ser conivente com a honra e não com a desonra, quererei apenas partilhar e fecundar vidas com sede de brincar, brindar e brilhar por motivos vários e, por muitos e muitos anos, séculos até, mas sempre lembrando que foi no dia 12 de Novembro de 1981 que, em mim elegeram a luta pela independência que apenas aos 18 se tem, mas não se vive, porque o amadurecimento dessa vida, vai longe, e apenas cresce com a dor que nos desafia.

Sei ser igual dor para muitos, como fui para aquelas almas que por mim cederam, mas sei que muitos há que por mim lutarão, apenas por acreditarem que eu posso viver em harmonia, com nome de democracia não camuflada e apenas desnudada.





fecundada e, agora renascida de almas vivas, porque nelas serão lembradas uma data que nunca foi data mas, agora é data da memória com dor.

A Vós almas, desumanamente e cruelmente chacinadas, que por mim sofreram, em cruces de Cristo e jazigos ossários, num cemitério onde a paz um dia reinou, mas nessa hora apenas matou.

A Vós almas, 18 anos depois, Vos suplico que deis nome a outras almas, desta feita, vivas e humanas, para que eu possa crescer e não apenas ficar, como que se toda a Vossa luta tivesse sido em vão, e de nada valeu terem-me oferecido o que de mais precioso temos, a vida, a nossa vida, a terra, a nossa terra, a alma, a nossa alma e a honra, a nossa honra, mas sempre sem desonra.



## A CULPA É DA DESCULPA

Hoje acordei cedo, aliás como já é frequente em mim. Fiz as minhas obrigações matinais e saí para mais um dia recheado de trabalho, problemas e preocupações. Contudo, quando acordei, sabia que iria ser um dia diferente, não sei porquê, mas sentia que a diferença iria reinar neste dia que parecia ser a usual monotonia de um dia de semana.

Já em direcção ao Colégio dos meus filhos deparo-me com a habitual falta de sensatez nos adultos, por pararem as respectivas viaturas na berma da auto-estrada, de modo a que os seus filhos e/ou educandos saltem os «rails» e a respectiva vedação do colégio e assim, não cheguem atrasados às aulas. Isto, para não falar daqueles que param a viatura no lado oposto, e os seus filhos e/ou educandos atravessam a auto-estrada sem o mínimo de cuidado e atenção por parte dos adultos.

Completamente indignada por ver tais posturas comportamentais, começo e como também é frequente em mim, a resmungar sozinha.

No entanto, deixo os meus filhos no colégio e decido dirigir-me ao posto da GNR para efectuar uma participação sobre actos insólitos de adultos pouco crescidos. Enquanto para lá me dirijo, começo a pensar alto e começo a tentar perceber de que modo iria abordar uma situação que não é factual, que não tem matéria e apenas indignação se constata.

Afinal, o que iria eu participar? A minha indignação? A falta de sensatez dos pais? O quê? Enfim, como já estava a caminho, não retornei e prossegui.

Quando lá cheguei, já toda uma revolta se tinha apoderado de mim, pelo que, tentei manter a calma de modo a não perder a compostura.

Sou atendida cordialmente por um guarda de tenra idade, em que a experiência de vida era notória pela ausência da mesma e, não pela vivência dela.



Relatei o sucedido mas sem sucedido, pois afinal comigo nada se tinha sucedido, a não ser uma indignação que em mim resolveu postar.

Resumi de forma clara e inequívoca, mas sempre meia aparvalhada o que queria denunciar sem denúncia, mas depois da parvoeira me abandonar, decidi terminar o relato da seguinte forma:

- Desculpe, mas considero um acto cívico o que vim aqui fazer, pelo que, prefiro denunciar o que à partida nem deveria ser denunciado, pois, nem deveria acontecer, quanto mais denunciar, mas acontecendo, fi-lo, de modo a não ver a carroça passar e os cães a ladrar. (Onde já li isto?!) penso eu para mim.

Posto isto, e porque não houve ocorrência factual, logo, também não houve auto. Digamos que, me senti um pouco louca, foi como se tivesse entrado num consultório psiquiátrico, deitasse, divagasse, levantasse e de seguida, dissesse apenas...

- Adeus.

O que é certo é que ingénua ou estupidamente pensei que esta minha manifestação dita cívica, iria surtir efeitos no imediato, enganei-me mais uma vez. Os dias e as semanas passaram, mas nem a GNR teve uma atitude proactiva no sentido de vigiar a entrada do colégio junto da auto-estrada, nem os pais sentiram esta minha revolta insólita, que eu estupidamente pensei poder de alguma forma passar para os mesmos. De facto devo ter uma estupidez acima da média.

A GNR continuou como se nada fosse, os pais e/ou encarregados de educação continuaram igualmente com os seus actos no mínimo insólitos e eu, ... e eu continuo com a minha indignação matinal e quem sabe, aumentando também o QI da chamada estupidez acima da média.

E quem sabe também se a vida ou a perca dela, ensine o que por bem tentei alertar.

E quem sabe também se o susto faça das dele, e visite alguém começando a demonstrar que este tipo de posturas, não são condutas próprios de gente crescida.



Mas afinal e no meio disto tudo, o que ensinamos nós? Educamos sem educação.

As crianças e os jovens crescem a pensar que tudo não passam de actos meramente formais e perfeitamente normais.

Começo a pensar que estou a viver num mundo recheado de insensatez e total ausência de bom senso. Mas também não pode ser, afinal, a estúpida aqui fui eu, aliás, sou eu... não dizem que a maioria ganha? Que a união faz a força? Pois... aqui sou sozinha, com a mania do certinho, com a mania de querer ver este mundo desequilibrado com algum equilíbrio, mas sempre com a mania...

Pois... eu e as minhas manias só me levam para um caminho, o muro das lamentações.

Lamento que eduquemos apenas para o exterior, de facto lamento que interiormente não saibamos educar, não saibamos crescer, não saibamos assumir e até não saibamos responsabilizarmo-nos.

Lamento que o acto de amar, o acto de amar os nossos próprios filhos, os nossos primogénitos, seja ultrapassado pelo acto da desculpa esfarrapada.

Nisto os portugueses são exímios ao fazê-lo, como se a desculpa fosse desculpa para tudo, como se a desculpa fosse até a própria desculpa para se ganhar razão e até, como se a desculpa fosse a culpada por ser desculpa.

Lamento uma vez mais que amemos até os nossos, com desculpas trajadas de culpas, com pretextos e justificações que nada justificam, que nada fundamentam, a não ser a desculpa que não tem culpa de ser desculpa.

E assim se passam os dias, com autoridades sem autoridade, vivendo do facilitismo até ao dia em que o fatal nos visite e depois, a desculpa que afinal não tinha culpa, passará a ser a culpada por ser desculpa.



## DIVAGAÇÃO SEM ESCRITA

Parada no meio do trânsito e a ouvir música de tempos perdidos, oído igualmente vozes de sotaque dignos de parisienses incansáveis, pela suas melodias marcantes em consonância com palavras requintadas, de um português arranhado.

O barulho da chuva a bater no vidro ecoava sobre a música, provocando uma nostalgia matinal em dias de Outono com sabor a Inverno.

Atenta ao pára arranca deste trânsito sem fim, e a ouvir melodias francesas com requintes de português, escrevo estas palavras em livro comprado para o efeito.

Escrevo, sem nada para escrever, mas escrevo para não ter que nada fazer e apenas olhar, já que parada estou e por tal, não poder conduzir.

Escrevo e preencho páginas brancas recheadas de linhas leve cinza, para se notarem apenas as sombras das letras a preto, carregadas com a força da vontade de escrever.

Mas medito ao mesmo tempo que escrevo, ao mesmo tempo que oíço e sinto, estas músicas com igual sabor a frio, e com igual aconchego sem manto.

Numa pressa sem pressa, a fila de carros começa a escoar, de igual modo a chuva escoar para as bermas, amontoando o lixo e preenchendo as poças que estavam demasiado vazias para ali ficarem, demasiado sozinhas para limpas estarem.

E eu, que já não podia escrever, pois as mãos do volante tomaram conta, calei a tinta e parei o papel, silencieiei a mente e apaguei a vontade.

Aparentemente, apenas...



## SER APENAS HUMANA

Vivemos num país que foi escravo.  
Vivemos num país que foi escravo do ódio e do rancor.

Foi escravo da própria escravidão por não saber o que é a dor.  
Se soubesse o que é a dor, talvez libertasse quem nunca deveria ser aprisionado, quem nunca deveria sentir a diferença de ser diferente, por apenas ser igual.

Igual por ser humano e diferente por ser único.

Li cada palavra de horror, senti cada lágrima retida, cheirei o queimado do lume branco, ouvi cada grito calado e saboreei a revolta de não saber o porquê.

O porquê de tamanhas crueldades.  
O porquê de tamanhas atrocidades.

Apenas para o poder e a razão reinarem lado a lado.  
Apenas para vingarem ideais sem ideias.  
Apenas para sentirem orgulho do que não pode nem deve ser um brio.

Falamos do holocausto, falamos do massacre em Díli, falamos das guerras estúpidas que apelidamos de santas mas, e as nossas? Onde estão as guerras provocadas por nós portugueses? Onde estão as guerras do colonialismo, as chamadas guerras do Ultramar que em tempos foi por mar, e agora nem mar nem terra, apenas porque passou, mas quem sabe um dia poderá voltar a armar.

Por isso me revoltei, por isso chorei, lacrimejei e envergonhei-me de ser portuguesa. De pertencer a uma nação que em tempos corroborou com atrocidades que hoje se envergonha, participou em actos de violência gratuita e barbaridades sem nome.

Sem nome sim, pois não existe denominação para apelar o que de mais selvagem o ser humano fez, o português fez, os ascendentes, os nossos antepassados fizeram, e nós de olhos



abertos mas cegos, continuamos a marcar presença com atrocidades sem nome, numa terra qualquer, deste mundo sem rumo.

Por isso não quero pertencer a nenhuma terra.  
Nem pertencer a nenhuma cidade e até a nenhum país.

Por isso não quero ter uma religião, mas várias.  
Não quero pertencer a nenhum partido, mas a vários.

Por isso não tenho pátria, nem língua, nem fala.  
Por isso sou do mundo e de ninguém.  
Por isso sou o que querem e o que não querem.

Mas independentemente do que tenho e do que sou.  
Tenho! Mas sou terra e mar, que é de todos e de ninguém.  
Tenho! Mas sou céu e ar, que é de todos e de ninguém.  
E ainda sei ser, sempre e sempre, igual a todos, mas também diferente por ser única, por ser eu, como todos e como ninguém.

Nota:

Este texto é baseado no sentimento de revolta que senti ao ler a “Sagrada Esperança” de Agostinho Neto, político e poeta de Angola, que nasceu, viveu e morreu pelo seu povo, e pela sua grandeza em querer ver um fim a um regime de exploração do homem pelo homem.



## A GRATIFICAÇÃO DE UM GESTO

Abri a página de um livro sem livro, pois a tela vingou neste mundo literário que nasceu da alma.

E é com alma que escrevo, escrevo o que sinto no momento, escrevo o que me emociona, o que me toca e o que me faz saber que viva estou.

Independentemente do que sinta, escreva, sinta dor ou alegria, choro ou sorriso, tristeza ou simplesmente ternura, mas independentemente de tudo, escrevo e escrevo sempre...

Aprendi a viver com as palavras, sei que elas me ouvem, sei que elas me escutam sem precisar de dizer;  
- Estou aqui.

Sei que por mim, independentemente da vontade que as mesmas tenham, esperarão a vida toda, para que eu apareça e as faça sentir igualmente vivas, como elas me fazem a mim.

E hoje, um dia que passou sem alegrias me visitarem, apenas umas palavras conseguiram brotar-me na cara uma lágrima de felicidade.

E hoje, quando abri neste preciso momento a página do livro sem livro, emocionei-me e encantei-me.

E hoje, quando abri a tela e li o que li, de imediato fechei-a para escrever a emoção que à porta me bateu.

Não escondo e nunca escondi os meus sentimentos, por isso, choro e escrevo de alegria por saber que mais uma pessoa gosta de mim, ou gosta de me ler, ou gosta de ler o que escrevo, mas gosta, o importante é que gosta, ou pelo menos, sinto que gosta...

Por incrível que pareça, o gesto mais simples, parece neste mundo ser o mais difícil de praticar, por isso choro, por ter sido agraciada com tamanho gesto de palavras escritas, que me alimentaram a





alma e me fizeram novamente escrever.

E afinal, é um gesto tão simples, tão fácil e tão gratificante, que se torna no maior desafio humanamente possível, apenas porque a simplicidade habita nesse gesto a que nos habituámos a dificultá-lo, apenas porque são muitas as vezes que nos escondemos com receio de sermos humanos e, afinal, não custa nada...

Abri a página de um livro sem livro, sem saber o que me esperava, sem saber o que iria ler, ao ler-lhe (Professora), chorei, emocionei-me e sem palavras fiquei, por saber que aqui não posso fazer delas a minha vida, mas farei da minha vida a vida delas.

Obrigada por me ler, obrigada por me fazer chorar de alegria e não de tristeza.



## A HONRA DA PALAVRA

E foste tu que mais uma vez não calaste.  
E foste tu que mais uma vez não compactuaste.  
E foste tu que mais uma vez não consentiste.  
E foste tu que mais uma vez não admitiste.

E nada, mas mesmo nada, foi preciso pedir-te.

Pois a quem pedi, recusei a negação desse pedido.  
Prostrei-me de desilusão por chegar à ilusão.  
Pois pedi o que não devia sequer consentir-me.

Por saber que a palavra tem peso apenas sentida no silêncio,  
e quando nesse silêncio pesa a palavra não anunciada,  
de facto apenas revela, que a palavra calada também mente,  
também machuca e também camufla por se calar e não falar.

Falaste quando todos se calaram.  
Afirmaste-te quando todos compactuaram.

Porque o silêncio também fala,  
transmite calado o que é fácil contar,  
mas não diz e nem omite, não mente,  
e nem desmente, apenas é indiferente.

Porque quem cala consente e quem fala desmente,  
lutando pela sua verdade, pois de absolutas não existem,  
mas lutando sempre, por aquela em que confia,  
por aquela que acredita ser, a sua verdade.

Fortaleceste novamente os meus alicerces,  
que por trás de toda esta aparente força exterior,  
não são mais do que fraquezas denunciadas,  
pelas feridas abertas e nunca saradas.

Por isso, confesso e desnudo-me na escrita,  
escrevo a dor da palavra, porque a dor também a atinge,  
mas escrevo igualmente a felicidade da mesma,  
sem ataques e sem defesas, pois são apenas palavras...  
porque ela sabe ser e estar à altura de ser Palavra.



## PEQUENOS RASGOS, APENAS...

Tenho saudade de ti, incrível não é?  
Como podemos nós ter saudades de uma pessoa que não  
conhecemos?

Mas temos, mas tenho.  
São as vidas cruzadas sem se cruzarem, que fazem nascer  
sentimentos destes.

E são eles, os sentimentos o nosso alimento, o alimento de uma  
vida, o saciar da alma, da minha vida, da minha alma.

São almas perdidas mas achadas.  
Achadas por quem perdido está.  
E encontradas por quem se deixou perder.

São pequenos rasgos de inspiração, que me chegam e me dão o  
devaneio de escrever sem nexos, apenas pequenas palavras com  
sentido de alma, que dela nasceu e nela permaneceu.



## PEDAÇOS

São pedaços de mim montados por pequenos nada.

São apenas imagens que fazem de mim um ser mistério com requintes de audazes sensações e que, propositadamente são acariciadas apenas por mim.

São montagens reais de pequenos pedaços que emanam uma beleza que gosto de sentir, apenas por serem pedaços pois, completos tornam-se naturalmente vulgares, comparáveis e nunca singulares.

Por isso, gosto de pedaços, de meios pedaços até, de pedaços indecifráveis e pedaços ausentes, que se deixam adivinhar sem nunca se pronunciarem.

Pedaços de corpo ou até de palavras, pedaços de fruta ou até de carne, pedaços de nada ou até de tudo, mas sempre pedaços, com requintes audazes e sabores fugazes.

Se até a vida de pedaços é feita, porque não seremos nós igualmente feitos de pedaços isolados?  
Se até a morte se revela em pedaços, porque não seremos nós esses pedaços da vida?

Apenas somos pedaços apetecíveis em vida, porque é a vida que lhe dá forma e beleza.

Quando mortos, nem pedaços nem inteiros, nem bocados nem completos, nem apenas partes nem fragmentos acabados, se tornam na beleza de um pedaço com vida.

Somos vida, somos corpo, somos alma, mas somos igualmente fragmentos de pedaços existentes em todas as vertentes, em todas as áreas, em todos os locais que possam tornar-se pedaços intemporais, com vida desejada por estar fossilizada, por isso nunca morta e apenas aparentemente adormecida, numa vida de pedaços feita de pó.



Sou este pedaço, sou um pedaço de tudo e um pedaço de nada, mas sou fragmento apeteçido que perde beleza quando morre e ganha profundidade quando petrifica.

Mas ainda assim e mesmo assim, sou pedaço autêntico e único, enquanto pedaço de alma, enquanto pedaço de corpo, jamais serei unida, jamais serei ligada, colada até por pedaços vários, por querer ser apenas um pedaço de mim.

São pedaços de mim montados por pequenos nadas, mas sou eu mergulhada em pedaços fragmentados, que emanam partes de alma igualmente estilhaçados.



## O PUZZLE DA MINHA VIDA

Estou sentada não sei muito bem onde e, à minha frente tenho algo plano e liso, algo que não consigo igualmente decifrar.

Em cima desse algo raso e polido que à minha frente se encontra, vejo uma panóplia imensa de peças pequenas que se encaixam umas nas outras.

Distraída, pego na primeira peça de tom azul celeste perfeitamente harmonioso.

Com a outra mão pego numa outra de cor esbatida desse azul celeste, misturado com um branco neve fugindo da peça. Junto-as e ambas se encaixam na perfeição, aumentado assim o tamanho do que eram duas peças para passarem a fazer parte integrante de uma só.

A harmonia aumenta e comparo-a agora essa peça maior, com o céu límpido e suave, comparo-a com a ternura das nuvens de algodão doce branco, com o calor e a alegria e, sinto, sinto essa paz que tanta falta me faz.

Volto a pegar em mais uma peça, mas desta vez a cor é de um tom verde seco e ao pegar numa outra, o tom muda igualmente, sendo agora de um castanho terra, volto a pegar numa outra e é como se não tivesse cor, olho e olho e apenas vejo uma peça quase que transparente, mas não na sua totalidade, apenas a ausência de uma cor por mais escura ou mais clara que fosse me permitisse decifrá-la, mas é apenas uma peça com cor e sem cor, mas quase e nunca totalmente transparente.

Começo a encaixá-las e não batem certo, como nas duas primeiras que encaixei. Não encaixam num perfeito estado de harmonia, sendo totalmente antagónicas, como se não fizessem parte umas das outras.

Apenas uma se encaixa em qualquer outra peça, a peça quase totalmente transparente, a peça com cor e sem cor, mas sempre indecifrável.



Pensei que estava a encaixar as peças erradas, busquei outra e mais outra, procurei mais outra e voltei a tentar novo encaixe, por forma a criar o puzzle da minha vida. Mas não consegui, não se cruzavam e voltava a tentar, não se encaixavam e eu não desisti, mas as horas iam passando e eu continuava ali, sentada não sei muito bem onde, a tentar construir uma vida num puzzle que desconhecia.

Persisti mais um pouco, até que por fim iniciei pela peça indecifrável, essa peça que parecia única e quase totalmente transparente. Encaixei a peça de cor terra e outra de cor verde seco, encaixei mais uma de cor dúbia entre o negro e o cinza, mas encaixei. De repente verifico que o primeiro conjunto que fiz, se encaixava na perfeição no último encaixe que a peça tinha, assim o fiz, e agora, uma peça que fora duas era uma peça composta de várias.

Era o puzzle da minha vida, em que poderia encaixar tantas quantas peças eu necessitasse, tantas quantas peças eu vivesse e assim, construía a minha vida. Umas vezes colorida, outras mais triste, outras ainda dúbias e outras engraçadas, mas aos poucos este puzzle ia crescendo e tomando forma, criando caminhos díspares mas também homólogos, formando um puzzle de peças sem nexos se analisadas apenas aparentemente, sim apenas aparentemente...

Os puzzles construídos e completos formam algo, formam vida sem vida, formam natureza morta e até palcos de criança, mas formam sempre algo, algo que se pode apelidar, algo que se pode decifrar, mas algo que se conhece e nos remete de imediato para um nome.

Este puzzle não. Este puzzle tinha vários caminhos, várias correntes de sabor sem aparente nexos, mas vistos de perto, não eram mais do que vidas cruzadas, não eram mais do que vidas por viver ou então já passadas, não eram mais do que escolhas ou destinos.

Mas uma era comum, uma era partilhada por todas as outras peças deste puzzle recheado de emoções fortes e francas, de sentimentos puros e duros, de determinações honrosas e fogosas, mas era perfeita no seu encaixe, quer fosse de um lado, quer fosse do outro, quer fosse de cima, quer fosse de baixo, não importa, o seu encaixe



era indiscutivelmente assertivo para ser questionado ou afirmado, encaixava e ponto.

E afinal que peça misteriosa era esta, que não tem cor mas também a tem, que é transparente mas não totalmente, que peça é esta que se encaixa no puzzle da minha vida, sendo comum a toda um vida já vivida e por viver?

Que peça é esta que faz de mim ser umas vezes alegre e outras triste, umas vezes cansada e outras enérgica, mas que conduz a minha vida, como se ela não tivesse nem caminhos nem destinos, nem atalhos e nem desvios?

É a peça sem cor mas com cor, é a água da chuva que me entristece, é a lágrima que escorre, umas vezes de alegria e outras de tristeza, é a peça transparente mas não totalmente, é a peça que me dá forças quando me derrubam, é a peça que me enfraquece apenas escondida, por isso é a base deste puzzle, por isso é a fonte da minha vida, por isso é a peça sem cor e com cor, por isso é a peça de um puzzle de uma vida vivida e por viver, uma peça transparente mas nunca totalmente.





## A BELEZA DA ALMA

As suas costas eram curvas, sinuosas até, fazendo dele uma figura pequena, alienando-se por completo do conceito do belo, padronizado e estereotipado por uma sociedade cada vez mais decadente.

A ausência da beleza física era igualmente pautada pelas suas vestes que não ajudavam a esconder o que ninguém queria ver, pois a riqueza não habitava neste ser que também foi humano, mas nunca foi visto como tal.

Escondido de dia vivia apenas de noite, escrevia as suas angústias em papel rasgado e lápis sem cor, que as crianças desdenhavam por serem já pequenos.

Felizmente as suas mãos delicadas transpareciam pureza vindo da sua alma, e com elas compunha letras que formavam frases e a seguir textos e depois contos.

E assim foi dando vida à sua existência, não um dia de cada vez, mas uma noite de cada dia. Não sabia sorrir a não ser sozinho, mas também não sabia chorar a não ser escondido.

Foi salvo pelos rasgos de papel que escrevia sem parar, foram escritos que nasceram de um corpo com alma viva, formou contos e criou fábulas, alimentou a esperança de uma vida condigna, através de rabiscos e coriscos, mas fê-lo com a dor da solidão e a mágoa da razão.

Um dia num canto da cidade as suas costas demasiado curvas denunciaram-no inerte e sem vida, com ele estavam as histórias, as fábulas, os contos de toda uma vida que observou e calou.

Hoje, as suas histórias são o alimento da noite para as crianças e o sonho dos adultos, fazendo-os viajar num tempo sem tempo e num espaço sem espaço.



Não viveu de dia e escreveu na noite, conseguiu imortalizar os seus escritos, a sua vida sem vida através de memórias soltas, puras e dignas de qualquer ser humano, que apesar de não ter sido reconhecido em vida, foi reconhecido em morte com o nome de Alma.

A beleza nasce da dor e nunca do exterior.





## EM NOME DO ESTATUTO

Nas Universidades formam-se doutores e engenheiros, médicos e enfermeiros, formam-se pessoas e adquire-se uma sabedoria especializada para se atingir numa sociedade hipócrita ditada pelo poder, um estatuto hierarquizado, mas de topo.

Contudo, não se ensinam as boas maneiras, as boas práticas, o bom senso, o equilíbrio, a razoabilidade, a humildade e a relação com o próximo.

Usa-se e abusa-se do poder para manifestar egos solitários, razões com opções, ditar regras sem partilhas, ferir e até ignorar, apenas pelo estatuto que deveria ser o princípio da relação com o próximo, mas é apenas o fim do bom senso que o berço deu e o estatuto tirou.

Tudo se pode fazer quando se tem um estatuto.

Pode-se pisar e machucar...

Pode-se roubar e camuflar...

Pode-se caluniar e culpar...

Tudo, tudo se pode porque o estatuto permite, porque o estatuto defende e sobrepõe-se à regra básica do ser humano, por isso, não pode ser chamado à atenção, não pode ser apelidado naturalmente pelo erro da acção que praticou, pois o estatuto mandou, por isso camuflou...

E afinal, nas Universidades tudo se ensina e tudo se aprende, até mesmo o domínio dos estatutos sobre a relação humana, aniquilando-a e comprometendo-a para deixar viver o status e permitir morrer a alma, honrando até a própria desonra.



## FOI UM MAR PORTUGUÊS...

Foi o mar que nos deu vida  
Foi o mar que nos deu o mundo  
Foi o mar que nos deu o saber  
Foi o mar que nos deu a essência

Dele conseguimos feitos com efeito  
Dele extraímos terras e povos  
Dele e sem saber, conseguimos saber  
Dele retirámos a nossa alma, a nossa aura

Com ele vivemos e desfrutamos  
Com ele protegemo-nos e enganamo-nos  
Com ele afundamo-nos no nosso ego  
Com ele cruzamos braços sem cabeça

É dele a nossa vida, o nosso corpo e a nossa alma  
É dele a nossa sapiência e a nossa ciência  
É dele a nossa virtude e também a estupidez  
É dele, tudo dele, nada somos... nada fizemos...

Não soubemos viver com o mar,  
Não soubemos estar com o mar,  
Não soubemos calar, até com o mar,  
Não soubemos ter presença, também com o mar

Sempre pensámos grande com mente pequena  
Sempre julgámos pequeno este grande mar  
Sempre cultivámos descrenças sem crenças  
Sempre divulgámos feitos já passados

E agora?

Agora, o mar consome-nos, engole-nos a olhos vivos pelas terras e praias, areais e areeiros, mas absorve-nos com vontade dura de devorar, com vontade esgotada de esperar que alguém por ele olhe, que alguém como português que em tempos foi, soubesse novamente dele tirar partido.



Apenas alimentamo-nos da nossa carne, do nosso ego, do nosso passado, do nosso umbigo e do nosso ventre, de resto, mais nada nos alimenta, nem o exemplo de feitos que por vezes nem foram feitos, mas poderiam ter-nos ensinado o que teimamos em não aprender, e agora?

Agora nada importa, porque o tempo esgotou-se, pois o tempo queixou-se ao mar e disse que esgotado estava por esperar e nada sentir, nada olhar, pelo tempo que nos deu e não soubemos dele aproveitar, o que era afinal o tempo no meio do mar?!

Foi o mar que nos deu vida, será o mar que a tirará.  
Invadindo terras e desbravando caminhos, percorrendo estradas e fazendo riachos.  
De um lado temos Espanha.  
Do outro temos Mar.

Portugal será anulado.  
Se não for Espanha, será pelo Mar.

Pelo Mar que em tempos foi português, mas agora não é de ninguém.



## CRENTE OU ATEU?

Se sou Crente, acredito.

Se sou Ateia, acredito.

Independentemente da escolha, acredito sempre.

Acredito na Sua existência.

Acredito na Sua inexistência.

Mas acredito...

Ora, se acredito, independentemente da opção, tenho dois caminhos, tenho duas direcções, mas tenho apenas uma escolha, uma preferência, logo, uma conclusão.

Negando a Sua existência, terei que partir do princípio base que existe, pois só assim poderei ter conhecimento para depois poder negar a Sua existência, caso contrário, não poderia nunca negar algo que à partida desconhecia, pois nem sequer sabia da sua existência...

Negando-O, afirmo a Sua existência, logo, contradigo-me... nego afirmando...

Assim, independentemente da afirmação e/ou negação, ser Crente ou Ateu dá sempre uma permissiva inquestionável... Ele existe...

Deus...



## ERA VIRTUALMENTE LITERÁRIA

Estamos a atravessar uma nova Era.  
A Era da mitologia passou,  
A Era do neo-Realismo também,

As Eras de tempos estudados e então vingados perduram sem perdurarem,  
Subsistem dentro de várias Eras que nos atravessam e trespassam,  
mas estamos a atravessar uma nova Era, uma nova Era literária,  
um novo espaço sem espaço, um novo estatuto sem governo, uma  
nova passagem, um novo caminho...

E ainda não percorremos o primeiro caminho e estamos já no segundo,  
E ainda não entendemos qual o caminho e estamos já no meio dele,  
E ainda não perguntámo-nos, porquê este caminho e estamos já a questioná-lo,  
E são tantas as dúvidas, as respostas sem perguntas e as perguntas sem resposta...

Que cada vez mais me perco nos livros associados a esta nova Era,  
não uma Era política ou determinista, não uma Era literalmente filosófica ou existencialista, mas uma nova e revolucionária Era  
que move gerações e revolta outras, que gere tentações e adultera novas,  
mas que fecunda-nos fundo sem nos apercebermos, que penetra-nos na alma e desnuda-a sem corpo,  
mas é e será esta nova Era que ditará futuras gerações sem delas entendermos a sua  
origem quanto mais o seu estado adulto...

E porque agora tudo se revoluciona, tudo se questiona, tudo se pode e nada se justifica,  
tudo acontece e nada se cria, digo que esta será a Era da Literatura Virtual,  
pois aqui tudo se cria e nada se transforma, pois está desnudado o que sempre teve a nu e apenas quisemos ver a sua aparente transparência quando dela necessitámos...

Era Virtualmente Literária...será esta a sua única preocupação, o seu nome... qual o nome que deve vingar neste pequeno grande mercado aparentemente livre...



## ADOLESCÊNCIA

Adolescência.

Uma juventude conturbada pela incerteza da certeza.

Chegaste ao auge da puberdade e tudo te aflige.

Queres ser único e invejado.

Queres ser o melhor, mas também o pior.

Fazes por ser o melhor naquilo que não deves ser, apenas para dares nas vistas e criares amizades de momento, que depois te atraíam no dia seguinte.

Fazes também por ser o pior pela falta de gosto e vontade em esforçares-te para seres alguém, mas que não te apetece neste momento vencer.

É a fase estúpida da adolescência.

É a fase pura e parva em que apelidam de prateleira e também de armário, nunca soube muito bem o porquê...

Provocas dissabores e desafias bons costumes.

Alheias-te do mundo fechando-te num mundo teu.

Sofres calado e fazes chorar quem mais te ama.

Tudo por causa de ti, adolescência.

Tudo por causa de ti, crescimento.

Tudo por causa dessa certeza de incertezas que não são mais que incertezas das certezas.

Adulto em tamanho e criança na mente.

Calas-te para ouvires a revolta.

Revoltas-te por sentires o teu silêncio.

E falas para dentro, por não poderes gritar, bater ou até mesmo fugir.

Fugir do mundo, da vida e de ti.





Perderes-te para de seguida cresceres e rapidamente te arrependeres.

É a fase da revolta, do choro calado, do motim do silêncio e da estupidez sem nexos.

Porque te atravessas na minha vida?

Porque atinges tu os meus filhos, tornando-os incompreensíveis aos olhos do mundo e tornando-me incompreendida aos olhos deles?

Porquê, adolescência com vida própria que podes matar sem crescer...?



## UMA ALMA SEM CORPO

Se ao menos eu tivesse um local para te venerar.  
Se ao menos eu soubesse onde te encontrar.  
Se ao menos tu fosses terra, flor ou cinza.  
Se ao menos tu fosses santuário, campa ou cova.

Saberia contigo chorar.  
Saberia contigo ficar.  
Saberia contigo falar.

Chorávamos a vida e a morte,  
As desgraças e as alegrias,  
As lembranças e as esperanças,  
Mas chorávamos juntos.

Agora...

Não tens terra nem mar,  
Não tens morada nem cemitério.

E eu quero falar-te e sentir-te, mas não sei para onde me dirigir.  
Tudo porque o tempo se antecipou e levou-te.  
Tudo porque alguém de ti não quis saber.

Sei que estás comigo, porque te sinto.  
Mas não sei onde te encontrar, porque fugiste.  
Pairas em parte incerta, e nem o teu corpo sobrou, nem os teus  
ossos viveram.

Onde estás, Pai?  
Porque não cuidas de mim?  
Porque não cuidas dos teus netos?

Preciso de ti, Pai.  
Os teus netos de ti precisam.

Onde estás, Pai?



## A VERDADE DA MENTIRA

Caminhamos para o caos.

Caminhamos para a descrença em que a mentira, a falsidade e a hipocrisia são soberanas.

A escravatura que todos pensávamos já ter sido abolida, existe agora com contornos bem diferentes, mas igualmente marcantes.

Massacra-se psicologicamente.

Ameaça-se a integridade e a honra das pessoas, arrastando famílias e inocentes de tenra idade, estendendo-se também a de idades conturbadas.

São marcas que não se vêem, mas que se sentem.

São marcas invisíveis ao exterior, mas revoltas no interior.

O poder que em tempos foi distribuído, parece agora encontrar-se novamente num estado absoluto.

Receiam-se represálias e acobardam-se calando.

Falam apenas superficialmente, deitando achas para a fogueira, mas quando chega a hora da verdade receiam serem queimados, amedrontam-se cobardemente e calam o que falaram.

Caminha-se para um poder absoluto, para uma monarquia camuflada, vestida de camaleão que joga alto mas sem escadote, por isso não cai.

E quando cai, existem outros reinados que se coligam aos aparentemente perdidos, transformando-se em vítimas e culpando a razão.

E é assim que redobram forças, ganham novo poder e enfraquecem os humildes.

Caminha-se sem escrúpulos.

Caminha-se nas pedras da corrupção.

Elevam-se trovoadas e tempestades para esconder a chuva inunda.



E afinal?

Que país é este que lutou por uma democracia?  
Que país é este que lutou pela igualdade de direitos,  
E matou pela liberdade e igualdade social?

Que país construímos se não sabemos construir o nosso lar?

E afinal?

Que país se julga tão poderoso pelo dinheiro que não tem?  
Que país vive de status e aparências que não detém?  
Que país julga estratos sociais e dá razão à culpa e à ganância?

Culpam-se inocentes e inocentam-se culpados.

Rapidamente o caos se instala pela inércia dos órgãos competentes,  
pelo jogo de pingue-pongue das autoridades que deveriam ser  
soberanas, mas apenas são absolutas.

E afinal? Existe ou não a verdade absoluta?

Com a corrupção a ganhar terreno,  
Com o poder a fazer o que entende,  
Com a ganância a matar sem razão,

Existe uma única verdade, a verdade da mentira.



## EU QUERO, MAS NÃO SOU...

Já escrevi isto vezes sem conta.  
Já senti isto demasiadas vezes.

Sinto que me estão a matar  
Sinto que me querem mudar  
Sinto que me estão a aniquilar  
Sinto que me querem apenas...

Querem consciente e ou inconscientemente,  
Mas querem-me transformar numa outra Ana,  
Numa outra pessoa, que não eu.

E por isso,  
Já não sei quem sou.  
Já não sei o que faço.  
Já não sei nada.

As críticas são tantas e unânimes que começo a tomar consciência  
que de facto não sei nada nem sou nada.

Apenas queria sentir que sei escrever,  
Apenas queria sentir que me respeitam e gostam de me ler.

Escrevo para me ouvirem gritar o desespero.  
Escrevo por me sentir criticada de forma cruelmente destrutiva.

Eu quero aprender, quero saber aprender, gosto de ser ensinada e  
sei que sei aceitar toda e qualquer crítica, desde que seja de forma  
humilde e igualmente construtiva.

Será que sou assim tão má?  
Sem corpo e sem alma que nem dedos me chegam para explicar o  
que sinto?  
Será que sou assim tão inércia?  
Sem cultura e sem sabedoria que nem a mente me invade para  
escrever com a alma?



Mas é assim que sei ser...

Porque me querem mudar?  
Porque me querem ofender?  
Porque me querem camuflar?

Apenas porque quero aprender, mas não consigo?  
Apenas porque luto e luto e luto, mas nem sequer chego a saborear  
os frutos podres do chão?

Porquê?  
Porquê este desespero em não saber lidar com a negação?  
Porquê?  
Porquê cansar-me e matar-me, para depois... nada, mas mesmo  
nada me aquecer e me entender como sou, o que sou e porque o  
sou...



## **OS PÉS TAMBÉM SÃO ALMA,**

Os pés são o equilíbrio,

São o corpo e a alma,  
São a vida e a morte,

Os pés seguram-nos e amarram-nos a eles,

São eles que nos levam e trazem,  
São eles que nos indicam e cerram caminhos,

Mas também,

Os pés são sempre os mais esquecidos do nosso corpo,  
Os pés são sempre os que apelidamos de mais feio que temos,

São os que mais maltratamos,  
São os que não os vemos nem os tocamos diariamente,

Mas eles estão lá,  
Eles estão a amparar-nos,  
Eles carregam-nos em forma de fardo ou não, mas carregam-nos,

E nós?  
Nós esquecemo-los,  
Nós fugimos com eles, mas também fugimos deles,

E afinal são nossos, são nossa pertença infinita em que apenas choramos por eles quando eles nos abandonam e nos magoam,

Magoamo-los tantas vezes, e nada fazemos para minimizar essa dor, uma dor que afinal também é nossa e nos magoa também...

São nossos, são os nossos pés que nos elevam e nos fazem dançar, nos fazem caminhar correr, rodopiar até...

São os nossos pés que nos equilibram e nos sustentam, nos suportam e nos agarram com o corpo e com a alma de gente cigana que também ama...



## CULTURA PORTUGUESA

Cultura Portuguesa, a saber que, Eduardo Lourenço tem um papel principal na filosofia portuguesa, na literatura, na cultura como um todo, estudo e aprendo, deliro até com este homem que nos faz pensar alto.

Por isso, escrevo palavras mortas esquecidas no tempo, amassadas pelo mesmo de tanto uso que lhes deram.

Deram vida a muitos, estas palavras já não faladas, que estiveram atentas nos intelectuais que despertaram Portugal para uma consciência que ainda não vingou.

Eu apenas tentei ser um desses intelectuais questionando o que fui e o que sou, o que quero e para onde vou, mas de todo, consegui.

Lourenço, seguidor de Antero «Geração de 70» é um marco na nossa história da literatura. Escreve palavras encontradas aqui, em Portugal, e liga-as à Europa, não as amassa nem as esquece como comigo acontece.

A mim apenas me chegam aquelas palavras que todos entendem mas nada dizem, nada soletram, por estarem gastas e velhas pelo tempo, pelo uso que tiveram na boca e na mente de todos nós, que as falámos e as pensámos.

Os termos próprios, as ideologias, as palavras certas faltaram-me na hora em que delas mais precisei. E eu que as aprecio e as bajulo como ninguém, que lhes dou vida e carinho, que as alimento com os meus textos e pensamentos, mas elas a mim apenas me testaram e eu chumbei.

Estou infinitamente cansada, esgotada por ser questionada pela forma como escrevo e no modo em que escrevo.

Estou sem saber escrever o que sou, por estar numa constante a escrever o que querem que eu escreva, o que querem que eu seja, mudando estilo e forma, alterando o modo e a essência.





Estou a perder-me no esquecimento e na dúvida pelos outros.

Já não escrevo histórias lindas de encantar, agora escrevo apenas desabafos de diários inúteis e passageiros que nada ensinam e apenas destroem, corrompem e aniquilam um ser.

Matam-me porque não me permitem ser “eu”, ter o meu “eu”, o meu próprio idiolecto com todo o meu espírito lírico, é certo, mas meu e que em mim sempre habitou.

Afinal estudo e aprendo, mas perco a minha essência e a minha vida, porquê? Para quê?



## A MORTE DE UM LEITOR ETERNIZADA POR UM LIVRO

Folheio um livro, pego nele e cheiro-o  
Cheiras a pó e sabes a bolor  
Mas alimentas-me a fome e a sede  
Sacias-me a vontade e a preguiça

Penstras-me na alma e fazes de mim teu par  
Folheio-te em cada página para sentir o teu bolor  
Desfolho-te para te ler e ouvir o teu pó saltar  
Entrelaço-te em mim para eu em ti perder-me

Sacudo-te de tão velho que estás  
Mas tão pouco uso te deram, que agora  
Cheiras a mofo, mas sabes melhor que quando novo  
Pois ainda não tinhas mãos que te marcavam

Poucas mãos por ti passaram, e as que em ti pegaram  
Deixaram os seus vestígios e os seus sinais

Não foi o vento que te levou o pó  
Não foi a chuva que te lambeu o mofo  
Não foi a terra que te apagou as marcas  
Não foi o ar que te roubou as farpas

Fui eu que te senti e que te roubei  
Fui que te cheirei como animal de quatro patas  
Devorei-te como fera nua e desnudada  
Mas amparei-te, saboreei-te e fecundei-te

Agora sem pó e sem bolor, sem mofo e sem pudor  
És meu porque me nutres, alimentas e fortaleces-me  
Sacias-me a sede e a vontade, a preguiça e o desejo,  
Satisfazes-me o delírio e apregoas-me o anseio

Eu de ti cuido,  
Lambo-te o pó e perfume-te com o teu bolor



Antigo, envelhecido, velhinho antiquado, és assim  
Com cheiro a mofo e com odor a idoso

Mas é assim que gosto, por isso te alimento  
Leio-te sem mexer para em ti nada morrer  
Dar-te-ei a vida numa estante velha e esquecida  
Que um dia acordará e recordará o que sempre foste

Aquele livro sem nome e sem dono, sem verdade e crueldade  
Mas aquele livro que alguém escreveu e um dia amanheceu  
Um dia alguém te leu, lambeu-te e cheirou-te, para depois  
Te sentir e devorar-te, e agora que foste também eu me vou

Para dar voz a outras mãos e prazer a outras mentes...



## CORRUPÇÃO

Anda nas ruas conosco  
Frequenta a mesma escola que nós  
Cresce ao nosso lado  
Vive debaixo de vários tectos

Rotula-nos sempre que quiser  
Provoca-nos para ficarmos iguais  
Transfigura-nos pela nossa impotência  
Marca-nos pela inércia de quem pode

E assim, desde muito, muito pequenos ficamos logo a saber o que é caminhar lado a lado com esta maldita figura que se apodera de nós, e nos machuca, nos derruba e nos tira do sério.

Lutamos, apelamos, ajoelhamo-nos perante as instituições que deveriam zelar por nós, pelos nossos, por todos, mas a incompetência, a inércia e a falta de bom senso habita e dá largas à imaginação a quem dela gosta e protege.

Alienando-se por completo do que é a ética, do que são valores morais, cívicos e pedagógicos, ela instala-se no berço de uma nação e faz dela o que quiser, julgando-a, e destruindo-a por completo.

E apenas uma mão luta, porque a outra tem que segurar os seus, para não deixar levarem o que é nosso por direito próprio.

Mas ela mesmo assim e ainda assim, quer em mim e nos meus instalar-se para me julgar e caminhar lado a lado comigo.

Nego-te, nego-a por não te querer a meu lado, por não te querer dar a mão, muito menos abraçar.

Lutarei e até poderei o equilíbrio do bom senso perder, mas antes perder-me por amor, que deixar-me levar pelo ódio que tu chamaste e os fracos te seguiram.

Serei forte para dar forças a quem delas necessita,



Serei lágrimas e angústias,  
Serei impotência e lamúrias,  
Serei tudo o que quiseres para me derrotares

Mas em mim jamais saberás habitar,  
Porque de ti nada quero,  
Muito menos tu, como te apelidas

Andas abraçada com a justiça  
Dormes na mesma cama da razão  
E depois esfaqueias o raciocínio  
Para de ti ficarem pendentos

E poderes dizer Corrupção...



## **SOU BICHO DESÉRTICO DE SEDE SOLITÁRIA**

Sou bicho solitário  
Sou bicho-do-mato

Fiquei assustada e escondi-me no deserto, escondi-me no mar,  
escondi-me no mato.

Escondo-me de ti porque não sei quem és, e temo-me por sentir  
o que anseio mas não posso, não me permito, pese embora  
queira, para me sentir viva e amada, encurralada e tentada, mas  
esconderei até mais não, este estado de estúpida solidão que me  
aconchega o medo e o receio, de dizer não e querer dizer sim.

Virei isto... virei bicho-do-mato que não sai e não fala, não convive  
e não cala.

Escrevo para falar o que não calo e pronuncio.  
Escrevo nesta imensa solidão que acompanha quem apenas  
rabisca, quem apenas disserta ou tertúlia, quem apenas me  
compreende que é este o modo de vida que quero e não consigo,  
que anseio e não atinjo, que desejo e não penetro.

Porque gosto de escrever, de ensinar calada e também falar  
sentada, assim como estou agora, sozinha neste mar imenso de  
teclas e teias sem fim, de rabiscos e coriscos por escrever cada  
palavra que me solta da boca que alimento, com frases que me  
chegam à mente, e não percebo muito bem como.

Apenas escrevo para depois ler e limar disparates, ou até, verificar  
assertividades que se soltaram dos meus dedos, sem gemido mas  
com sentido.

Puxo os cabelos e as ideias regressam, oiço música, não. Letra, oiço  
letras, oiço letras poéticas cantadas baixinho, e nelas me revejo  
como que um ego sem pejo.

Quero ser este bicho desértico de sede solitária.  
Se o conseguir, saberei que serei jubilada e até quem sabe, talvez



amada...e mesmo assim e ainda assim, serei eternamente mulher desejada e bajulada, apenas por trás desta tela que não é mais do que a efémera e tentadora posição do desejo de querer ser... assim, esta mulher partilhada...





## CONTRASTE

Entreí no meio de algo que eu própria não consegui descrever.

Era uma espécie de quarto sem paredes. Tinha quatro vigas a segurar um toldo de cor branca que caía até a meio da suposta parede que deveria existir.

Abaixo desse toldo nada existia, nem janelas, nem tecidos, nada, nada mesmo.

Apenas a aragem passava, e deixava-se aconchegar entre o calor deste quarto sem paredes, e a vida que existia lá fora recheada de neve imaculada.

Deitei-me num leito com aroma a coco, e aconcheguei-me nas toalhas cândidas de cores pastéis que me aqueciam o corpo despido de roupas.

As velas dançavam ao som da aragem que o quarto sem paredes deixava entrar. Ao dançarem brilhavam com cores quentes de Verão, e aqueciam com som de Inverno o quarto sem janelas de apenas quatro vigas.

Era um contraste que não fazia sentido.

Para lá deste suposto toldo existia o gelo numa visão nua e crua, um gelo que afinal aquecia e não gelava, pois a sua aragem entrava sem licença pedir, e aquecia as velas e o meu corpo, apenas com o sopro da sua pequena mas grandiosa força.

Fui olhando e sentido.

Senti mãos quentes a massajarem-me o corpo.

Eram perfumadas e oleadas igualmente com aroma a coco, com elas acompanharam toalhas quentes e húmidas, que pelo meu corpo passaram e visitaram os cantos mais recônditos que nele existe.

Fui sentindo calor e apreciando a vista lá fora que aparentemente gélida estava, mas apenas na visão, pois quando do leito saí, coloquei o pé sobre a neve branca e imaculada, e em vez de frio





senti calor e aconchego.

O gelo era quente e o sol não aquecia. A tenda era um toldo ou uma casa sem paredes, as janelas eram o nada e o aquecimento era a aragem, o alimento era o coco e o perfume o seu toque. Das mãos nada sei, apenas senti-as e não defini-as.

Quis perceber este contraste de branco quente e de amarelo frio, mas apenas senti estar num local diferente, viver o nunca vivido e estranhar o que era naturalmente estranho, pelo menos para os humanos.

Sentei-me novamente no leito e ali quis permanecer, vislumbrar nua uma vida aparentemente gélida, e sentir o calor do contraste que me arrepiava, apenas por não ter habituado a vista a esta sensação que o corpo se acostumou.

Era o contraste, o oposto do que me acostumei no mundo dos vivos, pois eu estava num mundo diferente, num mundo imaculado que parecia estar morto mas não estava, encontrava-se apenas adormecido para os vivos e acordado para os líricos.



## PUBERDADE

Feriste-me com a tua natural frontalidade de adolescente.

As tuas palavras, a frase que com elas formaste foi de uma acutilância sem fim.

O teu olhar fingido, o teu sorriso malandro, a tua falsa modéstia, a tua mentira sem verdade, tudo, mas tudo em ti me doeu, me feriu e me magoou.

Como foi possível chegares ao ponto de dizeres que não confiavas mais em nós?

Como foi possível chegares ao ponto de dizeres que temos sido injustos para ti?

Quando a confiança nunca foi quebrada, quando por ti tudo fazemos, quando em ti pensamos, choramos, mendigamos e imploramos até...?

As lágrimas calaram-se, pois supliquei também a elas, que se fechassem nesse momento.

A angústia começou a tomar conta de mim, o desespero visitou-me, a solidão começou a pesar-me e a ferida aumentou, encontrava-me completamente perdida.

Senti e revivi o meu passado vivido agora por ti. Compreendia-te e revoltava-me por não te conseguir ajudar, por me sentir impotente e incompreendida também, quando, à partida sabia que, afinal, tu também te sentias assim.

Ouvia-te gargalhar, sentia-te despreocupado, sem culpa ou remorsos, como se não fôssemos nada nem ninguém para ti.

E assim, fui escrevendo, a tua adolescência sem fim, revivida por mim e vivida por ti.

E assim, fui calando o choro e guardando a mágoa...

Mas não perdi, também não ganhei, pois impus-me quando devia impor-me e deixei que tu próprio tomasses as tuas decisões, deixei-



te crescer com a dor que cresci e que quis proteger de ti, contudo, não consegui, por isso, cresceste e crescerás com a dor que senti e com a revolta que vivi ao rever-me em ti e nada fazer para de ti saber cuidar, amparar e até mimar.



## BAILE DE FINALISTAS

Era uma sala ampla, ou melhor, um salão, mas também não era bem um salão, era uma espécie de pavilhão polivalente transformado em salão.

Faltavam ainda umas horas e eu já me sentia eufórica.

Ajudava nos preparativos, subia escadote, descia escadote, enfeitava as paredes e pintava os pilares. As mesas de pingue-pongue eram arredadas para os cantos e serviam de apoio para a comida, para a bebida e outras coisas mais que iriam servir de alimento para a noite.

Subia e descia diversas vezes as escadas que me levavam ao palco, lá sentia-me única, seleccionava os discos vinil e ouvia sem parar as músicas que mais mexiam comigo, fintava olhares com os focos de luzes, e brilhava ao som da bola de espelhos que rodava, e não sabia sequer o que era a palavra “tonta”, pois, ela não padecia de tonturas e quanto mais rodava mais eu me agitava.

A noite caiu e a música agarrou-me, estava tudo a postos, os adolescentes vestiam os seus melhores fatos.

Elas vestiam para arrasar, disputavam penteados e maquilhagem, eles disputavam laços e suspensórios, sapatos e brilhantinas, era o furor de uma noite anual, uma noite que movia adolescentes de todas as zonas, se fosse preciso, não dormiam a pensar nessa noite, estudavam afincadamente nos últimos tempos para serem recebidos como os melhores, era a grande noite de finalistas, o grande baile onde nos podíamos mostrar como na realidade gostaríamos de ser.

A música começava por ser calma e, todos sem excepção, encostavam-se às paredes, elas de um lado e eles de outro, cochichos e mais cochichos faziam parte do encanto, olhares trocados e desviados com fingimento cúmplice eram igualmente o desafio entre todos.



O centro do salão estava vazio, apenas as bolas espelhadas no chão dançavam sozinhas à espera que alguém se lembrasse de as acompanhar, mas a timidez e o receio de fazer má figura era grande, e, todos esperavam que alguém desafiasse a pista para assim poderem juntar-se.

Coloquei uma música que mexia com os pés, com o estalar de dedos, com o abanar da cabeça, e aos poucos, todos dançavam acanhados sem saírem do lugar, encostados às paredes como se fossem elas os seus pares.

Por fim e com uma vontade louca de dançar, devanear-me solta de preconceitos, desligo as luzes para fazer braço de ferro com a timidez.

Dirijo-me à pista, e, no meio dela sem mais ninguém para me acompanhar, a não ser as bolas reflectidas no chão pela bola de espelhos, começo a soltar-me sem ser vista, começo a abanar os pés, as mãos, a cabeça, o corpo, tudo, mas tudo em mim começou a fazer ritmo com a música, aos poucos as luzes quiseram acompanhar-me, e com elas, outros jovens juntaram-se.

Todos numa euforia constante dançámos e dançámos e dançámos e dançámos...

A liberdade tomou conta de nós, a sensação de chorar de alegria, a sensação de sermos únicos porque jovens, a sensação de sermos jovens e não sabermos, era a realidade mais apetecível e encantadora de uma inocência sem precedentes, era o querer ser bonita, o querer ser diferente, o querer mostrar para nos bajularem, o querer dançar por nos sentirmos bem, libertos, livres, encantados por sermos o que somos, jovens na sua clara e inequívoca mas também derradeira vontade de desafiar, o que na época era censurado, a dança.

Era apenas a dança, o arrepio na espinha, o tremor na barriga, os pés trocados, os corpos deliciados, os braços levantados, tudo pela dança, pela vontade de dançar até não poder mais, era a nossa dança, era a nossa forma de sermos jovens, era a nossa maneira de mostrarmos alegria, era a nossa irreverência, apenas a dança.



Contudo, ligada a ela estava a desgraça que os adultos apelidavam de drogas e álcool.

Mas não, essas ficaram de fora, nem sequer no pavilhão ingressaram, essas, mesmo com bilhete comprado e até oferecido não entraram, não deixámos nada nem ninguém estragar a noite por que tanto lutámos, queríamos esta noite para mostrarmos que a dança não é cúmplice da droga ou do álcool, por isso, queríamos desmistificar nesta noite, apenas nesta noite o facto de podermos sonhar, sonhar acordados, mas sonhar.

Conseguimos vencer a batalha de uma guerra que nunca foi nossa, por isso, mostrámos que a dança é força, é determinação, é vontade própria, é garra, e assim, dançámos, saltámos, pulámos, cúmplices da música que não parava, da letra que berrava e das vozes que soltavam, mas éramos principalmente cúmplices da dança, do baile e da vontade de morrer a dançar, da vontade da noite não acabar, da vontade da vida nunca terminar, apenas queríamos dançar e dançar e dançar... até que a noite dormiu e o dia acordou...

Tempos mais tarde nasceram as matinés, e com elas dançámos tardes inteiras de fins-de-semana sem parar, depois, chegaram as soarés, e agora, nem bailes de finalistas, nem matinés, nem bailes de garagem, nem soarés, agora, agora são apenas madrugadas sem pista de dança, sem música dançável e sem jovens inocentes...

Agora o som é outro, a dança é outra e a música é igualmente outra... Serei eu a adulta que em tempos defendia a dança e agora temo por ela...?



## CAMINHEI COM AS ALMAS

Hoje caminhei no meio das almas.  
Tentei não as despertar, mas o meu andar atraçou-me e não  
consegui calar o calçado. Apenas na terra batida silencieei os passos  
e adormeci o barulho.

Vagueei sem rumo mas com procura.  
Procurei amparo e solidão,  
Busquei a recordação e a emoção,  
Vivi e revivi momentos, mas não vi quem procurei.

Por isso, apenas vagueei por entre campas e jazigos, túmulos e  
sepulturas, tumbas de terra e até campas escondidas pela relva,  
perdidas no mato e esquecidas das gentes também, e como por  
quem procurei não encontrei, devaneei no meio das almas e  
aconcheguei-me com elas no meio da solidão.

O silêncio era interrompido apenas e só pelo chilrear dos pássaros,  
de vez em vez, quando saía da terra batida, era igualmente  
invadido pelo meu calçado, por isso, descalcei-me e andei de  
sapatos na mão e descalça no chão, a vaguear no meio do tudo e no  
meio do nada.

Passsei e acarinhei, fiz companhia às almas e elas de mim cuidaram.  
Encantei-me com o mistério para lá do próprio mistério, pois  
estava em paz.

Afinal, estava no meio das almas e delas não posso ter medo,  
pois nada fazem, apenas se atormentam com o que os vivos lhes  
causam, mas elas, quietas, impavas e serenas, nada fazem a não ser  
encolherem-se para dar lugar a outra alma.

Um lugar que aparentemente fresco é sufocante, para quem vê e  
sente, mas sempre delirante e até aconchegante, para quem nele se  
deita e não vê, não sente, não ouve e não cheira.

É apenas um lugar sem sol e sem mar,  
É apenas um lugar sem som e sem ar,



Mas é um lugar na terra, com alma de gente e corpo ausente.

Por isso, mais uma vez vaguei sozinha, mas sempre acompanhada com almas várias que de mim cuidaram, por eu delas desconhecer mas cuidar também, silenciando o andar e acompanhando a solidão.

Hoje caminhei no meio das almas.  
Vagueei sem rumo mas com procura.  
Procurei amparo e solidão,  
E vivi uma grande emoção...





## DISSERTAÇÃO DA ALMA

Alma?!

O que é isto de Alma?

Não a vejo, não é palpável...

E será que se pode dizer que se sente?

Afirmo vezes sem conta:

-Dói-me a Alma...

Será que me dói mesmo a Alma?

Será que a Alma pode sentir dor?

Como posso afirmar algo que nem sequer sei que existe?

Será que sei o que é a Alma?

Será que o que me fere não será outra coisa e não a Alma?

O mesmo posso dizer da Aura?!

Se não a vejo nem a sinto, será que ela existe?

Aura, Alma...

Palavras soltas que fazem sentido associadas a sentimentos e estados de espírito vagos. Aqui está outra palavra que não a vejo, Espírito.

Será o Espírito parte do meu 'eu'?

Iniciei com a Alma, cheguei à Aura e agora estou no Espírito.

É o espírito que me questiona se a minha Alma tem Aura...

Com três palavras sem aparente significado dei-lhes um atributo aliado a uma frase que pode fazer sentido, mas não será ela alienada da vida térrea?

Outra questão que me invade a mente e visita o meu subconsciente. Aliás, é ele que agora escreve o que conscientemente sabemos mas, nem sempre questionamos.



Alma, Aura, Espírito, Subconsciente...

Quantas mais palavras irei eu encontrar nesta dissertação que tem como pano de fundo apenas a questão?

Muitas, tantas quantas eu quiser, tantas quantas eu aprofundar, tantas quantas eu sentir, mesmo que não saiba exactamente que Alma é esta que tenho e, que dizem ser Aura de um Espírito que habita conscientemente no meu Subconsciente...



## **PALAVRA BANIDA**

Fiquei sem eira, sem beira...

Bloqueei as palavras, pois delas apenas escrevo o que já nem consigo transmitir.

Talvez a falta de escrita me tenha atraído neste bloqueio. Talvez a culpa da preocupação ou até das preocupações a mais, me tenham feito sentir que as palavras estão presas, sem conseguirem sequer soletrar-se para se desatarem ou até se soltarem.

Tenho a alma desfeita e quem sabe até, perdida, pois, sem eira, sem beira fiquei.

Sem sustento próprio quedei e até sem conforto para poder encostar-me um pouco, como que eu ouse até ser alguém que não eu, mas que me tenha em aconchego e amparo.

As lágrimas ficam presas...

As palavras presas ficam...

E, eu escravizo-me nelas para poder viver condignamente, para poder escrever a minha alma que procura conforto e só encontra confronto.

Uma alma que esperava estar, permanecer ou até ficar, nem que fosse no seio da solidão, pois o hábito fez deste retiro a sua casa, em prol da suposta consolação.

Queria apenas apoio nas palavras soltas de almas puras, mas pelo contrário, recebo somente o apoio de almas revoltosas por se sentirem igualmente cansadas, injustiçadas e até maltratadas pela vida que é ingrata, não se cansando inclusive de ser madrasta.

Terei eu novamente que ser palavra de conforto quando dela mais preciso?!

Terei eu que ser novamente alma quieta e serena para acalmar os espíritos que teimam em revoltar-se?!



Que assim seja:

Serei uma vez mais apoio,  
Lágrima escondida e palavra banida.

Serei uma vez mais silêncio incompreendido, por compreender a  
revolta que no ar paira, surgindo do nada para manifestar outras  
tantas palavras que magoam, ofendendo até o meu calar, apenas  
por me sentir assim, com jeito de gritar...



## **PALAVRA DISPENSADA...**

Entrei na sala e já sabia o que me esperava.

Senti no corpo que me tremeu sem eu perceber, o que me iriam falar ou até desnudar.

A palavra que há muito queriam soltar, acabara por se prolongar nos dias e nas semanas. Não encontravam a forma correcta de a desatar, porque sabiam iria me magoar.

Aliás, o que eu há muito de igual modo pressentia e escondia, talvez por medo ou receio, talvez por cobardia ou comodismo, talvez por nunca a ter ouvido na primeira pessoa dirigida a mim.

A palavra soltou-se, mesmo que não quisesse ser fria a palavra em si tornou-se gélida, percorrendo-me o corpo e a mente, atravessando a alma e travando a lágrima.

Doeu-me ouvi-la.

Doeu-me tanto, mas tanto senti-la a fazer parte de mim... ou melhor, eu dela fazer parte...

Saí da sala com a palavra a tentar acomodar-se em mim e, eu com ela lutava, pois, nada com ela queria e muito menos pretendia que ela em mim habitasse, pernoitasse e até vingasse neste mundo que ela tanto faz questão de fazer parte.

Guardei as lágrimas para a solidão, sorri porque queria esconder-me de todos e de ninguém, mas igualmente por todos e por ninguém queria igualmente ser abraçada e amparada.

Apenas permaneci sozinha com as lágrimas a fazerem-me companhia, os pensamentos a de mim cuidarem e o silêncio no meio do barulho a tomar de mim conta.

Calei-me quando deveria falar.

Falei quando deveria calar.



E agora aqui estou, no meio de todos e de ninguém, mas pertencente a um mundo que julguei nunca ser o meu, que julguei dele não fazer parte mas, um dia tinha que ser, um dia teria que prová-lo e senti-lo, só assim saberia dar valor aos que nele já habitam e nós apenas desdenhamos, não por desprezo em si, mas pelo facto de ouvirmos, calarmos e consentirmos.

Agora sou eu...

Agora a mim também me calhou...

Agora também eu faço parte deste mundo desempregado que de mim toma conta sem eu dele saber cuidar. Porque no outro mundo, outros valores se levantaram e anseios em mim despertaram por me sentir assim...

Desprezada pela palavra que ouvi.

Fútil e também inútil foi o que senti.

Incompreendida por me ver ser a pedinte, outra que ficou assim, desempregada porque não presta, não serve, não brilha...

E afinal, é apenas uma palavra, a palavra que tanto tememos e receamos apenas e só por a banirmos, pois o mundo lá fora dela não necessita. Estremecemos só de a pronunciar quanto mais deixá-la em nós habitar.

Receio ter chegado a minha hora, pois ela em mim permaneceu sem culpa ou remorso, ela em mim quis ficar e de mim cuidar, como se eu precisasse dela para a minha existência, por isso me atropelou e afundou, para que eu não pudesse soltar um ai, um gemido de dor por sentir mas não mostrar, por me ferir mas não desvendar.

Apenas provou-me, testou-me e gostou.

O gozo que lhe deu em captar mais uma para o seu mundo, como se eu fizesse parte da sua colecção que faz questão de construir, como se eu fosse mais um dos seus troféus de caça sem nome mas com número, fez de mim mais um sabor para aumentar a dor que gosta de provocar sem tão pouco se preocupar.

Deixei em mim ficares sua estúpida palavra que, de mim fizeste ser a despedida pela palavra demitida, pela palavra dispensada...



Conquistaste mais um troféu sua hipócrita e cínica palavra,  
sua dissimulada e fingida palavra que compuseste a frase  
intrometendo-te nela...

- Lamento, mas estás Dispensada!





**ÍNDICE**

PALAVRAS PRÉVIAS	5
SIMPLESMENTE EU	9
A OUTRA MARGEM	11
DESABAFO	14
O PIOR E O MELHOR	15
MUTANTES DA VIDA	16
CAMINHOS AUSENTES	17
NÃO MAIS LUTAREI	19
PROSTITUIÇÃO INTELECTUAL	21
IGREJA SOLITÁRIA	24
ETERNAMENTE TUA SEREI	27
CHOQUES DE HONRA	29
MULHER MÍSTICA	31
A VELHA E OS LOUCOS	33
MARIONETAS DE PALAVRAS	35
UMA VIDA PASSADA	36
VIDA QUE HÁ EM MIM	37
ERICEIRA SEM FIM	38
ESTRANHA SOLIDÃO	39
HOMENS ESCONDIDOS	40
HOJE CHORO	41
UM DIA ESPECIAL	42
HOVE UM DIA	44
DIVORCIAR SENTIMENTOS	46
VIDA DESENCANTADA DE ENCANTO	48
UM QUARTO VIRADO PARA O CÉU	50
CÓDIGOS DA ALMA	52
É QUASE UM SONHO	53
NUMA ESCOLA DE LISBOA...	54
REPOUSAR O CAOS	55
BOÉMIA	56
EDUCAR A ALMA	57
NECESSITO DE MIM	58
ESPANTARAM-ME O SONO	59
A VISITA DA SAUDADE	60
HOJE VI UMA BORBOLETA.	62
CONCERTO DE VERÃO	64
SEM TÍTULO	66
EU QUERIA 40 E AINDA SÓ TENHO 39...	68
ESTRELA SEM CÉU	69
SEM MEIAS MEDIDAS, APENAS SENTIDAS	70
A INSPIRAÇÃO NASCE DA PAIXÃO.	71



SILÊNCIO	72
DESCULPA	73
FALSAS CUMPLICIDADES	74
PEQUENOS DETALHES	76
A SÚPLICA DE SER AMADA	77
DÓI-ME... E SEM ENERGIAS ME APAGA	79
NÃO SOU PESSOA	80
NADA!	81
PASSION IN TANGO	82
ÚNICOS	84
MATURIDADE	86
MULTIDÃO SOLITÁRIA	88
SOMBRA	89
O ENVELOPE	90
O DIA APROXIMA-SE E O PARTO TAMBÉM...	92
E DA ALMA NASCE UM LIVRO	94
HUMMRRRR, QUE RAIVA!	95
VOZES DE RÁDIO	97
PALAVRAS ROUBADAS	100
CRUELDADE	102
SARCASMO	103
ANGÚSTIA	104
VEJO SOCIALMENTE...	106
REFÉM DA CULPA	108
DOR ACOLHIDA	109
MANIFESTAÇÕES DE VIOLÊNCIA	111
SENTIMENTOS AGRACIADOS	113
UM CONVITE PELA JANELA	115
CULPA RESPONSÁVEL	117
PROJECTO - HOJE	119
ACONCHEGASTE-ME O MEDO	121
SIMPLES E INEXPLICÁVEL SAUDADE	122
PENA	123
SUSPIRO CALADO	125
EM NOME DO PODER	127
PRISÃO SEM GRADES	129
CUMPLICIDADES	131
QUERIA APENAS FICAR	133
CALA-ME A VONTADE DE CHORAR	134
TIMOR	136
A CULPA É DA DESCULPA	138
DIVAGAÇÃO SEM ESCRITA	141
SER APENAS HUMANA	142
A GRATIFICAÇÃO DE UM GESTO	144
A HONRA DA PALAVRA	146



PEQUENOS RASGOS, APENAS...	147
PEDAÇOS	148
O PUZZLE DA MINHA VIDA	150
A BELEZA DA ALMA	153
EM NOME DO ESTATUTO	155
FOI UM MAR PORTUGUÊS...	156
CRENTE OU ATEU?	158
ERA VIRTUALMENTE LITERÁRIA	159
ADOLESCÊNCIA	160
UMA ALMA SEM CORPO	162
A VERDADE DA MENTIRA	163
EU QUERO, MAS NÃO SOU...	165
OS PÉS TAMBÉM SÃO ALMA,	167
CULTURA PORTUGUESA	168
A MORTE DE UM LEITOR ETERNIZADA POR UM LIVRO	170
CORRUPÇÃO	172
SOU BICHO DESÉRTICO DE SEDE SOLITÁRIA	174
CONTRASTE	176
PUBERDADE	178
BAILE DE FINALISTAS	180
CAMINHEI COM AS ALMAS	183
DISSERTAÇÃO DA ALMA	185
PALAVRA BANIDA	187
PALAVRA DISPENSADA...	189
ÍNDICE	193





